COLEÇÃO ALVES
Nesta coleção serão publicadas obras celebres de autores nacionaes
e extranjeiros
ao modico preço de 1$000 cada volume, formato 16 francez

J. DE ALENCAR

O GUARANY

ROMANCE BRAZILEIRO

NOVA EDIÇÃO

TOMO SEGUNDO

FRANCISCO ALVES & C.[A]
RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 166
S. PAULO — Rua de S. Bento, 65 || BELLO HORIZONTE — Rua da Bahia
«A EDITORA»
50, Largo do Conde Barão, 50
LISBOA
1910

TERCEIRA PARTE

OS AYMORÉS

I

A partida

Na segunda-feira, eram seis horas da manhã, quando D. Antonio de Mariz chamou seu filho.

O velho fidalgo velára uma boa parte da noite; ou escrevendo ou refletindo sobre os perigos que ameaçavam sua familia.

Pery lhe havia contado todas as particularidades de seu encontro com os Aymorés; e o cavalheiro, que conhecia a ferocidade e espirito vingativo dessa raça selvajem, esperava a cada momento ser atacado.

Por isso, de acordo com Alvaro, D. Diogo, com seu escudeiro Ayres Gomes, tinha tomado todas as medidas de precaução que as circumstancias e sua longa experiencia lhe aconselhavam.

Quando seu filho entrou, o velho fidalgo acabava de selar duas cartas que escrevera na vespera.

— Meu filho, disse elle com uma lijeira emoção, refleti esta noite sobre o que nos póde acontecer, e assentei que deves partir hoje mesmo para S. Sebastião.

— Não é possivel, senhor!... Afastais-me de vós justamente quando correis um perigo?

— Sim! É justamente quando um grande perigo nos ameaça, que eu, chefe da caza, entendo ser do meu dever salvar o reprezentante do meu nome e meu herdeiro lejitimo, o protetor de minha familia orfan.

— Confio em Deus, meu pai, que vossos receios serão infundados; mas se elle nos quizesse submeter a tal provança, o unico lugar que compete a vosso filho e herdeiro de vosso nome é nesta caza ameaçada, ao vosso lado, para defender-vos e partilhar a vossa sorte, qualquer que ella seja.

D. Antonio apertou seu filho ao peito.

— Eu te reconheço; tu és meu filho; é o meu sangue juvenil que gira em tuas veias, e o meu coração de moço que fala pelos teus labios. Deixa porém que os cincoenta anos de experiencia que desde então passaram sobre minha cabeça encanecida te ensinem o que vai da mocidade á velhice, o que vai do ardente cavalheiro ao pai de uma familia.

— Eu vos escuto, senhor; mas pelo amor que

vos consagro poupai-me a dôr e a vergonha de deixar-vos no momento em que mais precizais de um servidor fiel e dedicado.

O fidalgo proseguiu já calmo:

— Não é uma espada, D. Diogo, que nos dará a vitoria, fosse ella valente e forte como a vossa: entre quarenta combatentes que vão se medir talvez contra centenas e centenas de inimigos, um de mais ou de menos não importa ao rezultado.

— Que assim seja, respondeu o cavalheiro com enerjia; reclamo o meu posto de honra, e a minha parte do perigo; não vos ajudarei a vencer, porém morrerei junto dos meus.

— E é por esse nobre mas esteril orgulho que quereis sacrificar o unico meio de salvação que talvez nos reste, se, como temo, as minhas previzões se realizarem?

— Que dizeis, senhor?

— Qualquer que seja a força e o numero de inimigos, conto que o valor portuguez e a pozição desta caza me ajudarão a rezistir-lhes por algum tempo, por vinte dias, mesmo por um mez; mas por fim teremos de sucumbir.

— Então?... exclamou D. Diogo palido.

— Então, se meu filho D. Diogo, em vez de ficar nesta caza por uma obstinação imprudente, tiver ido ao Rio de Janeiro, e pedido o auxilio que fidalgos portuguezes não lhe recuzarão de certo, poderá voar em socorro de seu pai, e chegar com tempo para defender sua familia.

Então verá que esta gloria de ser o salvador de sua caza vale bem a honra de um perigo inutil.

D. Diogo deitou o joelho em terra, e beijou com ternura a mão do fidalgo:

— Perdão, meu pai, por não vos ter compreendido. Eu devia adivinhar que D. Antonio de Mariz não póde querer para o filho senão o que é digno do pai.

— Vamos, D. Diogo, não ha tempo a perder. Lembrai-vos que uma hora, um minuto de tardança talvez tenha de ser contado anciozamente por aquelles que vão esperar-vos.

— Parto neste instante, disse o cavalheiro dirijindo-se á porta.

— Tomai; esta carta é para Martim de Sá, governador desta capitania; esta outra é para meu cunhado e vosso tio Crispim Tenreiro, valente fidalgo que vos poupará o trabalho de procurardes defensores para vossa familia. Ide despedir-vos de vossa mãi e vossas irmãs: eu farei tudo preparar para a partida.

O fidalgo, reprimindo a sua emoção, saíu do gabinete onde se passava esta sena, e foi ter com Alvaro que o procurava.

— Alvaro, escolhei quatro homens que acompanhem D. Diogo ao Rio de Janeiro.

— D. Diogo parte?... perguntou o moço admirado.

— Sim, depois vos direi as razões. Por agora dai-vos pressa em que tudo esteja pronto dentro de uma hora.

Alvaro dirijiu-se imediatamente ao fundo da caza onde habitavam os aventureiros.

Havia aí grande ajitação: uns falavam em tom de queixa, outros murmuravam apenas palavras entrecortadas; e alguns finalmente riam e motejavam do descontentamento de seus companheiros.

Ayres Gomes com todo o seu arreganho militar passeava no meio do terreiro, a mão no punho da espada, a cabeça alta e o bigode retorcido. Quando o escudeiro passava, a voz dos aventureiros descia dois tons; mas á medida que elle se afastava, cada um dava livre dezabafo ao seu mau humor.

Entre os mais inquietos e turbulentos distinguiam-se trez grupos prezididos por personajens de nosso conhecimento: Loredano, Ruy Soeiro e Bento Simões.

A cauza desse descontentamento quazi geral era a seguinte:

Por volta de seis horas da manhã, Ruy, em virtude do emprazamento da vespera, dirijiu-se o primeiro á escada para ganhar o mato.

Chegando ao fim da esplanada admirou-se de ver aí Vasco Alphonso e Martim Vaz de vijia, o que era extraordinario; pois só á noite se uzava de uma tal precaução, e esta cessava apenas amanhecia.

Ainda mais admirado porém ficou quando os dois aventureiros, cruzando as espadas, proferiram quazi ao mesmo tempo estas palavras:

— Não se passa.

— E por que razão?

— E' a ordem, respondeu Martim Vaz.

Ruy empalideceu, e voltou apressadamente; a primeira idéa que lhe acudiu foi que os tinham denunciado, e cuidou em prevenir a Loredano.

Ayres Gomes porém embargou-lhe o passo, e dirijiu-se com elle para o terreiro: aí o digno escudeiro dezempenando o corpo, e levando a mão á boca em fórma de buzina, gritou:

— Olá! A' frente toda a banda!

Os aventureiros chegaram-se formando um circulo ao redor de Ayres Gomes; Ruy já tinha tido ocazião de lançar uma palavra ao ouvido do italiano; e ambos, um pouco palidos mas rezolutos, esperavam o desfecho daquella sena.

— O Sr. D. Antonio de Mariz, disse o escudeiro, por meu intermedio vos faz saber a sua vontade, e manda que ninguem se afaste um passo da caza sem sua ordem. Quem o contrario fizer pereça morte natural.

Um silencio morno acolheu a enunciação desta ordem; Loredano trocou uma vista rapida com os seus dois cumplices.

— Estais entendidos? disse Ayres Gomes.

— O que nem eu, nem meus companheiros entendemos é a razão disto, retrucou o italiano avançando um passo.

— Sim; a razão? exclamou em côro a maioria dos aventureiros.

— As ordens cumprem-se, e não se discutem, respondeu o escudeiro com uma certa solenidade.

— Comtudo nós... ia dizendo Loredano.

— Toca a debandar! gritou Ayres Gomes. Aquelle que não estiver contente, que o diga ao Sr. D. Antonio de Mariz.

E o escudeiro com uma fleugma imperturbavel rompeu o circulo, e começou a passear pelo terreiro olhando de travez os aventureiros, e rindo á sorrelfa do seu dezapontamento.

Quazi todos estavam contrariados; sem falar dos conspiradores que se haviam emprazado para concertarem seu plano de campanha, os outros, cujo divertimento era caçar e bater os matos, não recebiam a ordem com prazer. Apenas alguns de genio mais bonachão e jovial tinham tomado a couza á boa parte, e zombavam da contrariedade que sofriam seus companheiros.

Quando Alvaro se aproximou todos os olhos se voltaram para elle, esperando a explicação do que se passava.

— Sr. cavalheiro, disse Ayres Gomes, acabo de transmitir a ordem para que ninguem arrede pé da caza.

— Bem, respondeu o moço, e continuou dirijindo-se aos aventureiros: Assim é precizo, meus amigos, estamos ameaçados de um ataque dos selvajens, e toda a prudencia é pouca nestas ocaziões. Não é só a nossa vida que temos a defender, e essa pouco vale para cada um de

nós; é sim a pessoa daquelle que confia em nosso zelo e corajem, e mais ainda o socego de uma familia honrada que todos prezamos.

As nobres palavras do cavalheiro, e a afabilidade do gesto que suavizava a firmeza de sua voz, serenaram completamente os animos; todos os descontentes mostraram-se satisfeitos.

Apenas Loredano estava dezesperado por ser obrigado a retardar a combinação do seu plano; pois era arriscado tental-o em caza, onde o menor gesto o podia traír.

Alvaro trocou poucas palavras com Ayres Gomes, e voltou-se para os aventureiros:

— D. Antonio de Mariz preciza de quatro homens dedicados para acompanharem seu filho D. Diogo á cidade de S. Sebastião. É uma missão perigoza; quatro homens nestes dezertos marcham de perigo em perigo. Quem de vós se oferece para dezempenhal-a?

Vinte homens se adiantaram; o cavalheiro escolheu trez entre elles.

— Vós sereis o quarto, Loredano.

O italiano, que se tinha escondido entre os seus companheiros, ficou como fulminado por estas palavras; saír naquella ocazião da caza era perder para sempre a sua mais ardente esperança; durante a auzencia tudo podia se descobrir.

— Peza-me ser obrigado a negar-me ao serviço que exijis de mim; mas sinto-me doente, e sem forças para uma viajem.

O cavalheiro sorriu.

— Não ha enfermidade que prive um homem de cumprir o seu dever; sobretudo quando é um homem valente e leal como vós, Loredano.

Depois abaixou a voz para não ser ouvido pelos outros aventureiros:

— Se não partis, sereis arcabuzado em uma hora. Esqueceis que tenho a vossa vida em minha mão, e vos faço esmola mandando-vos saír desta caza?

O italiano compreendeu que não tinha remedio senão partir; bastava que o moço o acuzasse de ter atirado sobre elle, bastava a palavra de Alvaro para fazel-o condenar pelo chefe e pelos seus proprios companheiros.

— Aviai-vos, disse o cavalheiro aos quatro aventureiros escolhidos por elle; partis em meia hora.

Alvaro retirou-se.

Loredano ficou um momento abatido pela fatalidade que pezava sobre elle; mas a pouco e pouco foi recobrando a calma, animando-se; por fim sorriu. Para que sorrisse era necessario que alguma inspiração infernal tivesse subido do centro da terra a essa intelijencia votada ao crime.

Fez um aceno a Ruy Soeiro, e os dois encaminharam-se para um cubiculo que o italiano ocupava no fim da esplanada. Aí conversaram algum tempo, rapidamente e em voz baixa.

Foram interrompidos por Ayres Gomes, que bateu com a espada na porta:

— Eh! lá! Loredano. A cavalo, homem; e boa viajem.

O italiano abriu a porta, e ia a saír; mas voltou-se para dizer a Ruy Soeiro:

— Olhai os homens da guarda; é o principal.

— Ide tranquilo.

Alguns minutos depois, D. Diogo, com o coração cerrado e as lagrimas nos olhos, apertava nos braços sua mãi querida, Cecilia que elle adorava, e Izabel que já amava tambem como irmã.

Depois desprendendo-se com um esforço, encaminhou-se apressadamente para a escada e desceu ao vale; aí recebeu a benção de seu pai e abraçando a Alvaro saltou na sela do cavalo, que Ayres Gomes tinha pela redea.

A pequena cavalgata partiu; com pouco sumia-se na volta do caminho.

II

Preparativos

Ao tempo que D. Antonio de Mariz e seu filho conversavam no gabinete, Pery examinava as suas armas, carregava as pistolas que sua senhora lhe havia dado na vespera, e saía da cabana.

A fizionomia do selvajem tinha uma expressão de enerjia e ardimento, que revelava rezolução violenta, talvez dezesperada.

O que ia fazer, nem elle mesmo sabia. Certo de que o italiano e seus companheiros se reuniriam naquella manhã, contava antes que a reunião se efetuasse ter mudado inteiramente a face das couzas.

Só tinha uma vida como dissera; mas essa com a sua ajilidade e a sua força e corajem valia por muitas; tranquilo sobre o futuro pela promessa de Alvaro, não lhe importava o numero dos inimigos: podia morrer mas esperava deixar pouco ou talvez nada que fazer ao cavalheiro.

Saíndo de sua cabana, Pery entrou no jardim: Cecilia estava sentada n'um tapete de peles so-

bre a relva, e amimava ao seio a sua rolinha predileta, oferecendo os labios de carmim ás caricias que a ave lhe fazia com o bico delicado.

A menina estava pensativa; doce melancolia desvanecia a vivacidade natural de seu semblante.

— Tu estás agastada com Pery, senhora?

— Não, respondeu a menina fitando nelle os grandes olhos azues. Não quizeste fazer o que eu pedi; tua senhora ficou triste.

Ella dizia a verdade com a injenua franqueza da inocencia. Na vespera, quando se tinha recolhido enfadada com a recuza de Pery, ficára contrariada.

Educada no fervor relijiozo de sua mãi, embora sem os prejuizos que a razão de D. Antonio corrijira no espirito de sua filha, Cecilia tinha a fé christã em toda a pureza e santidade. Por isso se aflijia com a idéa de que Pery, a quem votava uma amizade profunda, não salvasse a sua alma, e não conhecesse o Deus bom e compassivo a quem ella dirijia suas preces.

Conhecia que a razão por que sua mãi e os outros desprezavam o indio era o seu gentilismo; e a menina no seu reconhecimento queria elevar o amigo e torna-lo digno da estima de todos.

Eis a razão por que ficára triste; era gratidão por Pery, que defendera sua vida de tantos perigos, e a quem ella queria retribuir salvando a sua alma.

Nesta dispozição de espirito, seus olhos caí-

ram sobre a guitarra hespanhola que estava em cima da comoda e veiu-lhe vontade de cantar. E' couza singular como a melancolia inspira! Seja por uma necessidade de expansão, seja porque a muzica e a poezia suavizem a dôr, toda a creatura triste acha no canto um supremo consolo.

A menina tirou lijeiros preludios do instrumento emquanto repassava na memoria as letras de alguns solaus e cantigas que sua mãi lhe havia ensinado. A que lhe acudiu mais naturalmente foi a chacara que ouvimos; havia nessa compozição uns lonjes, um quer que seja que ella não sabia explicar, mas ia com seus pensamentos.

Quando acabou de cantar levantou-se, apanhou a flor de Pery que tinha atirado ao chão, deitou-a nos cabelos, e fazendo a sua oração da noite, adormeceu tranquilamente. O ultimo pensamento que roçou a sua fronte alva foi um voto de gratidão pelo amigo que lhe salvára a vida naquella manhã. Depois um sorrizo adejou sobre seu rosto graciozo, como se a alma durante o sono dos olhos viesse brincar nos labios entreabertos.

O indio, ouvindo as palavras que acabava de proferir Cecilia, sentiu que pela primeira vez tinha cauzado uma mágoa real a sua senhora.

— Tu não entendeste Pery, senhora; Pery te pediu que o deixasses na vida em que nasceu, porque preciza desta vida para servir-te.

— Como?... Não te entendo!

— Pery, selvajem, é o primeiro dos seus; só tem uma lei, uma relijião, é sua senhora; Pery, cristão, será o ultimo dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.

— Um escravo!... Não! serás um amigo. Eu te juro! exclamou a menina com vivacidade.

O indio sorriu.

— Se Pery fosse cristão, e um homem quizesse te ofender elle não poderia mata-lo, porque o teu Deus manda que um homem não mate outro. Pery selvajem não respeita ninguem; quem ofende sua senhora é seu inimigo, e morre!

Cecilia, palida de emoção, olhou o indio, admirada não tanto da sublime dedicação, como do raciocinio; ella ignorava a conversa que o indio tivera na vespera com o cavalheiro.

— Pery te dezobedeceu por ti sómente; quando já não correres perigo, elle virá ajoelhar a teus pés, e beijar a cruz que tu lhe déste. Não fique zangada!

— Meu Deus!... murmurou Cecilia pondo os olhos no céu. É possivel que uma dedicação tamanha não seja inspirada por vossa santa relijião!...

A alegria serena e doce de sua alma irradiava na fizionomia encantadora:

— Eu sabia que tu não me negarias o que te pedi, assim não exijo mais; espero. Lembra-te

sómente que no dia em que tu fôres cristão, tua senhora te estimará ainda mais.

— Não ficas triste?

— Não; agora estou satisfeita, contente, muito contente!

— Pery quer pedir-te uma couza.

— Dize, o que é?

— Pery quer que tu risques um papel para elle.

— Riscar um papel?...

— Como este que teu pai deu hoje a Pery.

— Ah! queres que eu escreva?

— Sim.

— O que?

— Pery vai dizer.

— Espera.

Lijeira e gracioza, a menina correu á banquinha, e tomando uma folha de papel e uma pena, fez sinal a Pery que se aproximasse.

Não devia ella satisfazer os dezejos do indio, como este satisfazia ás suas menores fantazias?

— Vamos: fala, que eu escrevo.

— Pery a Alvaro, disse o indio.

— É uma carta ao Sr. Alvaro? perguntou a menina córando.

— Sim: é para elle.

— Que vaes tu dizer-lhe?

— Escreve.

A menina traçou a primeira linha, e depois, por pedido de Pery, o nome de Loredano e dos seus dois cumplices.

— Agora, disse o indio, fecha.

Cecilia selou a carta.

— Entrega á tarde; antes não.

— Mas que quer isto dizer? perguntou Cecilia sem compreender.

— Elle te dirá.

— Não que eu...

A menina balbuciou córando estas palavras: ia dizer que não falaria ao cavalheiro e arrependeu-se; não queria revelar a Pery o que se tinha passado. Sabia que se o indio suspeitasse a sena da vespera, odiaria Izabel e Alvaro, só por lhe terem cauzado um pezar involuntario.

Emquanto Cecilia confuza procurava disfarçar o enleio, Pery fitava nella o seu olhar brilhante; mal pensava a menina que aquelle olhar era o adeus extremo que o indio lhe dizia.

Mas para isto fôra precizo que adivinhasse o plano dezesperado que elle havia concebido de exterminar naquelle dia todos os inimigos da caza.

D. Diogo entrou neste momento no quarto de sua irmã: vinha despedir-se della.

Quanto a Pery, deixando Cecilia dirijiu-se á escada, e achou as mesmas vijias, que depois embargaram a passajem de Ruy Soeiro.

— Não se passa, disseram os aventureiros cruzando as espadas.

O indio levantou os hombros desdenhozamente; e antes que as sentinelas voltassem a si da sorpreza, tinha mergulhado sob as espadas,

e descido a escada. Então ganhou a mata, examinou de novo as suas armas e esperou; já estava cansado quando viu passar a pequena cavalgata.

Pery não compreendeu o que sucedia; mas conheceu que o seu plano tinha abortado.

Foi ter com Alvaro.

O cavalheiro explicou-lhe como se aproveitára da ida de D. Diogo ao Rio de Janeiro para expulsar o italiano sem rumor e sem escandalo. Então o indio por sua vez contou ao moço o que tinha ouvido na touça de cardos; o projeto que formára de matar os trez aventureiros naquella manhã; e finalmente a carta que lhe escrevera por intermedio de Cecilia, para, no cazo de sucumbir elle, saber o cavalheiro quem eram os inimigos.

Alvaro duvidava ainda acreditar em tanta perfidia do italiano.

— Agora, concluiu Pery, é precizo que os dois tambem saiam; se ficarem, o outro póde voltar.

— Não se animará! disse o cavalheiro.

— Pery não se engana! Manda saír os dois.

— Fica descansado. Falarei com D. Antonio de Mariz.

O resto do dia passou tranquilamente; mas a tristeza tinha entrado nesta caza ainda na vespera tão alegre e feliz; a partida de D. Diogo, o temor vago que produz o perigo quando se aproxima, e o receio de um ataque dos selvajens, preocupavam os moradores do *Paquequer*.

Os aventureiros dirijidos por D. Antonio,

executavam trabalhos de defeza tornando ainda mais inacessivel o rochedo em que estava situada a caza.

Uns construiam palissadas em roda da esplanada; outros arrastavam para a frente da caza uma colubrina que o fidalgo por excesso de cautela mandára vir de S. Sebastião havia dois anos. Toda a caza emfim aprezentava um aspeto martial, que indicava a vespera de um combate; D. Antonio preparava-se para receber dignamente o inimigo.

Apenas em toda esta caza uma pessoa se conservava alheia ao que se passava; era Izabel, que só pensava no seu amor.

Depois de sua confissão, arrancada violentamente ao seu coração por uma força irrezistivel, por um impulso que ella não sabia explicar, a pobre menina quando se vira só, no seu quarto, á noite, quazi morreu de vergonha.

Lembrava-se de suas palavras, e perguntava a si mesma como tivera a corajem de dizer aquillo, que antes nem mesmo os seus olhos se animavam a exprimir silenciozamente. Parecia-lhe que era impossivel tornar a ver Alvaro sem que cada um dos olhares do moço queimasse suas faces e a obrigasse a esconder o rosto de pejo.

Entretanto nem por isso seu amor era menos ardente; ao contrario agora é que a paixão, por muito tempo reprimida, se exacerbava com as lutas e contrariedades.

As poucas palavras doces que o moço lhe dirijira, a pressão das mãos, e o aperto rapido sobre o coração de Alvaro n'um momento de alucinação, passavam e repassavam na sua memoria a todo o momento.

Seu espirito, como uma borboleta em torno da flor, esvoaçava constantemente em torno das reminiscencias ainda vivas, como para libar todo o mel que encerravam aquellas sensações, as primeiras de seu infeliz amor.

Nesse mesmo dia de segunda-feira, á tarde, Alvaro encontrou-se um momento com Izabel na esplanada.

Ambos ficaram mudos, e córaram. Alvaro ia retirar-se.

— Sr. Alvaro... balbuciou a moça tremula.

— Que quereis de mim, D. Izabel? perguntou o moço perturbado.

— Esqueci-me restituir-vos hontem o que não me pertence.

— E' ainda este malfadado bracelete?

— Sim, respondeu a moça docemente, é este malfadado bracelete: Cecilia teima que é elle vosso.

— Se meu, é vos peço que o aceiteis.

— Não, Sr. Alvaro, não tenho direito.

— Uma irmã não tem direito de aceitar a prenda que lhe oferece seu irmão?

— Tendes razão, respondeu a moça suspirando, eu o guardarei como lembrança vossa; não será adorno para mim, senão reliquia.

O moço não respondeu; retirou-se para cortar a conversa.

Desde a vespera Alvaro não podia eximir-se á impressão poderoza que cauzára nelle a paixão de Izabel; era precizo que não fosse homem para não se sentir profundamente comovido pelo amor ardente de uma mulher bela, e pelas palavras de fogo que corriam dos labios de Izabel impregnadas de perfume e sentimento.

Mas a razão direita do cavalheiro recalcava essa impressão no fundo do coração; elle não se pertencia; tinha aceitado o legado de D. Antonio de Mariz e jurado dar a sua mão a Cecilia.

Embora não esperasse mais realizar o seu sonho dourado, entendia que estava rigorozamente obrigado a sujeitar-se á vontade do fidalgo, a protejer sua filha, a dedicar-lhe sua existencia. Quando Cecilia o repelisse abertamente, e D. Antonio o dezobrigasse de sua promessa, então seu coração seria livre, se não estivesse morto pelo dezengano.

O unico fato notavel que se deu nesse dia foi a chegada de seis aventureiros das vizinhanças, que prevenidos por D. Diogo vinham oferecer seus serviços a D. Antonio.

Chegaram ao lusco-fusco; á frente delles vinha o nosso conhecido mestre Nunes, que um ano antes déra hospitalidade no seu pouzo a frei Angelo di Lucca.

III

Verme e flor

Eram onze horas da noite.

O silencio reinava na habitação e seus arredores, tudo estava tranquilo e sereno. Algumas estrelas brilhavam no céu; os sopros escassos da viração susurravam na folhajem.

Os dois homens de vijia, apoiados ao arcabuz e reclinados sobre o alcantil, sondavam a sombra espessa que se estendia pela aba do rochedo.

O vulto majestozo de D. Antonio de Mariz passou lentamente pela esplanada, e dezapareceu no canto da caza. O fidalgo fazia a sua ronda noturna, como um general na vespera de uma batalha.

Passados alguns momentos ouviu-se cantar uma coruja no vale, junto da escada de pedra; uma das vijias abaixou-se, e tomando dois pequenos seixos deixou-os caír um depois do outro.

O som fraco que produziu a quéda das pedras sobre o arvoredo da varzea foi quazi impercetivel; seria dificil distingui-lo do rumor do vento nas folhas.

Um instante depois um vulto subiu lijeiramente a escada, e reuniu-se aos dois homens que faziam a guarda noturna:

— Tudo está preparado?

— Só esperamos por vós.

— Vamos! não ha tempo a perder.

Trocadas estas palavras rapidamente entre o que chegava e uma das vijias, os trez encaminharam-se com todas as precauções para a alpendrada em que habitava a banda dos aventureiros.

Aí, como no resto da caza, tudo estava calmo e tranquilo; apenas via-se luzir na soleira da porta do apozento de Ayres Gomes a claridade de uma luz.

Um dos trez chegou-se á entrada do alpendre, e esgueirando-se pela parede perdeu-se na escuridão que havia no interior.

Os outros dois se dirijiram ao fim da caza, e aí ocultos pela sombra e pelo angulo que formava um largo pilar do edificio, começaram um dialogo breve e rapido.

— Quantos são? perguntou o homem que chegára.

— Vinte ao todo.

— Restam-nos?

— Dezenove.

— Bem. A senha?

— Prata.

— E o fogo?

— Pronto.

— Aonde?

— Nos quatro cantos.

— Quantos sobram?

— Dois apenas.

— Seremos nós.

— Precizais de mim?

— Sim.

Houve uma pequena pauza, em que um dos aventureiros parecia refletir profundamente emquanto o outro esperava; por fim o primeiro ergueu a cabeça:

— Ruy, vós me sois dedicado?

— Dei-vos a prova.

— Precizo de um amigo fiel.

— Contai comigo.

— Obrigado.

O desconhecido apertou a mão de seu companheiro.

— Sabeis que amo uma mulher?

— Vós m'o dissestes.

— Sabeis que é mais por essa mulher do que por esse tezouro fabulozo que concebi este plano horrivel?

— Não; não o sabia.

— Pois é a verdade; pouco me importa a riqueza; sêde meu amigo; servi-me lealmente, e tereis a maior parte do meu tezouro.

— Falai; que quereis que eu faça?

— Um juramento; mas um juramento sagrado, terrivel.

— Qual? dizei!

— Hoje esta mulher me pertencerá; entretanto se por qualquer acazo eu vier a morrer, quero que...

O desconhecido hezitou:

— Quero que nenhum homem possa ama-la, que nenhum homem possa gozar a felicidade suprema que ella póde dar.

— Mas como?

— Matando-a!

Ruy sentiu um calafrio.

— Matando-a, para que a mesma cova receba nossos dois corpos; não sei porque, mas parece-me que ainda cadaver, o contato desta mulher deve ser para mim um gozo imenso.

— Loredano!... exclamou seu companheiro horrorizado.

— Sois meu amigo e sereis meu herdeiro! disse o italiano agarrando-lhe convulsivamente no braço. É a minha condição; se recuzais, outro aceitará o tezouro que rejeitais!

O aventureiro estava em luta com dois sentimentos opostos; mas a ambição violenta, cega, esvairada, abafou o grito fraco da conciencia.

— Jurais? perguntou Loredano.

— Juro!... respondeu Ruy com a voz estrangulada.

— Avante então!

Loredano abriu a porta do seu cubiculo, e voltou algum tempo depois trazendo uma taboa longa e estreita que colocou sobre o despenhadeiro como uma especie de ponte suspensa.

— Ides segurar esta taboa, Ruy. Entrego em vossas mãos a minha vida, e nisto dou-vos a maior prova de confiança. Basta que deixeis esta prancha mover-se para que eu me precipite sobre os rochedos.

O italiano achava-se então no mesmo lugar que na noite da chegada, algumas braças distante da janela de Cecilia, onde não podia chegar por cauza do angulo que formava o rochedo e o edificio.

A taboa foi colocada na direção da janela; a primeira vez tinha-lhe bastado o seu punhal; agora porém necessitava de um apoio seguro, e do livre movimento de seus braços. Ruy colocou-se sobre a ponta da taboa, e segurando-se a um frechal do alpendre manteve imovel sobre o precipicio essa ponte pensil em que o italiano ia arriscar-se.

Quanto a este, sem hezitar, tirou as suas armas para ficar mais leve, descalçou-se, segurou a longa faca entre os dentes, e poz o pé sobre a prancha.

— Esperar-me-eis do outro lado, disse o italiano.

— Sim, respondeu Ruy com a voz tremula.

A razão por que a voz de Ruy tremia, era um pensamento diabolico que começava a fermentar no seu espirito. Lembrou-lhe que tinha na mão Loredano e o seu segredo; que para ver-se livre de um e senhor do outro, bastava afastar o pé e deixar a taboa inclinar sobre o abismo.

Entretanto hezitava; não que o remorso antecipado lhe exprobrasse o crime que ia cometer; já tinha-se afundado muito no vicio e na depravação para recuar. Mas o italiano exercia sobre os seus cumplices tal prestijio e influencia tão poderoza, que Ruy não podia mesmo nesse momento esquivar-se a elles.

Loredano estava suspenso sobre o abismo pela sua mão; podia salva-lo ou precipita-lo no despenhadeiro; e comtudo dessa pozição ainda elle impunha respeito ao aventureiro.

Ruy tinha medo: não compreendia o motivo desse terror irrezistivel; mas o sentia como uma obsessão e um pezadelo.

No entanto a imajem da riqueza esplendida, brilhante, radiando galas e luzimentos, passava diante de seus olhos e o deslumbrava; um pouco de corajem, e seria o unico senhor do tezouro fabulozo, de cujo segredo era o italiano depozitario.

Mas corajem é o que lhe faltava; por duas ou trez vezes o aventureiro teve um impeto de suspender-se ao frechal, e deixar a taboa rolar no abismo; não passou de um dezejo.

Venceu a final a tentação.

Teve um momento de desvario: os joelhos acurvaram-se; a taboa sofreu uma oscilação tão forte, que Ruy admirou-se como o italiano se tinha podido suster.

Então o medo dezapareceu; foi substituido por uma especie de raiva e frenezi que se apo-

derou do aventureiro; o primeiro esforço lhe dera a ouzadia, como a vista do sangue excita a féra.

Um segundo abalo mais forte ajitou a taboa, que oscilou á borda do rochedo; porém não se ouviu o baque de um corpo; não se ouviu mais que o choque da madeira sobre a pedra: Ruy, dezesperado, ia soltar a prancha, quando chegou-lhe ao ouvido, abafada e sumida, a voz do italiano, que apenas se percebia no silencio profundo da noite.

— Estais cansado, Ruy?... Podeis tirar a taboa; não preciso mais della.

O aventureiro ficou espavorido; decididamente esse homem era um espirito infernal que plainava sobre o abismo, e escarnecia do perigo; um ente superior a quem a morte não podia tocar.

Elle ignorava que Loredano, com a sua previdencia ordinaria, quando entrára no seu cubiculo para tirar a prancha, tivera o cuidado de passar por um caibro do alpendre, que era de telhavan, a ponta de uma longa corda que caíu sobre a parte de fóra da parede uma braça distante da janela de Cecilia.

Assim apenas deu o primeiro passo sobre a ponte improvizada, o italiano não se descuidou de estender o braço e agarrar a ponta da corda, que logo atou á cintura: então se o apoio lhe faltasse ficaria suspenso no ar, e, embora com mais dificuldade, realizaria o seu intento.

Foi por isso que os dois abalos produzidos pelo seu cumplice não tiveram o rezultado que elle esperava; logo de primeiro, Loredano adivinhou o que se passava n'alma de Ruy, mas não querendo dar-lhe a perceber que conhecia a sua traição, serviu-se de um meio indireto para dizer-lhe que estava em segurança, e que era inutil a tentativa de precipita-lo.

A taboa não fez mais um só movimento; conservou-se imovel como se estivera solidamente pregada ao rochedo.

Loredano adiantou-se, tocou a janela da moça, e com a ponta da faca conseguiu levantar a aldraba; as gelozias abrindo-se afastaram as cortinas de cassa que vendavam o azilo do pudor e da inocencia.

Cecilia dormia envolta nas alvas roupas de seu leito; sua cabecinha loura aparecia entre as rendas finissimas sobre as quaes se dezenrolavam os lindos aneis dourados de seus cabelos. O doce amortecimento de um sono calmo e sereno vendava seu rosto graciozo, como a sombra esvaecida que desmaia o semblante das virjens de Murillo; seu sorrizo era apenas enlevo.

O talho de sua anagoa abrindo-se deixava entrever um colo de linhas puras, mais alvo do que a cambraia; e com a ondulação que a respiração branda imprimia ao seu peito, dezenhavam-se sob a lençaria diafana os seios mimosos.

Tudo isto resaltava como um quadro d'entre as ondas de uma colcha de damasco azul que

nas suas largas dobras moldava sobre a alvura transparente do linho os contornos harmoniozos e puros.

Havia porém nessa beleza adormecida uma expressão indefinivel, um quer que seja de tão casto e inocente, que envolvia essa menina no seu sono tranquilo e parecia afujentar della um pensamento profano.

Chegando-se á beira daquelle leito, um homem ajoelharia antes como ao pé de uma santa do que se animaria a tocar na ponta dessas roupajens brancas que protejiam a inocencia.

Lorédano aproximou-se tremendo, palido e ofegante; toda a força de sua vigoroza organização, toda a sua vontade poderoza e irrezistivel, estava aí vencida, subjugada, diante de uma menina adormecida. O que sentiu quando seu olhar ardente caíu sobre o leito, é dificil dizer, é talvez mesmo dificil de compreender. Foi a um tempo suprema ventura e horrivel supplicio.

A paixão brutal o devorava escaldando-lhe o sangue nas veias e fazendo saltar-lhe o coração; entretanto o aspeto dessa menina que não tinha para sua defeza senão a sua castidade, o encadeava.

Sentia que o fogo queimava-lhe o seio; sentia que seus labios tinham sêde de prazer; e a mão gelada e inerte não se podia erguer, e o corpo estava paralizado: apenas o olhar sintilava, e as narinas dilatadas aspiravam as emanações vo-

lutuozas de que estava impregnada a sua atmosphera.

E a menina sorria no seu placido sono, enleiando-se talvez n'algum sonho graciozo, n'algum dos sonhos azues que Deus esparje como folhas de rozas sobre o leito das virjens.

Era o anjo em face do demonio; era a mulher em face da serpente; a virtude em face do vicio.

O italiano fez um esforço supremo, e passando a mão pelos olhos como para arrancar uma vizão importuna, encaminhou-se a um bofete e acendeu uma vela de cera côr de roza.

O aposento, até então esclarecido apenas por uma lamparina colocada sobre uma cantoneira, iluminou-se; e a imajem gracioza de Cecilia apareceu cercada de uma aureola.

Sentindo a impressão da luz sobre os olhos, a menina fez um movimento, e voltando um pouco o rosto para o lado oposto continuou o sono, que nem fôra interrompido.

Loredano passou entre o leito e a parede, e pôde então admira-la em toda a sua beleza; não se lembrava de nada mais, esquecera o mundo e seu tezouro: nem pensava no rapto que ia praticar.

A rolinha que dormia sobre a comoda no seu ninho de algodão ergueu-se e ajitou as azas; o italiano, despertado por este rumor, conheceu que já era tarde e que não tinha tempo a perder.

IV

Na treva

Alguns esclarecimentos são necessarios aos acontecimentos que acabam de passar.

Quando Loredano viu-se obrigado pela ameaça de Alvaro a partir para o Rio de Janeiro, ficou sucumbido; mas, depois de alguns momentos, um sorrizo diabolico tinha enrugado os seus labios.

Este sorrizo era uma idéa infame que luzira no seu espirito como a flama desses fogos perdidos que brilham no seio das trevas em noites de grande calma.

O italiano lembrou-se que no momento em que todos o supunham em viajem, podia preparar a execução do seu plano que elle realizaria naquella mesma noite.

Na conversa que tivera com Ruy Soeiro transmitiu-lhe as suas instruções, breves, simples e concizas; consistiam em livrarem-se dos homens que podiam pôr embaraços á sua empreza.

Para isso os seus cumplices receberam ordem de quando se recolhessem para dormir, coloca-

lutuozas de que estava impregnada a sua atmosphera.

E a menina sorria no seu placido sono, enleiando-se talvez n'algum sonho graciozo, n'algum dos sonhos azues que Deus esparje como folhas de rozas sobre o leito das virjens.

Era o anjo em face do demonio; era a mulher em face da serpente; a virtude em face do vicio.

O italiano fez um esforço supremo, e passando a mão pelos olhos como para arrancar uma vizão importuna, encaminhou-se a um bofete e acendeu uma vela de cera côr de roza.

O aposento, até então esclarecido apenas por uma lamparina colocada sobre uma cantoneira, iluminou-se; e a imajem gracioza de Cecilia apareceu cercada de uma aureola.

Sentindo a impressão da luz sobre os olhos, a menina fez um movimento, e voltando um pouco o rosto para o lado oposto continuou o sono, que nem fôra interrompido.

Loredano passou entre o leito e a parede, e pôde então admira-la em toda a sua beleza; não se lembrava de nada mais, esquecera o mundo e seu tezouro: nem pensava no rapto que ia praticar.

A rolinha que dormia sobre a comoda no seu ninho de algodão ergueu-se e ajitou as azas; o italiano, despertado por este rumor, conheceu que já era tarde e que não tinha tempo a perder.

IV

Na treva

Alguns esclarecimentos são necessarios aos acontecimentos que acabam de passar.

Quando Loredano viu-se obrigado pela ameaça de Alvaro a partir para o Rio de Janeiro, ficou sucumbido; mas, depois de alguns momentos, um sorrizo diabolico tinha enrugado os seus labios.

Este sorrizo era uma idéa infame que luzira no seu espirito como a flama desses fogos perdidos que brilham no seio das trevas em noites de grande calma.

O italiano lembrou-se que no momento em que todos o supunham em viajem, podia preparar a execução do seu plano que elle realizaria naquella mesma noite.

Na conversa que tivera com Ruy Soeiro transmitiu-lhe as suas instruções, breves, simples e concizas; consistiam em livrarem-se dos homens que podiam pôr embaraços á sua empreza.

Para isso os seus cumplices receberam ordem de quando se recolhessem para dormir, coloca-

rem-se ao lado de cada um dos homens da banda fieis a D. Antonio de Mariz.

Naquelle tempo e naquelles lugares não era possivel que os aventureiros tivessem cada um o seu cubiculo, poucos gozavam desse privilejio, e assim mesmo eram obrigados a partilhar o seu apozento com um companheiro: os outros dormiam na vasta alpendrada que ocupava quazi toda essa parte do edificio.

Ruy Soeiro tinha, conforme as instruções de Loredano, arranjado as couzas de tal modo que naquelle momento cada um dos aventureiros dedicados a D. Antonio de Mariz tinha a seu lado um homem que parecia adormecido, e que só esperava ouvir pronunciar a senha convencionada para enterrar o seu punhal na garganta do seu companheiro.

Ao mesmo tempo havia pelos cantos da caza grandes molhos de palha seca colocados junto das portas ou metidos pela beirada do telhado, e que só esperavam uma faisca para atear o incendio em todo o edificio.

Ruy Soeiro, com uma sagacidade e uma prudencia dignas de seu chefe, dispuzera tudo isto; parte durante o dia, e parte nas horas mortas da noite em que tudo estava recolhido.

Não se esqueceu da recomendação especial de Loredano, e ofereceu-se voluntariamente a Ayres Gomes para fazer a guarda noturna com um dos seus companheiros, visto recear-se ataque de inimigo; o digno escudeiro, que o co-

nhecia como um dos mais valentes da banda, caíu no laço e aceitou o oferecimento.

Senhor do campo, o aventureiro pôde então acabar livremente os seus preparativos, e para mais segurança arranjou traça de ver-se livre do escudeiro, que podia de um momento para outro vir incomoda-lo.

Ayres Gomes em companhia de seu velho amigo mestre Nunes esvaziava uma botelha de vinho de Valverde que elles bebiam lentamente, trago a trago, para assim disfarçarem a modica porção do liquido destinado a humedecer as guelas de dois formidaveis bebedores.

Mestre Nunes aplicou volutuozamente os labios á borda do canjirão, tomou uma vez de vinho, e dando um lijeiro estalinho com a lingua no céu da boca, repimpou-se na tripeça em que estava sentado, cruzando as mãos sobre o seu ventre proeminente com uma beatitude celeste.

— Ora estou desde que cheguei para perguntar-vos uma couza, amigo Ayres; e sempre a passar-me.

— Não a deixeis passar agora, Nunes. Aqui me tendes para responder-vos.

— Dizei-me cá, quem é um tal que acompanhava D. Diogo, e a quem dais um diabo de nome que não é portuguez?

— Ah! Quereis falar de Loredano? Um tunante?

— Conheceis este homem, Ayres?

— Por Deus! se elle é dos nossos!

— Quando pergunto se o conheceis, quero dizer se sabeis donde veiu, quem era e o que fazia?

— A' fé que não! Appareceu-nos aqui um dia a pedir hospitalidade; e depois como saísse um homem, ficou em lugar delle.

— E quando isto, se vos lembra?

— Esperai! Estou com os meus cincoenta e nove...

O escudeiro contou pelos dedos consultando o seu calendario, que era a sua idade.

— Foi por este tempo, ha um ano, principios de março.

— Estais bem certo? exclamou mestre Nunes.

— Certissimo: é conta que não engana. Mas que tendes?

Com efeito mestre Nunes se erguera espantado.

— Nada! Não é possivel!

— Não acreditais?

— E' outra couza, Ayres! E' um sacrilejio! uma obra de Satan! uma simonia horrenda!

— Que dizeis, homem, explicai-vos lá de uma vez.

Mestre Nunes conseguiu restabelecer-se da sua perturbação, e contou ao escudeiro as suas desconfianças a respeito de frei Angelo di Lucca e da sua morte, que nunca fôra possivel explicar: notou-lhe a coincidencia do dezaparecimento do carmelita com o aparecimento do aventureiro, e o fato de serem da mesma nação.

— Depois, concluiu Nunes, aquella voz, aquelle olhar!... Quando o vi hoje estremeci, e recuei espavorido julgando que o frade tinha saído debaixo da terra.

Ayres Gomes levantou-se furiozo, e saltando sobre o seu catre, agarrou o espadão que tinha á cabeceira.

— Que ides fazer? gritou mestre Nunes.

— Mata-lo, e desta vez ás direitas; que não torne.

— Esqueceis que vai longe?

— E' verdade! murmurou o escudeiro ranjendo os dentes de raiva.

Ouviu-se um lijeiro rumor na porta; os dois amigos o atribuiram ao vento e não se voltaram; sentados em face um do outro, continuaram em voz baixa a sua conversa interrompida pela brusca revelação de Nunes.

Entretanto fóra passavam-se couzas que deviam excitar a atenção do digno escudeiro. O rumor que ouvira fôra produzido pela volta que Ruy dera á chave, fechando a porta.

O aventureiro tinha ouvido toda a conversa; a principio aterrado, cobrou animo, e lembrou-se que em todo o cazo era bom estar senhor do segredo do italiano para qualquer emerjencia futura. Confiado nessa excelente idéa, Ruy meteu a chave no peito do gibão, e foi reunir-se a seu companheiro que estava de vijia junto dá escada.

Esperava por Loredano, que devia entrar na

caza alta noite, para dirijir toda essa trama que havia urdido com uma intelijencia superior.

O italiano tinha facilmente iludido a D. Diogo de Mariz; sabia que o ardente cavalheiro ia de rota batida, e que não se demoraria em caminho por motivo algum.

A trez leguas do Paquequer, inventou um pretexto de ter-se quebrado a cilha de sua cavalgadura, e parou para arranja-la; emquanto D. Diogo e seus companheiros pensavam que os seguia de perto, elle tinha voltado sobre os passos, e escondido nas vizinhanças esperava que a noite se adiantasse.

Quando percebeu que tudo estava em silencio aproximou-se; trocou o sinal convencionado, que era o canto da coruja; e introduziu-se furtivamente na habitação.

O mais já vimos. Sabendo que tudo estáva preparado e pronto ao primeiro sinal, Loredano deu começo á execução de seu projeto, e conseguiu penetrar no quarto de Cecilia.

Tomar a menina nos braços, rapta-la, atravessar a esplanada, chegar á porta da alpendrada, e pronunciar a senha convencionada, era couza que elle contava realizar n'um momento.

Quando Cecilia, arrancada de seu leito, lançasse um grito que elle não pudesse abafar, isto pouco lhe importava; antes que alguem despertasse teria chegado ao outro lado, e então a uma palavra sua o fogo e o ferro viriam em seu socorro.

Ruy lançaria a chama á palha preparada para este fim; e a faca de cada um dos seus cumplices se enterraria na gorja dos homens adormecidos.

Depois no meio desse horror e confuzão, os vinte demonios acabariam a sua obra, e fujiriam como os maus espiritos das lendas antigas, quando a primeira luz da alvorada terminava o *sabbat* infernal.

Iam ao Rio de Janeiro; ai, ligados todos por um mesmo laço do crime, por um mesmo perigo e uma só ambição, Loredano contava ter nelles ajentes fieis e dedicados para levar ao cabo a sua empreza.

Emquanto a traição solapava assim o socego, a felicidade, a vida e a honra desta familia, todos dormiam tranquilos e descuidados; nem um presentimento os vinha advertir da desgraça que os ameaçava.

Loredano, graças á sua ajilidade e á sua força, tinha conseguido chegar até ao leito da menina, sem que o menor rumor traísse a sua presença, sem que na habitação alguem tivesse podido perceber o que se passava.

Certo pois do bom rezultado, o italiano advertido pela inocente avezinha, que não sabia o mal que fazia, cuidou em consumar a sua obra. Abriu a comoda de Cecilia, tirou roupas de sedas e linho e fez de tudo isto um embrulho tão pequeno quanto era possivel; depois envolveu-o em uma das peles que serviam de tapete,

e colocou-o n'uma cadeira, a geito de o poder apanhar com facilidade.

Era couza orijinal o pensamento deste homem. Ao passo que cometia um crime, tinha a lembrança delicada de querer suavizar a desgraça da menina fazendo que nada lhe faltasse na viajem incomoda que tinha de fazer.

Quando tudo estava preparado abriu a portinha que dava para o jardim, e estudou o caminho que tinha de seguir. Era precizo; porque apenas tomasse Cecilia nos braços devia partir e chegar d'uma só corrida direita, rapida e cega.

A porta ficava n'um canto do apozento, defronte do vão que havia entre o leito e a parede; colocado neste lugar, não tinha senão um movimento a fazer, agarrar a menina e lançar-se fóra do apozento.

Na ocazião em que elle se aproximava ouviu-se um gemido, quazi um suspiro, abafado e cheio de angustia.

Os cabelos irriçaram-se sobre a fronte do italiano; gotas de suor frio e gelado sulcaram as suas faces palidas e contraídas.

A pouco e pouco foi saíndo do estupor que o paralizára, e volvendo lentamente ao redor de si uns esgares d'olhos alucinados.

Nada! Nem um inseto parecia acordado na solidão profunda da noite em que tudo dormia exceto o crime, o verdadeiro duende da terra, o mau genio das crenças de nossos pais.

Tudo estava em socego; até o vento parecia

se ter abrigado no calice das flores e adormecido neste berço perfumado, como n'um regaço de amante.

O italiano restabeleceu-se do violento abalo que sofrera, deu um passo, e inclinou-se sobre o leito.

Cecilia sonhava neste momento.

Seu rosto esclareceu-se com uma expressão de alegria anjelica; sua mãozinha, que repouzava aninhada entre os seios, moveu-se com a indolencia e a moleza do sono, e recaíu sobre a face.

A pequena cruz de esmalte que tinha ao colo e que estava agora preza entre os dedos da mão roçou-lhe os labios; e uma muzica celeste escapou-se, como se Deus tivesse vibrado uma das cordas de sua harpa eolia.

Foi a principio um sorrizo que adejou-lhe nos labios; depois o sorrizo colheu as azas e formou um beijo; por fim o beijo entreabriu-se como uma flor e exalou um suspiro perfumado.

— Pery!

O colo arfou docemente, e a mão descaíndo foi de novo aninhar-se entre o talho da sua anagoa de cambraia.

O italiano ergueu-se palido.

Não se animava a tocar naquelle corpo tão casto, tão puro; não podia fitar aquella fizionomia radiante de inocencia e de candura.

Mas o tempo urjia.

Fez um esforço supremo sobre si mesmo; firmou o joelho na borda do leito, fechou os olhos, estendeu as mãos.

V

Deus dispõe

O braço de Loredano estendeu-se sobre o leito; porém a mão que se adiantava e ia tocar o corpo de Cecilia estacou no meio do movimento, e subitamente impelida foi bater de encontro á parede.

Uma seta, que não se podia saber d'onde vinha, atravessára o espaço com a rapidez de um raio, e antes que se ouvisse o sibilo forte e agudo pregára a mão do italiano no muro do apozento.

O aventureiro vacilou, e abateu-se por detraz da cama; era tempo, porque uma segunda seta, despedida com a mesma força e a mesma rapidez, cravava se no lugar onde ha pouco se projetava a sombra de sua cabeça.

Passou-se então ao redor da inocente menina adormecida na izenção de sua alma pura uma sena horrivel, porém silencioza.

Loredano nos transes da dôr por que passava compreendera o que sucedia; tinha adivinhado naquella seta que o ferira a mão de Pery; e sem ver, sentia o indio aproximar-se terrivel de odio,

de vingança, de colera e dezespero pela ofensa que acabava de sofrer sua senhora.

Então o reprobo teve medo; erguendo-se sobre os joelhos arrancou convulsivamente com os dentes a seta que pregava sua mão á parede, e precipitou-se para o jardim, cego, louco e delirante.

Nesse mesmo instante, dois segundos talvez depois que a ultima flecha caíra no apozento, a folhajem do oleo que ficava fronteiro á janela de Cecilia ajitou-se e um vulto embalançando-se sobre o abismo, suspenso por um frajil galho da arvore, veiu caír sobre o peitoril.

Aí agarrando-se á hombreira saltou dentro do apozento com uma ajilidade extraordinaria; a luz dando em cheio sobre elle dezenhou o seu corpo flexivel e as suas fórmas esbeltas.

Era Pery.

O indio avançou-se para o leito, e vendo sua senhora salva respirou; com efeito a menina, a meio despertada pelo rumor da fujida de Loredano, voltára-se do outro lado e continuára o sono forte e reparador como é sempre o sono da juventude e da inocencia.

Pery quiz seguir o italiano e mata-lo, como já tinha feito aos seus dois cumplices; mas rezolveu não deixar a menina exposta a um novo insulto, como o que acabava de sofrer, e tratou antes de velar sobre sua segurança e socego.

O primeiro cuidado do indio foi apagar a vela, depois fechando os olhos aproximou-se do leito

e com uma delicadeza extrema puxou a colcha de damasco azul até ao colo da menina.

Parecia-lhe uma profanação que seus olhos admirassem as graças e os encantos que o pudor de Cecilia trazia sempre vendados; pensava que o homem que uma vez tivesse visto tanta beleza, nunca mais devia ver a luz do dia.

Depois desse primeiro desvelo, o indio restabeleceu a ordem no apozento; deitou a roupa na comoda, fechou a gelozia e as abas da janela, lavou as nodoas de sangue que ficaram impressas na parede e no soalho; e tudo isto com tanta solicitude, tão subtilmente, que não perturbou o sono da menina.

Quando acabou o seu trabalho, aproximou-se de novo do leito, e á luz frouxa da lamparina contemplou as feições mimozas e encantadoras de Cecilia.

Estava tão alegre, tão satisfeito de ter chegado a tempo de salva-la de uma ofensa e talvez de um crime; era tão feliz de vê-la tranquila e rizonha sem ter sofrido o menor susto, o mais leve abalo, que sentiu a necessidade de exprimir-lhe por algum modo a sua ventura.

Nisto seus olhos abaixando-se descobriram sobre o tapete da cama dois pantufos mimozos forrados de setim e tão pequeninos que pareciam feitos para os pés de uma creança; ajoelhou e beijou-os com respeito, como se foram reliquia sagrada.

Eram então perto de quatro horas; pouco

tardava para amanhecer; as estrelas já iam-se apagando a uma e uma; e a noite começava a perder o silencio profundo da natureza quando dorme.

O indio fechou por fóra a porta do quarto que dava para o jardim, e metendo a chave na cintura sentou-se na soleira como o cão fiel que guarda a caza do seu senhor, rezolvido a não deixar ninguem aproximar-se.

Aí refletiu sòbre o que acabava de passar; e acuzava-se a si mesmo de ter deixado o italiano penetrar no apozento de sua senhora; Pery, porém caluniava-se, porque só a Providencia podia ter feito nesta noite mais do que elle; porque tudo quanto era possivel á intelijencia, á corajem, á sagacidade e á força do homem, o indio havia realizado.

Depois da partida de Loredano, e da conversa que teve com Alvaro, certo de que sua senhora já não corria perigo, e de que os dois cumplices do italiano iam ser expulsos como elle, o indio, não pensando mais senão no ataque dos Aymorés, partiu imediatamente.

O seu pensamento era ver se descobria pelas vizinhanças do *Paquequer* indicios da passajem de alguma tribu da grande raça guarany a que elle pertencia; seria um amigo e um aliado para D. Antonio de Mariz.

O odio inveterado que havia entre as tribus da grande raça e a nação dejenerada dos Aymorés, justificava a esperança de Pery; mas in-

felizmente, tendo percorrido todo o dia a floresta, não encontrou o menor vestijio do que procurava.

O fidalgo estava pois reduzido ás suas proprias forças; mas embora fossem estas pequenas, o indio não dezanimou; tinha conciencia de si; e sabia que na ultima extremidade a sua dedicação por Cecilia lhe inspiraria meios de salvar a ella e a tudo que ella amava.

Voltou á caza já noite fechada: foi ter com Alvaro; perguntou-lhe o que era feito dos dois aventureiros; o cavalheiro disse-lhe que D. Antonio de Mariz recuzára crer na acuzação.

De fato, o fidalgo leal, habituado ao respeito e á fidelidade de seus homens, não admitia que se concebesse uma suspeita sem provas; entretanto, como a palavra de Pery tinha para elle toda a valia, ficára de ouvir de sua boca a narração do que prezenciára, para conhecer o pezo que devia dar a semelhante acuzação.

Pery retirou-se inquieto e arrependido de não ter persistido no seu primeiro projeto; emquanto estes dois homens que elle já supunha expulsos estivessem ali, sabia que um perigo pairava sobre a caza.

Assim rezolveu não dormir; tomou o seu arco e sentou-se na porta de sua cabana; apezar de possuir a clavina que lhe dera D. Antonio, o arco era a arma favorita de Pery; não demandava tempo para carregar; não fazia o menor estrepito; lançava quazi instantaneamente dois,

trez tiros: e sua flecha era tão terrivel e tão certeira como a bala.

Passado muito tempo o indio ouviu cantar uma coruja do lado da escada; esse canto cauzou-lhe estranheza por duas razões: a primeira, porque era mais sonoro do que o cacarejar daquella ave agoureira; a segunda, porque em vez de partir do cimo de uma arvore saía do chão.

Esta reflexão o fez levantar; desconfiou da coruja que tinha habitos diferentes de suas companheiras; quiz conhecer a razão desta singularidade.

Viu do outro lado da esplanada trez vultos que atravessavam lijeiramente; isto aumentou a sua desconfiança; os homens de vijia eram ordinariamente dois e não trez.

Seguiu-os de lonje; mas quando chegou ao pateo, não viu senão um dos homens que entrava na alpendrada; os outros tinham dezaparecido.

Pery procurou-os por toda a parte e não os viu; estavam ocultos pelo pilar que se elevava na ponta do rochedo, e não lhe era possivel descobri-los.

Supondo que tivessem tambem entrado no alpendre, o indio agachou-se e penetrou no interior; de repente a sua mão tocou uma lamina fria que conheceu imediatamente ser a folha de um punhal.

— És tu, Ruy? perguntou uma voz sumida.

Pery emudeceu; mas de chofre aquelle nome de Ruy lembrou-lhe Loredano e o seu projeto;

percebeu que se tramava alguma couza; e tomou um partido.

— Sim! respondeu com a voz quazi impercetivel.

— Já é hora?

— Não.

— Todos dormem.

Emquanto trocavam essas duas perguntas, a mão de Pery correndo pela lamina de aço tinha conhecido que outra mão segurava o cabo do punhal.

O indio saíu do alpendre, e dirijiu-se ao quarto de Ayres Gomes; a porta estava fechada, e junto della tinham colocado um grande montão de palha.

Tudo isto denunciava um plano prestes a realizar-se; Pery compreendia, e tinha medo de já não ser tempo para destruir a obra dos inimigos.

Que fazia aquelle homem deitado que finjia dormir, e que tinha o punhal dezembainhado na mão como se estivesse pronto a ferir? Que significava aquella pergunta da hora e aquelle avizo de que todos dormiam? Que queria dizer a palha encostada á porta do escudeiro?

Não restava duvida; havia ali homens que esperavam um sinal para matarem seus companheiros adormecidos, e deitarem fogo á caza; tudo estava perdido se o plano não fosse imediatamente destruido.

Cumpria acordar os que dormiam, preveni-los

do perigo que corriam, ou ao menos prepara-los para se defenderem e escaparem de uma morte certa e inevitavel.

O indio agarrou convulsamente a cabeça com as duas mãos como se quizesse arrancar á força de seu espirito ajitado e em dezordem um pensamento salvador. Seu largo peito dilatou-se; uma idéa feliz luzira de repente na confuzão de tantos pensamentos encontrados que fermentavam no cerebro, e reanimára sua corajem e força.

Era uma idéa orijinal.

Pery lembrára-se que o alpendre estava cheio de grandes talhas e vazos enormes contendo agua potavel, vinhos fermentados, licores selvajens de que os aventureiros faziam sempre uma ampla provizão.

Correu de novo ao saguão, e encontrando a primeira talha tirou a torneira; o liquido começou a derramar-se pelo chão; ia passar á segunda quando a voz, que já lhe tinha falado, soou de novo, baixa mas ameaçadora.

— Quem vai lá?...

Pery compreendeu que a sua idéa ia ficar sem efeito, e talvez não servisse senão de apressar o que elle queria evitar.

Não hezitou pois; e quando o aventureiro que falava erguia-se, sentiu duas tenazes vivas que caíam sobre o seu pescoço e o estrangulavam como uma golilha de ferro, antes que pudesse soltar um grito.

O indio deitou o corpo hirto sobre o chão sem fazer o menor rumor, e consumou a sua obra; todas as talhas do alpendre esvaziavam-se a pouco e pouco e inundavam o chão.

Dentro de um segundo a frialdade acordaria todos os homens adormecidos, e os obrigaria a sair do alpendre; era o que Pery esperava.

Livre do maior perigo, o indio rodeou a caza para ver se tudo estava em socego; e teve então ocazião de notar que por todo o edificio tinham disposto feixes de palha para atear um incendio.

Pery inutilizando estes preparativos, chegou ao canto da caza que ficava defronte de sua cabana; parecia procurar alguem. Aí ouviu a respiração ofegante de um homem cozido com a parede junto do jardim de Cecilia.

O indio tirou a sua faca; a noite estava tão escura que era impossivel descobrir a menor sombra, o menor vulto entre as trevas.

Mas elle conheceu Ruy Soeiro.

Pery tinha o ouvido subtil e delicado, e o faro do selvajem que dispensa a vista; o som da respiração servia-lhe de alvo; escutou um momento, ergueu o braço, e a faca enterrando-se na boca da vitima cortou-lhe a garganta.

Nem um gemido escapou da massa inerte que se estorceu um momento e quedou de encontro ao muro.

Pery apanhou o arco que encostára á parede, e voltando-se para lançar um olhar sobre o quarto de Cecilia, estremeceu.

Acabava de ver pela soleira da porta o reflexo vivo de uma luz; e logo depois sobre a folhajem do oleo um clarão que indicava estar a janela aberta.

Ergueu os braços com um dezespero e uma angustia inexprimivel; estava a dois passos de sua senhora e entretanto um muro e uma porta o separavam della, que talvez áquella hora corria um perigo iminente.

Que ia fazer? Precipitar-se de encontro a essa porta, quebra-la, espedaça-la? Mas podia aquella luz não significar couza alguma, e a janela ter sido aberta por Cecilia.

Este ultimo pensamento tranquilizou-o, tanto mais quando nada revelava a existencia de um perigo, quando tudo estava em socego no jardim e no quarto da menina.

Lançou-se para a cabana, e segurando-se ás folhas da palmeira galgou o ramo do oleo, e aproximou-se para ver porque sua senhora estava acordada áquella hora.

O espetaculo que se aprezentou diante dos seus olhos fez correr-lhe um calafrio pelo corpo; a gelozia aberta deixou-lhe ver a menina adormecida, e o italiano que tendo aberto a porta do jardim dirijia-se ao leito.

Um grito de dezespero e de agonia ia romper-lhe do seio; mas o indio mordendo os labios com força reprimiu a voz, que se escapou apenas n'um som rouco e planjente. Então prendendo-se á arvore com as pernas, o indio esten-

deu-se ao longo do galho e esticou a corda do arco.

O coração batia-lhe violentamente; e por um momento o seu braço tremeu só com a idéa de que a sua flecha tinha de passar perto de Cecilia.

Quando porém a mão do italiano se adiantou e ia tocar o corpo da menina, não pensou, não viu mais nada senão esses dedos prestes a mancharem com o seu contato o corpo de sua senhora, não se lembrou senão dessa horrivel profanação.

A flecha partiu rapida, pronta, e veloz como o seu pensamento; a mão do italiano estava pregada ao muro.

Foi só então que Pery refletiu que teria sido mais acertado ferir essa mão na fonte da vida que a animava; fulminar o corpo a que pertencia esse braço: a segunda seta partiu sobre a primeira, e o italiano teria deixado de existir se a dôr não o obrigára a curvar-se.

VI

Revolta

Quando Pery acabou de refletir sobre o que passára ergueu-se, abriu de novo a porta, fechou-a por dentro, e seguiu pelo corredor que ia do quarto de Cecilia ao interior da caza.

Estava tranquilo sobre o futuro; sabia que Bento Simões e Ruy Soeiro não o incomodariam mais, que o italiano não lhe podia escapar, e que áquella hora todos os aventureiros deviam estar acordados; mas julgou prudente prevenir D. Antonio de Mariz do que ocorria.

A este tempo Loredano já tinha chegado á alpendrada, onde o esperava uma nova e terrivel sorpreza, uma ultima deceção.

Lançando-se do quarto de Cecilia, sua intenção era ganhar o fundo da casa, pronunciar a senha convencionada, e senhor do campo voltar com os seus cumplices, raptar a menina, e vingar-se de Pery.

Mal sabia porém que o indio tinha destruido toda a sua maquinação ; chegando ao pateo viu o alpendre iluminado por fachos, e todos os

aventureiros de pé cercando um objeto que não pôde distinguir.

Aproximou-se e descobriu o corpo de seu cumplice Bento Simões, que jazia no chão alagado do pavimento: o aventureiro tinha os olhos saltados das orbitas, a lingua saída da boca, o pescoço cheio de contuzões; todos os sinais emfim de uma estrangulação violenta.

De livido que estava o italiano tornou-se verde; procurou com os olhos a Ruy Soeiro e não o viu; decididamente o castigo da Providencia caía sobre as suas cabeças, conheceu que estava irremediavelmente perdido, e que só a audacia e o dezespero o podiam salvar.

A extremidade em que se achava inspirou-lhe uma idéa digna delle: ia tirar partido para seus fins daquelle mesmo fato que parecia destrui-los; ia fazer do castigo uma arma de vingança.

Os aventureiros espantados sem compreenderem o que viam olhavam-se e murmuravam em voz baixa fazendo supozições sobre a morte do seu companheiro. Uns despertados de sobresalto pela agua que corria das talhas, outros que não dormiam, apenas admirados, se haviam erguido, e no meio de um côro de imprecações e blasfemias acenderam fachos para ver a cauza daquella inundação.

Foi então que descobriram o corpo de Bento Simões, e ficaram ainda mais sorprendidos; os cumplices temendo que aquillo não fosse um

começo de punição, os outros indignados pelo assassinato de seu companheiro.

Loredano percebeu o que passava no espirito dos aventureiros:

— Não sabeis o que significa isto? disse elle.

— Oh! não! explicai-nos! exclamaram os aventureiros.

— Isto significa, continuou o italiano, que ha nesta caza uma vibora, uma serpente que nós alimentamos no nosso seio, e que nos morderá a todos com o seu dente envenenado.

— Como?... Que quereis dizer?... Falai!...

— Olhai, disse o frade apontando para o cadaver e mostrando a sua mão ferida; eis a primeira vitima, e a segunda que escapou por um milagre; a terceira... Quem sabe o que é feito de Ruy Soeiro?

— É verdade!... Onde está Ruy? disse Martim Vaz.

— Talvez morto tambem!

— Depois delle virá outro e outro até que sejamos exterminados um por um; até que todos os cristãos tenham sido sacrificados.

— Mas por quem?... Dizei o nome do vil assassino! É precizo um exemplo! O nome!...

— E não adivinhais? respondeu o italiano. Não adivinhais quem nesta caza póde dezejar a morte dos brancos, e a destruição da nossa relijião? Quem senão o hereje, o gentio, o selvajem traidor e infame?

— Pery?... exclamaram os aventureiros.

— Sim, esse indio que conta assassinar-nos a todos para saciar a sua vingança!

— Não ha de ser assim como dizeis, eu vos juro, Loredano! exclamou Vasco Affonso.

— Bofé! gritou outro, deixai isto por minha conta. Não vos dê cuidado!

— E não passa desta noite. O corpo de Bento Simões pede justiça.

— E justiça será feita.

— Neste mesmo instante.

— Sim; agora mesmo. Eia! segui-me.

Loredano ouvia estas exclamações rapidas que denunciavam como a exacerbação ia lavrando com intensidade; quando porém os aventureiros quizeram lançar-se em procura do indio, elle os conteve com um gesto.

Não lhe convinha isto; a morte de Pery era couza acidental para elle; o seu fim principal era outro, e esperava consegui-lo facilmente.

— O que ides fazer? perguntou imperativamente aos seus companheiros.

Os aventureiros ficaram pasmados com semelhante pergunta.

— Ides mata-lo?...

— Mas de certo!

— E não sabeis que não podereis faze-lo? Que elle é protejido, amado, estimado por aquelles que pouco se importam se morremos ou vivemos?

— Seja embora protejido, quando é criminozo...

—Como vos iludis! Quem o julgará criminozo? Vós? Pois bem; outros o julgarão inocente e o defenderão; e não tereis remedio senão curvar a cabeça e calar-vos.

—Oh! isso é de mais!

—Julgais que somos alimarias que se podem matar impunemente! retrucou Martim Vaz.

—Sois peiores que alimarias; sois escravos!

—Por S. Braz, tendes razão, Loredano.

—Vereis morrer vossos companheiros assassinados infamemente, e não podereis vinga-los; e sereis obrigados a tragar até as vossas queixas, porque o assassino é sagrado! Sim, não o podereis tocar, repito.

—Pois bem; eu vo-lo mostrarei!

—E eu! gritou toda a banda.

—Qual é vossa tenção? perguntou o italiano.

—A nossa tenção é pedirmos a D. Antonio de Mariz que nos entregue o assassino de Bento.

—Justo! E se elle recuzar, estamos desligados do nosso juramento e faremos justiça pelas nossas mãos.

—Procedeis como homens de brio e pundonor: liguemo-nos todos e vereis que obteremos reparação; mas para isto é precizo firmeza e vontade. Não percamos tempo. Quem de vós se incumbe de ir como parlamentario a D. Antonio?

Um aventureiro dos mais audazes e turbulentos da banda ofereceu-se: chamava-se João Feio.

—Serei eu!

— Sabeis o que lhe deveis dizer?

— Oh! ficai descansado. Ouvirá boas!

— Ides já?

— Neste instante.

Uma voz calma, sonora e de grave entonação, uma voz que fez estremecer todos os aventureiros, soou na entrada do alpendre:

— Não é precizo irdes, pois que vim. Aqui me tendes.

D. Antonio de Mariz, calmo e impassivel, adiantou-se até o meio do grupo, e cruzando os braços sobre o peito, volveu lentamente pelos aventureiros o seu olhar severo.

O fidalgo não tinha uma só arma; e entretanto o aspeto de sua fizionomia veneravel, a firmeza de sua voz e a altivez de seu gesto nobre bastaram para fazer curvar a cabeça de todos esses homens que ameaçavam.

Advertido por Pery dos acontecimentos que tinham tido lugar naquella noite, D. Antonio de Mariz ia sair, quando apareceram Alvaro e Ayres Gomes.

O escudeiro, que depois de sua conversa com mestre Nunes tinha adormecido, fôra despertado de repente pelas imprecações e gritos que soltavam os aventureiros quando a agua começou a invadir as esteiras em que estavam deitados.

Admirado desse rumor extraordinario, Ayres bateu o fuzil, acendeu a vela, e dirijiu-se para a porta para conhecer o que perturbava o seu

sono: a porta, como sabemos, estava fechada e sem chave.

O escudeiro esfregou os olhos para certificar-se do que via, e acordando Nunes, perguntou-lhe quem tomára aquella medida de precaução: seu amigo ignorava como elle.

Nesse momento ouvia-se a voz do italiano que excitava os aventureiros á revolta; Ayres Gomes percebeu então do que se tratava.

Agarrou mestre Nunes, encostou-o á parede como se fosse uma escada, e sem dizer palavra trepou do catre sobre os seus hombros, e levantando as telhas com a cabeça enfiou por entre as ripas dos caibros.

Apenas ganhou o telhado, o escudeiro pensou no que devia fazer; e assentou que o verdadeiro era dar parte a Alvaro e ao fidalgo, a quem cabia tomar as providencias que o cazo pedia.

D. Antonio de Mariz sem se perturbar ouviu a narração do escudeiro, como tinha ouvido a do indio.

— Bem, meus amigos! sei o que me cumpre fazer. Nada de rumor; não perturbemos o socego da caza; estou certo que isto passará. Esperai-me aqui.

—Não posso deixar que vos arrisqueis só, disse Alvaro dando um passo para segui-lo.

—Ficai; vós e esses dois amigos dedicados velareis sobre minha mulher, Cecilia e Izabel. Nas circumstancias em que nos achamos, assim é precizo.

— Consenti ao menos que um de nós vos acompanhe?

— Não, basta a minha prezença; emquanto que aqui todo o vosso valor e fidelidade não bastam para o tezouro que confio á vossa guarda.

O fidalgo tomou o seu chapéu, e poucos momentos depois aparecia imprevistamente no meio dos aventureiros, que tremulos, cabisbaixos, corridos de vergonha, não ouzavam proferir uma palavra.

— Aqui me tendes! repetiu o cavalheiro. Dizei o que quereis de D. Antonio de Mariz, e dizei-o claro e breve. Se fôr de justiça, sereis satisfeitos; se fôr uma falta, tereis a punição que merecerdes.

Nem um dos aventureiros ouzou levantar os olhos; todos emudeceram.

— Calais-vos?... Passa-se então aqui alguma couza que não vos atreveis a revelar? Acazo ver-me-ei obrigado a castigar severamente um primeiro exemplo de revolta e dezobediencia? Falai? Quero saber o nome dos culpados!

O mesmo silencio respondeu ás palavras firmes e graves do velho fidalgo.

Loredano hezitava desde o principio desta sena; não tinha a corajem necessaria para aprezentar-se em face de D. Antonio; mas tambem sentia que se elle deixasse as couzas marcharem pela maneira por que iam, estava infalivelmente perdido.

Adiantou-se:

— Não ha aqui culpados, Sr. D. Antonio de Mariz, disse o italiano animando-se progressivamente; ha homens que são tratados como cães; que são sacrificados a um capricho vosso, e que estão rezolvidos a reivindicarem os seus fóros de homens e de cristãos!

— Sim! gritaram os aventureiros reanimando-se. Queremos que se respeite a nossa vida!

— Não somos escravos!

— Obedecemos, mas não nos cativamos.

— Valemos mais que um hereje!

— Temos arriscado a nossa existencia para defender-vos!

D. Antonio ouviu impassivel todas estas exclamações que iam subindo gradualmente ao tom da ameaça.

— Silencio, vilões! Esqueceis que D. Antonio de Mariz ainda tem bastante força para arrancar a lingua que o pretendesse insultar! Mizeraveis, que lembrais o dever como um beneficio! Arriscastes a vossa vida para defenderme?... E qual era vossa obrigação, homens que vendeis o vosso braço e sangue ao que melhor paga? Sim! Sois menos que escravos, menos que cães, menos que féras! Sois traidores infames e refeces!... Mereceis mais do que a morte; mereceis o desprezo.

Os aventureiros, cuja raiva fermentava surdamente, não se contiveram mais; das palavras de ameaça passaram ao gesto.

— Amigos! gritou Loredano aproveitando ha-

bilmente o ensejo. Deixareis que vos insultem atrozmente, que vos cuspam o desprezo na cara? E por que motivo!...

— Não! Nunca! vociferaram os aventureiros furiozos.

Dezembainhando as adagas estreitaram o circulo ao redor de D. Antonio de Mariz; era uma confuzão de gritos, injurias, ameaças, que corria por todas as bocas, emquanto os braços suspensos hezitavam ainda em lançar o golpe.

D. Antonio de Mariz, sereno, majestozo, calmo, olhava todas essas fizionomias decompostas com um sorrizo de escarneo; e sempre altivo e sobranceiro, parecia sob os punhaes que o ameaçavam, não a vitima que ia ser imolada, mas o senhor que mandava.

VII

Os selvajens

Os aventureiros com o punhal erguido ameaçavam; mas não se animavam a romper o estreito circulo que os separava de D. Antonio de Mariz.

O respeito, essa força moral tão poderoza, dominava ainda a alma daquelles homens cegos pela colera e pela exaltação; todos esperavam que o primeiro ferisse; e nem um tinha a corajem de ser o primeiro.

Loredano conheceu que era necessario um exemplo; o dezespero de sua pozição, as paixões ardentes que tumultuavam em seu coração, deram-lhe o delirio que supre o valor nas circumstancias extremas.

O aventureiro apertou convulsivamente o cabo de sua faca, e fechando os olhos e dando um passo ás cegas, ergueu a mão para desfechar o golpe.

O fidalgo com um gesto nobre afastou o seio do gibão, e descobriu o peito; nem um tremôr impercetivel ajitou os musculos de seu rosto; sua fronte alta conservou a mesma serenidade

o seu olhar limpido e brilhante não se turvou.

Tal era a influencia magnetica que exercia essa corajem nobre e altiva, que o braço do italiano tremeu, e a ponta do ferro tocando a vestia do fidalgo paralizou os dedos hirtos do assassino.

D. Antonio sorriu com desdem; e abaixando a sua mão fechada sobre o alto da cabeça de Loredano, abateu-o a suas plantas como uma massa bruta e inerte: então erguendo a ponta do pé á fronte do italiano, o estendeu de costas sobre o pavimento.

O baque do corpo no chão ecoou no meio de um silencio profundo; todos os aventureiros, mudos e estaticos, pareciam querer sumir-se pelo seio da terra.

— Abaixai as armas, mizeraveis! O ferro que ha de ferir o peito de D. Antonio de Mariz não será manchado pela mão cobarde e traiçoeira de vis assassinos! Deus rezerva uma morte justa e glorioza áquelles que viveram uma vida honrada!

Os aventureiros aturdidos embainharam maquinalmente os punhais; aquella palavra sonora, calma e firme tinha um acento tão imperativo, uma tal força de vontade, que era impossivel rezistir.

— O castigo que vos espera ha de ser rigorozo; não deveis contar com a clemencia nem com o perdão: quatro d'entre vós á sorte sofre-

rão a pena de homizio; os outros farão o oficio dos executores da alta justiça. Bem vêdes que tanto a pena como o oficio são dignos de vós!

O fidalgo pronunciou estas palavras com um soberano desprezo, e encarou os aventureiros como para ver se d'entre elles partia alguma reclamação, algum murmurio de dezobediencia; mas todos esses homens, ha pouco furiozos, estavam agora humildes, e cabisbaixos.

— Dentro de uma hora, continuou o cavalheiro apontando para o corpo de Loredano, este homem será justiçado á frente da banda; para elle não ha julgamento; eu o condeno como pai, como chefe, como um homem que mata o cão ingrato que o morde. É ignobil de mais para que o toque com as minhas armas; entrego-o ao baraço e ao cutelo.

Com a mesma impassibilidade e o mesmo socego que conservava desde o momento em que aparecera imprevistamente, o velho fidalgo atravessou por entre os aventureiros imoveis e respeitozos, e caminhou para a saída.

Aí voltou-se; e levando a mão ao chapéu descobriu a sua bela cabeça encanecida, que destacava sobre o fundo negro da noite e no meio do clarão avermelhado das tochas com um vigor de colorido admiravel.

— Se algum de vós der o menor sinal de dezobediencia; se uma das minhas ordens não fôr cumprida pronta e fielmente; eu, D. Antonio de Mariz, vos juro por Deus e pela minha honra,

que desta caza não sairá um homem vivo. Sois trinta; mas a vossa vida, de todos vós, tenho-a na minha mão; basta-me um movimento para exterminar-vos, e livrar a terra de trinta assassinos.

No momento em que o fidalgo ia retirar-se apareceu Alvaro palido de emoção, mas brilhante de corajem e indignação.

— Quem se animou aqui a erguer a voz para D. Antonio de Mariz? exclamou o moço.

O velho fidalgo sorrindo com orgulho poz a mão no braço do cavalheiro.

— Não vos ocupeis disto, Alvaro; sois bastante nobre para vingar uma afronta desta natureza, e eu bastante superior para não ser ofendido por ella.

— Mas, senhor, cumpre que se dê um exemplo!

— O exemplo vai ser dado, e como cumpre. Aqui não ha senão culpados e executores da pena. O lugar não vos compete. Vinde!

O moço não rezistiu, e acompanhou D. Antonio de Mariz, que se dirijiu lentamente á sala, onde achou Ayres Gomes.

Quanto a Pery, voltára ao jardim de Cecilia, decidido a defender sua senhora contra o mundo inteiro.

O dia vinha rompendo.

O fidalgo chamou Ayres Gomes e entrou com elle no seu gabinete de armas, onde tiveram uma longa conferencia de meia hora.

O que aí se passou ficou um segredo entre Deus e estes dois homens; apenas Alvaro notou, quando a porta do gabinete se abriu, que D. Antonio estava pensativo, e o escudeiro livido como um morto.

Neste momento ouviu-se um pequeno rumor na entrada da sala; quatro aventureiros parados, imoveis, esperavam uma ordem do fidalgo para se aproximarem.

D. Antonio fez-lhes um sinal; e elles vieram ajoelhar-se a seus pés; as lagrimas rolavam por essas faces queimadas pelo sol; e a palavra tremia balbuciando nesses labios palidos que ha instantes vomitavam ameaças.

— Que significa isto? perguntou o cavalheiro com severidade.

Um dos aventureiros respondeu:

— Vimo-nos entregar em vossas mãos; preferimos apelar para o vosso coração do que recorrer ás armas para escaparmos á punição de nossa falta.

— E vossos companheiros? replicou o fidalgo.

— Deus lhes perdôe, senhor, a enormidade do crime que vão cometer. Depois que vos retirastes tudo mudou; preparam-se para atacar-vos!

— Que venham, disse D. Antonio, eu os receberei. Mas vós porque não os acompanhais? Não sabeis que D. Antonio de Mariz perdoa uma falta, mas nunca uma dezobediencia?

— Embora, disse o aventureiro que falava em

nome de seus camaradas; aceitaremos de bom grado o castigo que nos impuzerdes. Mandai, que obedeceremos. Somos quatro contra vinte e tantos; dai-nos essa punição de morrer defendendo-vos, de reparar pela nossa morte um momento de alucinação!... É a graça que vos pedimos!

D. Antonio olhou admirado os homens que estavam ajoelhados a seus pés; e reconheceu nelles os restos dos seus antigos companheiros de armas no tempo em que o velho fidalgo combatia os inimigos de Portugal.

Sentiu-se comovido; sua alma grande, inabalavel no meio do perigo, orgulhoza em face da ameaça, deixava-se facilmente dominar pelos sentimentos nobres e generozos.

Essa prova de fidelidade que davam aquelles quatro homens na ocazião da revolta geral dos seus companheiros; a ação que acabavam de praticar, e o sacrificio com que dezejavam expiar a sua falta, elevou-os no espirito do fidalgo.

— Erguei-vos. Reconheço-vos!... Já não sois os traidores que ha pouco repreendi; sois os bravos companheiros que pelejastes a meu lado; o que fazeis agora esquece o que fizestes ha uma hora. Sim!... Mereceis que morramos juntos, combatendo ainda uma vez na mesma fileira. D. Antonio de Mariz vos perdoa. Podeis levantar a cabeça e trazel-a alta.

Os aventureiros ergueram-se radiantes do perdão que o nobre fidalgo tinha lançado sobre

suas cabeças; todos elles estavam prontos a dar sua vida para salvarem o seu chefe.

O que tinha ocorrido depois da saída de D. Antonio do alpendre, seria longo de descrever.

Loredano tornando a si da vertijem que lhe cauzára o atordoamento e a violencia da queda, soube da ordem que havia a seu respeito. Não era precizo tanto para que o audaz aventureiro recorresse á sua eloquencia afim de excitar de novo a revolta.

Pintou a pozição de todos como dezesperada, atribuiu o seu castigo e as desgraças que iam suceder ao fanatismo que havia por Pery; esgotou emfim os recursos de sua intelijencia.

D. Antonio não estava mais aí para conter com a sua prezença a colera que ia fermentando, a excitação que começava a lavrar, a principio surdamente, as queixas e os murmurios que a final fizeram côro.

Um incidente veiu atear a chama que lastrava; Pery, apenas começou a romper o dia, via a alguma distancia do jardim o cadaver de Ruy Soeiro; e temendo que sua senhora acordando não prezenciasse este triste espetaculo, tomou o corpo, e atravessando a esplanada, veiu atira-lo no meio do pateo.

Os aventureiros empalideceram e ficaram estupefatos; depois rompeu a indignação feroz, raivoza, delirante; estavam como possessos de furor e vingança. Não houve mais hezitação; a

revolta pronunciou-se; apenas o pequeno grupo de quatro homens que desde a saída de D. Antonio se conservava em distancia, não tomou parte na insubordinação.

Ao contrario quando viram que seus companheiros com Loredano á frente se preparavam para atacar o fidalgo, foram, como vimos, oferecer-se voluntariamente ao castigo, e reunir-se ao chefe para partilharem a sua sorte.

Pouco tardou que João Feio não se aprezentasse como parlamentario da parte dos revoltozos; o fidalgo não o deixou falar.

—Dize a teus companheiros, rebelde, que D. Antonio de Mariz manda e não discute condições: que elles estão condenados; e verão se sei ou não cumprir o meu juramento.

O fidalgo tratou então de dispôr os seus meios de defeza; apenas podia contar com quatorze combatentes; elle, Alvaro, Pery, Ayres Gomes, mestre Nunes com os seus companheiros, e os quatro homens que se haviam conservado fieis; os inimigos eram em numero de vinte e tantos.

Toda a sua familia já então despertada recebeu a triste sorpreza de tantos acontecimentos passados durante aquella noite fatal: D. Lauriana, Cecilia e Izabel recolheram-se ao oratorio, e rezavam emquanto se preparava tudo para uma rezistencia dezesperada.

Os aventureiros comandados por Loredano arrejimentaram-se, e marcharam para a caza, dispostos a dar um assalto terrivel; o seu furor

redobrava tanto mais, quanto o remorso no fundo da conciencia começava a mostrar-lhes toda a hediondez de sua ação.

No momento em que dobravam o canto ouviu-se um som rouco que se prolongou pelo espaço, como o éco surdo de um trovão em distancia.

Pery estremeceu, e lançando-se para a beira da esplanada estendeu os olhos pelo campo que costeava a floresta. Quazi ao mesmo tempo um dos aventureiros que estava ao lado de Loredano caíu traspassado por uma flecha.

— Os Aymorés!...

Apenas soltou Pery esta exclamação, uma linha movediça, longo arco de côres vivas e brilhantes, ajitou-se ao lonje na planicie, irradiando á luz do sol nascente.

Homens quazi nús, de estatura gigantesca e aspeto feroz, cobertos de peles de animais e penas amarelas e escarlates, armados de grossas clavas e arcos enormes, avançavam soltando gritos medonhos.

A inubia retroava; o som dos instrumentos de guerra misturado com os brados e alaridos formavam um concerto horrivel, harmonia sinistra que revelava os instintos dessa horda selvajem reduzida á brutalidade das féras.

— Os Aymorés!... repetiram os aventureiros empalidecendo.

VIII

Dezanimo

Dois dias passaram depois da chegada dos Aymorés; a pozição de D. Antonio de Mariz e de sua familia era dezesperada.

Os selvajens tinham atacado a caza com uma força extraordinaria; diante delles a india terrivel de odio os excitava á vingança.

As setas escurecendo o ar abatiam-se como uma nuvem sobre a esplanada, e crivavam as portas e as paredes do edificio.

A' vista do perigo iminente que corriam todos, os aventureiros revoltados retiraram-se e trataram de defender-se do ataque dos selvajens.

Houve como que um armisticio entre os rebeldes e o fidalgo; sem se reunirem, os aventureiros conheceram que deviam combater o inimigo comum, embora depois levassem ao cabo a sua revolta.

D. Antonio de Mariz, encastelado na parte da caza que habitava, rodeado de sua familia e de seus amigos fieis, rezolvera defender até á ul-

tima extremidade esses penhores confiados ao seu amor de espozo e de pai.

Se a Providencia não permitisse que um milagre os viesse salvar, morreriam todos; mas elle contava ser o ultimo, afim de velar que mesmo sobre os seus despojos não atirassem um insulto.

Era o seu dever de pai, e o seu dever de chefe; como o capitão que é o ultimo a abandonar o seu navio, elle seria o ultimo a abandonar a vida, depois de ter assegurado ás cinzas dos seus o respeito que se deve aos mortos.

Bem mudada estava essa caza que vimos tão alegre e tão animada! Parte do edificio que tocava com o fundo onde habitavam os aventureiros tinha sido abandonada por prudencia; D. Antonio concentrára sua familia no interior da habitação para evitar algum acidente.

Cecilia deixára o seu quartinho tão lindo e tão mimozo, e nelle estabelecera Pery o seu quartel-general é o seu centro de operações; porque, é precizo dizer, o indio não partilhava o dezanimo geral, e tinha uma confiança inabalavel nos seus recursos.

Seriam dez horas da noite: a lampada de prata suspensa no teto da grande sala iluminava uma sena triste e silencioza.

Todas as janelas e portas estavam fechadas; de vez em quando ouvia-se o estrepito que fazia uma seta cravando-se na madeira, ou enfiando-se por entre as telhas.

Nas duas extremidades da sala e na frente tinham-se praticado no alto da parede algumas seteiras, junto das quais os aventureiros faziam á noite uma sentinela constante, afim de prevenir uma sorpreza.

D. Antonio de Mariz, sentado n'uma cadeira de espaldar, sob o docel, repouzava um instante; o dia fôra rude; os indios tinham investido por diferentes vezes a escada de pedra da esplanada; e o fidalgo com o pequeno numero de combatentes de que dispunha e com o auxilio da colubrina conseguira repeli-los.

A sua clavina carregada descansava de encontro ao espaldar da cadeira; e as suas pistolas estavam colocadas em cima de um bufete ao alcance do braço.

Sua bela cabeça encanecida pendida ao seio resaltava sobre o veludo preto de seu gibão, coberto por uma rede finissima de malhas d'aço que lhe guarnecia o peito.

Parecia adormecido, mas de vez em quando erguia os olhos e corria o vasto apozento, contemplando com uma melancolia extrema a sena que se dezenhava no fundo meio esclarecido da sala.

Depois voltava á mesma pozição, e continuava suas dolorozas reflexões; o fidalgo conservava toda a firmeza e corajem, mas interiormente tinha perdido a esperança.

Do lado oposto Cecilia recostada em um sofá parecia desfalecida; seu rosto perdera a habi-

tual vivacidade: seu corpo lijeiro e graciozo, alquebrado por tantas emoções, prostrava-se com indolencia sobre uma colcha de damasco. A mãozinha caía imovel como uma flor a que tivessem quebrado a haste delicada; e os labios descorados ajitavam-se ás vezes murmurando uma prece.

De joelhos á beira do sofá, Pery não tirava os olhos de sua senhora; dir-se-ía que aquella respiração branda que fazia ondular os seios da menina, e que se exalava de sua boca entreaberta, era o sopro que alimentava a vida do indio.

Desde o momento da revolta não deixou mais Cecilia; seguia-a como uma sombra; sua dedicação, já tão admiravel, tinha tocado o sublime com a iminencia do perigo. Durante estes dois dias elle havia feito couzas incriveis, verdadeiras loucuras de heroismo e abnegação.

Sucedia que um selvajem aproximando-se da caza soltava um grito que vinha cauzar um lijeiro susto á menina?

Pery lançava-se como um raio, e antes que tivessem tempo de conte-lo, passava entre uma nuvem de flechas, chegava á beira da esplanada, e com um tiro de sua clavina abatia o Aymoré que assustára sua senhora, antes que elle tivesse tempo de soltar um segundo grito.

Cecilia, aflita e doente, recuzava tomar o alimento que sua mãi ou sua prima lhe traziam?

Pery correndo mil perigos, arriscando-se a

despedaçar-se nas pontas dos rochedos e a ser crivado pelas flechas dos selvajens, ganhava a floresta, e d'aí a uma hora voltava trazendo um fruto delicado, um favo de mel envolto de flores, uma caça exquizita, que sua senhora tocava com os labios para assim pagar ao menos tanto amor e tanta dedicação.

As loucuras do indio chegaram a ponto que Cecilia foi obrigada a proíbir-lhe que saísse de junto della, e a guarda-lo á vista com receio de que não se fizesse matar a todo o momento.

Além da amizade que lhe tinha, um quer que seja, uma esperança vaga lhe dizia que na pozição extrema em que se achavam, se alguma salvação podia haver para sua familia, seria á corajem, á intelijencia e á sublime abnegação de Pery que a deveriam.

Se elle morresse, quem velaria sobre ella com a solicitude e o ardente zelo que tinha ao mesmo tempo o carinho de uma mãi, a proteção de um pai, a meiguice de um irmão? Quem seria seu anjo da guarda para livra-la de um pezar, e ao mesmo tempo seu escravo para satisfazer o seu menor dezejo?

Não; Cecilia não podia de modo algum admitir nem a possibilidade de que seu amigo viesse a morrer; por isso mandou, pediu, e até suplicou-lhe que não saísse de junto della; queria por sua vez ser para Pery o bom anjo de Deus, o seu genio protetor.

Do mesmo lado em que estava Cecilia, mais

n'um outro canto da sala, via-se Izabel sentada de encontro á hombreira da janela; enfiava um olhar ardente, cheio de anciedade e de susto, por uma pequena fresta, que ella entreabríra a furto.

O raio de luz que filtrava por esta aberta da janela servia de mira aos indios, que faziam chover setas sobre setas naquella direção: mas Izabel, alheia de si, nem se importava com o perigo que corria.

Ella olhava Alvaro, que no alto da escada com a maior parte dos aventureiros fieis fazia a guarda noturna; o moço passeava pela esplanada ao abrigo de uma lijeira palissada. Cada seta que passava por sua cabeça, cada movimento que fazia, cauzavam em Izabel uma aflição imensa; sentia não poder estar junto delle para ampara-lo, e receber a morte que lhe fosse destinada.

D. Lauriana, sentada em um dos degraus do oratorio, rezava: a boa senhora era uma das pessoas que mais corajem e mais calma mostravam no transe horrivel em que se achava a familia; animada pela sua fé relijioza e pelo sangue nobre que girava nas suas veias, ella se tinha conservado digna de seu marido.

Fazia tudo quanto era possivel; pensava os feridos, encorajava as meninas, auxiliava os preparativos de defeza, e ainda em cima dirijia sua caza como se nada se passasse.

Ayres Gomes encostado á porta do gabinete, com os braços cruzados, e imovel, dormia; o

escudeiro guardava o posto que lhe fôra confiado pelo fidalgo. Desde a conferencia que os dois tinham tido, Ayres se postára naquelle lugar, d'onde não saía senão quando D. Antonio vinha sentar-se na cadeira que havia junto da porta.

Dormia de pé; porém mal um passo, por mais subtil que fosse, soava no pavimento, acordava sobresaltado, com a pistola em punho, e a mão sobre o fecho da porta.

D. Antonio de Mariz levantou-se, e passando á cinta as suas pistolas e tomando a sua clavina, dirijiu-se ao sofá onde repouzava sua filha, e beijou-a na fronte; fez o mesmo a Izabel, abraçou sua mulher e saíu. O fidalgo ia render a Alvaro, que fazia o seu quarto desde o anoitecer; poucos momentos depois de sua saída, a porta abriu-se de novo, e o cavalheiro entrou.

Alvaro trajava um gibão de lã forrado de escarlate; quando elle apareceu no vão da porta, Izabel soltou um grito fraco, e correu para elle.

— Estais ferido? perguntou a moça com anciedade, e tomando-lhe as mãos.

— Não; respondeu o moço admirado.

— Ah!... exclamou Izabel respirando.

Tinha-se iludido; o rasgão que uma flecha fizera sobre o hombro mostrando o forro escarlate do gibão, tinha de repente lhe parecido uma ferida.

Alvaro procurou desprender suas mãos das mãos de Izabel; mas a moça suplicando-o com o olhar, e arrastando-o docemente, levou-o até

o lugar onde estava ha pouco, e obrigou o cavalheiro a sentar-se junto della.

Muitos acontecimentos se tinham passado entre elles nestes dois dias; ha circumstancias em que os sentimentos marcham com uma rapidez extraordinaria, e devoram mezes e anos n'um só minuto.

Reunidos nesta sala pela necessidade extrema do perigo, vendo-se a cada momento, trocando ora uma palavra, ora um olhar, sentindo-se emfim perto um do outro, esses dois corações, se não se amavam, compreendiam-se ao menos.

Alvaro fujia e evitava Izabel; tinha medo desse amor ardente que o envolvia n'um olhar, dessa paixão profunda e rezignada que se curvava a seus pés sorrindo melancolicamente, sentia-se fraco para rezistir, e entretanto o seu dever mandava que rezistisse.

Elle amava, ou cuidava amar ainda a Cecilia; prometera a seu pai ser seu marido; e na situação em que se achavam, aquella promessa era mais do que um juramento, era uma necessidade imperioza, uma fatalidade que se devia cumprir.

Como podia elle pois alimentar uma esperança de Izabel? Não seria infame, indigno, aceitar o amor que ella lhe oferecera suplicando? Não era seu dever destruir naquelle coração esse sentimento impossivel?

Alvaro pensava assim, e evitava todas as ocaziões de estar só com a moça, porque conhecia a impressão veemente, a atração poderoza que

exercia essa beleza fascinadora quando a paixão, animando-a, cercava-a de um brilho deslumbrante.

Dizia a si mesmo que não amava, que nunca amaria Izabel! entretanto sabia que se elle a visse outra vez como no momento em que lhe confessára seu amor, caíria de joelhos a seus pés, e esqueceria o dever, a honra, tudo por ella.

A luta era terrivel; mas a alma nobre do cavalheiro não cedia, e combatia heroicamente: podia ser vencida, mas depois de ter feito o que fosse possivel ao homem para conservar-se fiel á sua promessa.

O que tornava a luta ainda mais violenta era que Izabel não o perseguia com o seu amor; depois daquella primeira alucinação concentrava-se, e rezignada amava sem esperança de nunca ser amada.

IX

Esperança

Sentando-se junto da moça, Alvaro sentiu a sua corajem vacilar.

— Que me quereis, Izabel? perguntou elle com a voz um pouco tremula.

A menina não respondeu; estava embebida a contemplar o moço; saciava-se de olha-lo, de senti-lo junto de si, depois de ter sofrido a angustia de ver a morte roçando a sua cabeça, e ameaçando a sua vida.

É precizo amar para compreender essa volutuozidade do olhar que se repouza sobre o objeto amado, que não se cansa de ver aquillo que está impresso na imajinação, mas que tem sempre um novo encanto.

— Deixai-me olhar-vos! respondeu Izabel suplicando. Quem sabe! Talvez seja pela ultima vez!

— Porque essas idéas tristes? disse Alvaro com brandura. A esperança ainda não está de todo perdida.

— Que importa?... exclamou a moça. Ainda ha pouco vos vi de lonje que passeaveis sobre

a esplanada, e a cada momento me parecia que uma seta vos tocava, vos feria e...

— Como!... Tivestes a imprudencia de abrir a janela?...

O moço voltou-se, e estremeceu vendo a janela entreaberta, crivada da parte exterior pelas setas dos selvajens.

— Meu Deus!... exclamou elle, porque expondes assim a vossa vida, Izabel?...

— Que vale a minha vida, para que a conserve? disse a moça animando-se. Tem ella algum prazer, alguma ventura, que me prenda? De que serviria a existencia se não fosse para satisfazer um impulso de nossa alma? A minha felicidade é acompanhar-vos com os olhos e com o pensamento. Se esta felicidade me deve custar a vida, embora!...

— Não faleis assim, Izabel, que me partis a alma.

— E como quereis que fale? Mentir-vos é impossivel; depois daquelle dia, em que traí o meu segredo, de escravo que elle era, tornou-se senhor, senhor despotico e absoluto. Sei que vos faço sofrer...

— Nunca disse semelhante couza!

— Sois bastante generozo para dize-lo, mas sentis. Eu conheço, eu leio nos vossos menores movimentos. Vós me estimais talvez como irmão, mas fujis de mim, e tendes receio que Cecilia pense que me amais; não é verdade?

— Não, exclamou Alvaro insensivelmente; tenho receio, tenho medo... mas é de amar-vos!

Izabel sentiu uma comoção tão violenta, ouvindo as palavras rapidas do moço, que ficou como extatica sem fazer um movimento; as palpitações fortes do seu coração a sufocavam.

Alvaro não estava menos comovido; subjugado por aquelle amor ardente, impressionado pela abnegação da menina que expunha sua vida só para acompanha-lo de lonje com um olhar e proteje-lo com a sua solicitude, tinha deixado escapar o segredo da luta que se passava em sua alma.

Mas apenas pronunciára aquellas palavras imprudentes, conseguiu dominar-se, e tornando-se frio e rezervado, falou a Izabel em um tom grave.

— Sabeis que amo Cecilia; mas ignorais que prometti a seu pai ser seu marido. Emquanto elle por sua livre vontade não me desligar de minha promessa, estou obrigado a cumpri-la. Quanto ao meu amor, este me pertence, e só a morte me póde desligar delle. No dia em que eu amasse outra mulher, que não ella, me condenaria a mim mesmo como um homem desleal.

O moço voltou-se para Izabel com um triste sorrizo:

— E compreendeis o que faz um homem desleal que tem ainda a conciencia preciza para se julgar a si?

Os olhos da moça brilharam com um fogo sinistro:

— Oh! compreendo!... É o mesmo que faz a mulher que ama sem esperança, e cujo amor é

um insulto ou um sofrimento para aquelle a quem ama!

— Izabel!... exclamou Alvaro estremecendo.

— Tendes razão! Só a morte póde desligar de um primeiro e santo amor aos corações como os nossos!

— Deixai-vos dessas idéas, Izabel! Crede-me; uma unica razão póde justificar semelhante loucura.

— Qual? perguntou Izabel.

— A dezhonra.

— Ha ainda outra, respondeu a moça com exaltação: outra menos egoista, mas tão nobre como esta; a felicidade daquelles que se ama.

— Não vos compreendo.

— Quando se sabe que se póde ser uma cauza de desgraça para aquelles que se estima, melhor é dezatar o unico laço que nos prende á vida do que ve-lo despedaçar-se. Não dizieis que tendes medo de amar-me? Pois bem, agora sou eu que tenho medo de ser amada.

Alvaro não soube o que responder: estava n'uma terrivel ajitação: conhecia Izabel, e sabia que força tinham aquellas palavras ardentes que soltavam os labios da moça.

— Izabel! disse elle tomando-lhe as mãos. Se me tendes alguma afeição, não me recuzeis a graça que vou pedir-vos. Repeli esses pensamentos! Eu vos suplico!

A moça sorriu-se melancolicamente:

— Vós me suplicais?... Me pedis que con-

serve esta vida que recuzastes!... Não é ella vossa? Aceitai-a; e já não tereis que supplicar!

O olhar ardente de Izabel fascinava; Alvaro não se pôde mais conter; ergueu-se; e reclinando-se ao ouvido da moça balbuciou:

— Aceito!...

Emquanto Izabel, palida de emoção e felicidade, duvidava ainda da voz que resoava no seu ouvido, o moço tinha saído da sala.

Durante que Alvaro e Izabel conversavam a meia voz, Pery continuava a contemplar sua senhora.

O indio estava pensativo: e via-se que uma idéa o preocupava, e absorvia toda a sua atenção.

Por fim levantou-se, e lançando um ultimo olhar repassado de tristeza a Cecilia, encaminhou-se lentamente para a porta da sala.

A menina fez um lijeiro movimento e levantou a cabeça:

— Pery! ..

Elle estremeceu, e voltando foi de novo ajoelhar-se junto do sofá.

— Tu me prometes não deixar tua senhora! disse Cecilia com uma doce exprobração.

— Pery quer te salvar.

— Como?

— Tu saberás. Deixa Pery fazer o que tem no pensamento.

— Mas não correrás nem um perigo?

— Porque perguntas isto, senhora? disse o indio timidamente.

— Porque?... exclamou Cecilia levantando-se com vivacidade. Porque se para nos salvar é precizo que tu morras, eu rejeito o teu sacrificio, rejeito-o em meu nome e no de meu pai.

— Socega, senhora; Pery não teme o inimigo; sabe o modo de vencê-lo.

A menina abanou a cabeça com ar incredulo.

— Elles são tantos!...

O indio sorriu com orgulho.

— Sejam mil; Pery vencerá a todos; aos indios e aos brancos.

Elle pronunciou estas palavras com a expressão de naturalidade e ao mesmo tempo de firmeza que dá a conciencia da força e do poder.

Comtudo Cecilia não podia acreditar o que ouvia; parecia-lhe inconcebivel que um homem só, embora tivesse a dedicação e o heroismo do indio, pudesse vencer não só os aventureiros revoltados, como os duzentos guerreiros Aymorés que assaltavam a caza.

Mas ella não contava com os recursos imensos de que dispunha essa intelijencia vigorosa, que tinha ao seu serviço um braço forte, um corpo ajil, e uma destreza admiravel; não sabia que o pensamento é a arma mais poderoza que Deus deu ao homem, e que com ella se abatem os inimigos, se quebra o ferro, se doma o fogo e se vence por essa força irrezistivel e

providencial que manda ao espirito dominar a materia.

—Não te iludas; vais fazer um sacrificio inutil. Não é possivel que um homem só vença tantos inimigos ainda mesmo que este homem seja Pery.

—Tu verás! respondeu o indio com segurança.

—E quem te dará força para lutar contra um poder tão grande?...

—Quem?... Tu, senhora, tu só, respondeu o indio fitando nella o seu olhar brilhante.

Cecilia sorriu, como devem sorrir os anjos.

—Vai, disse ella, vai salvar-nos. Mas lembra-te que se tu morreres, Cecilia não aceitará a vida que lhe deres.

Pery ergueu-se.

—O sol que se levantar amanhã será o ultimo para todos os teus inimigos; Cecy poderá sorrir como d'antes, e ficar alegre e contente.

A voz do indio tornou-se tremula; sentindo que não podia vencer a emoção atravessou rapidamente a sala e saiu.

Chegando á esplanada Pery olhou as estrelas que começavam a apagar-se, e viu que o dia pouco tardaria a raiar: não tinha tempo a perder.

Qual era o projeto que havia concebido, e que lhe dava uma certeza e uma convição profunda a respeito do seu rezultado? Que meio ouzado

tinha elle para contar com a destruição dos inimigos, e salvação de sua senhora?

Fôra dificil adivinhar; Pery guardava no fundo do coração esse segredo impenetravel, e nem a si mesmo o dizia com receio de traír-se, e de anular o efeito, que esperava com uma confiança inabalavel.

Tinha todos os inimigos na sua mão; e bastava-lhe um pouco de prudencia para fulmina-los a todos como a colera celeste, como o fogo de raio.

Pery dirijiu-se ao jardim e entrou no quarto de Cecilia, então abandonado por sua senhora, por cauza da proximidade em que ficava do fundo da caza ocupado pelos aventureiros revoltados.

O quarto estava ás escuras; mas a tenue claridade que entrava pela janela bastava ao indio para distinguir os objetos perfeitamente; a perfeição dos sentidos é um dom que os selvajens possuem no mais alto grau.

Elle tomou suas armas uma a uma, beijou as pistolas que Cecilia lhe havia dado e deitou-as no chão no meio do apozento, tirou os seus ornatos de penas, sua faxa de guerreiro, a pluma brilhante do seu cocar e lançou-os como um troféu sobre as suas armas.

Depois agarrou o seu grande arco de guerra, apertou-o ao seio e curvando-o de encontro ao joelho quebrou-o em duas metades, que foram juntar-se ás armas e aos ornatos.

Por algum tempo Pery contemplou com um sentimento de dôr profunda esses despojos de sua vida selvajem; esses emblemas de sua dedicação sublime por Cecilia, e de seu heroismo admiravel.

Em luta com essa emoção poderoza, insensivelmente murmurou na sua lingua algumas destas palavras que a alma manda aos labios nos momentos supremos:

—Arma de Pery, companheira e amiga, adeus! Teu senhor te abandona e te deixa: comtigo elle venceria; comtigo ninguem poderia vencê-lo. E elle quer ser vencido...

O indio levou a mão ao coração:

—Sim!... Pery, filho de Araré, primeiro de sua tribu, forte entre os fortes, guerreiro goytacaz, nunca vencido, vai sucumbir na guerra. A arma de Pery não póde ver seu senhor pedir a vida ao inimigo; o arco de Araré, já quebrado, não salvará o filho.

Sua cabeça altiva e sobranceira emquanto pronunciava estas palavras caíu-lhe sobre o seio; por fim venceu a sua emoção, e cinjindo nos seus braços esse troféu de suas armas e de suas insignias de guerra, estreitou-as ao peito em um ultimo abraço de despedida.

Um aroma agreste das plantas que começavam a se abrir com a aproximação do dia, avizou-lhe que a noite estava a acabar.

Quebrou a axorca de frutos que trazia na perna sobre o artelho, como todos os selvajens:

este ornato era feito de pequenos cocos ligados por um fio, e tinjidos de amarelo.

Pery tomou dois destes frutos, e partiu-os com a faca, sem comtudo separar as cascas; fechando-os então na sua mão, levantou o braço como fazendo um dezafio ou uma ameaça terrivel e lançou-se fóra do apozento.

X

A brecha

Quando Pery entrou no quarto de Cecilia, Loredano passeava do outro lado da esplanada, em frente do alpendre.

O italiano refletia sobre os acontecimentos que haviam passado nos ultimos dias, sobre as vicissitudes que correra a sua vida e a sua fortuna.

Por diferentes vezes tinha posto o pé sobre o tumulo; tinha tocado a sua ultima hora; e a morte fujira delle, e o respeitára. Tambem por diferentes vezes havia encarado a felicidade, o poder, a fortuna; e tudo se esvaecera como um sonho.

Quando á frente dos aventureiros revoltados ia atacar a D. Antonio de Mariz que não lhe podia rezistir, os Aymorés tinham aparecido de repente e mudado a face das couzas.

A necessidade da defeza contra o inimigo comum trouxe uma suspensão de hostilidades; acima da ambição estava o instinto da vida e da conservação. A luta de interesses e de odios cedeu á grande luta das raças inimigas.

Por isso no primeiro ataque dos selvajens, todos por um movimento espontaneo trataram de repelir o inimigo, e de salvar a caza da ruina que a ameaçava. Depois separaram-se de novo, e sempre observando-se, sempre prontos a defenderem-se um do outro, os dois grupos continuaram a repelir os indios com a maior corajem.

No meio disto porém Loredano, que se constituira o chefe da revolta, não abandonava o seu projeto de apoderar-se de Cecilia, e vingar-se de D. Antonio de Mariz e de Alvaro.

Seu espirito tenaz trabalhava incessantemente procurando o meio de chegar áquelle rezultado; atacar abertamente o fidalgo era uma loucura que não podia cometer. A menor luta que houvesse entre elles, entregava-os todos aos selvajens, que excitados pela vingança e pelos seus instintos sanguinarios e ferozes, atacavam o edificio sem repouzo e sem descanso.

A unica barreira que continha os Aymorés era a pozição inexpugnavel da caza, assentada sobre um rochedo, apenas acessivel por um ponto, pela escada de pedra que descrevemos no primeiro capitulo desta historia.

Esta escada era defendida por D. Antonio de Mariz e pelos seus homens; a ponte de madeira tinha sido destruida; mas apezar disto os selvajens a substituiriam facilmente se não fosse a rezistencia dezesperada que o fidalgo opunha aos seus ataques.

Desde o momento pois que, impelido pelo seu amor, D. Antonio corresse em defeza de sua familia, e abandonassė a escada, os duzentos guerreiros Aymorés se precipitariam sobre a caza, e não havia corajem que lhes pudesse rezistir.

O italiano, que compreendia isto, estava bem lonje de tentar o menor ataque a peito descoberto; a prudencia o aconselhava então como o tinha aconselhado no dia do primeiro assalto.

O que elle procurava era um meio de, sem estrepito, sem luta, imprevistamente, fazer morrer D. Antonio de Mariz, Pery, Alvaro, e Ayres Gomes; feito isto os outros se reuniriam a elle pela necessidade da defeza, e pelo instinto da conservação.

Tornar-se-ía então senhor da caza; ou repelia os indios, salvava Cecilia, e realizava todos os seus sonhos de amor e de felicidade; ou morria tendo ao menos esgotado até ao meio a taça do prazer que seus labios nem sequer haviam tocado.

Era impossivel que esse espirito satanico, fixando-se em uma idéa durante trez dias, não tivesse conseguido achar um meio para a consumação desse novo crime que planejára.

Não só tinha achado, mas já havia começado a pô-lo em pratica; tudo o protejia, até mesmo o inimigo que o deixava em repouzo, atacando unicamente o lado da caza protejido por D. Antonio de Mariz.

Passeava pois embalando-se de novo nas suas esperanças, quando Martim Vaz, saíndo do alpendre, chegou-se a elle:

— Uma com que não contavamos!... disse o aventureiro.

— O que? perguntou o italiano com vivacidade.

— Uma porta fechada.

— Abre-se!

— Não com essa facilidade.

— Veremos.

— Está pregada por dentro.

— Terão presentido?...

— Foi a idéa que já tive.

Loredano fez um gesto de dezespero.

— Vem!

Os dois encaminharam-se para o alpendre, onde dormiam os aventureiros armados, prontos ao menor sinal de ataque.

O italiano acordou João Feio, e por precaução mandou-o fazer a guarda na esplanada, apezar de não haver receio que os selvajens atacassem do seu lado.

O aventureiro, ainda tonto do sono, ergueu-se e saíu.

Loredano e seu companheiro caminharam para uma sala interior que servia de cozinha e despensa a esta parte da caza. Quando iam entrar, a luz que o aventureiro levava na mão para esclarecer o caminho, apagou-se de repente.

— Sois um dezazado! disse Loredano contrariado.

— E tenho eu culpa! Queixai-vos do vento.

— Bom! não gasteis o tempo em palavras! Tirai fogo!

O aventureiro voltou a procurar o seu fuzil.

Loredano ficou em pé na porta á espera que o seu companheiro voltasse; e pareceu-lhe ouvir perto delle a respiração de um homem. Aplicou o ouvido para certificar-se; e por segurança tirou o seu punhal e colocou-se no centro da porta, para impedir a saída de quem quer que fosse.

Não ouviu mais nada; porém sentiu de repente um corpo frio e gelado que tocou-lhe a fronte; o italiano recuou, e brandindo a sua faca deu um golpe ás escuras.

Pareceu-lhe que tinha tocado alguma couza; entretanto tudo conservou-se no mais profundo silencio.

O aventureiro voltou trazendo a luz.

— É singular, disse elle; o vento póde apagar uma candeia, mas não lhe tira o pavio.

— O vento, dizeis. Acazo o vento tem sangue?

— Que quereis dizer?

— Que o vento que apagou a vela é o mesmo que deixou o seu sinal neste ferro.

E Loredano mostrou ao aventureiro a sua faca, cuja ponta estava tinta de sangue ainda liquido.

— Ha aqui então um inimigo?...

— De certo; os amigos não precizam ocultar-se.

Nisto ouviram um rumor no telhado, e um

morcego passou ajitando lentamente as grandes azas: estava ferido.

—Eis o inimigo!... exclamou Martim rindo-se.

—É verdade, respondeu Loredano no mesmo tom; confesso que já tive medo de um morcego.

Tranquilos a respeito do incidente que os havia demorado, os dois entraram na cozinha, e d'aí por uma brecha estreita praticada na parede penetraram no interior da caza ha pouco habitada por D. Antonio de Mariz e sua familia.

Atravessaram parte do edificio e chegaram a uma varanda que tocava de um lado com o quarto de Cecilia e do outro com o oratorio e o gabinete d'armas do fidalgo.

Aí o aventureiro parou; e mostrando a Loredano a porta adufada de jacarandá, que dava entrada para o gabinete, disse-lhe:

—Não é com duas razões que a deitaremos dentro!

Loredano aproximou-se e reconheceu que a solidez e a fortaleza da porta não lhe permitia a menor violencia: todo o seu plano estava destruido.

Contava durante a noite se introduzir furtivamente na sala, e assassinar a D. Antonio de Mariz, Ayres Gomes e Alvaro antes que elles pudessem ser socorridos por seus companheiros; consumado o crime, estava senhor da caza.

Como remover o obstaculo que lhe aparecia? A menor violencia contra a porta despertaria a

atenção de D. Antonio de Mariz, e inutilizaria todo o seu projeto.

Emquanto refletia nisto, os seus olhos caíram sobre uma estreita fresta que havia no alto da parede do oratorio, e que servia mais para dar ar do que luz.

Por esta abertura o italiano conheceu que aquella parte da parede era sinjela, e feita de um só tijolo; com efeito o oratorio tinha sido outr'ora um corredor largo que ia da varanda á sala, e que fôra separado por uma lijeira divisão.

Loredano mediu a parede de alto a baixo, e acenou ao seu companheiro.

— É por aqui que havemos de entrar, disse elle apontando para a parede.

— Como? A menos de não ser um mosquito para passar por aquella fresta!

— Esta parede assenta sobre uma viga; tirada ella, está aberto o caminho!

— Entendo.

— Antes que possam tornar a si do susto, teremos acabado.

O aventureiro quebrou com a ponta da faca o reboco da parede, e descobriu a viga que lhe servia de alicerce.

— Então?

— Não ha duvida. D'aqui a duas horas dou-vos isto pronto.

Martim Vaz, depois da morte de Ruy Soeiro e Bento Simões, tinha-se tornado o braço direito de Loredano, era o unico a quem o italiano con-

fiára o seu segredo, oculto para os outros em quem receava ainda a influencia de D. Antonio de Mariz.

O italiano deixou o aventureiro no seu trabalho, e voltou pelo mesmo caminho; chegando á cozinha, sentiu-se sufocado por uma fumaça espessa que enchia todo o alpendre. Os aventureiros acordados de repente blasfemavam contra o autor de semelhante lembrança.

Quando Loredano no meio delles procurava indagar a cauza do que sucedia, João Feio apareceu na entrada do alpendre.

Havia na sua fizionomia uma expressão terrivel de colera e ao mesmo tempo de espanto; de um salto aproximou-se do italiano, e chegando-lhe a boca ao ouvido, disse:

—Renegado e sacrilego, dou-te uma hora para ires entregar-te a D. Antonio de Mariz, e obter delle o nosso perdão, e o teu castigo. Se o não fizeres dentro desse tempo, é comigo que te has de avir.

O italiano fez um movimento de raiva: mas conteve-se:

—Amigo, o sereno transtornou-vos o juizo; ide deitar-vos. Boa noite, ou antes bom dia.

A alvorada despontava no horizonte.

XI

O frade

Saíndo do quarto de Cecilia, Pery tomára pelo corredor que comunicava com o interior do edificio.

O indio, a cuja perspicacia nada escapava do que se passava no interior da caza, por mais insignificante que fosse, havia percebido o plano de Loredano desde a primeira pancada dada para a abertura da brecha.

Na vespera o som do ferro na parede tinha ido despertar a sua atenção na sala onde elle repouzava um momento, deitado aos pés do leito de sua senhora; seu ouvido fino e delicado auscultára o seio da terra. Levantou-se de salto, e atravessando todo o edificio chegou, guiado pelas pancadas, ao lugar onde Loredano e o aventureiro começavam a abrir uma fenda no muro.

Em vez de atemorizar-se com esta nova audacia do italiano, o indio sorriu-se; a brecha que praticava seria a sua perdição, porque ia dar facil passajem a elle Pery.

Contentou-se pois em examinar todas as portas que comunicavam com a sala e prega-las por

dentro; seria um novo obstaculo que demoraria os aventureiros, e lhe daria tempo de sobra para extermina-los.

Foi por isso que do quarto de Cecilia, cuja porta fechou sobre si, caminhou direito á brecha e por ella penetrou na despensa dos aventureiros.

Era uma sala bastante espaçoza, onde havia uma meza, algumas talhas e uma grande quartola de vinho; o indio mesmo ás escuras chegou-se a cada um desses vazos; e por alguns instantes ouviu-se o fraco vascolejar do liquido que elles continham.

Então Pery viu uma luz que se aproximava; era Loredano e o seu companheiro.

A vista do italiano lhe gelou o sangue no coração. Tal odio votava a esse homem abjeto e vil, que teve medo de si, medo de o matar. Isso fôra agora uma imprudencia; pois inutilizaria todo o seu plano.

Muita vez depois da noite em que Loredano penetrára na alcova de Cecilia, Pery tivera impetos de ir vingar a injuria feita á sua senhora no sangue do italiano, para quem pensava que uma morte não era bastante punição.

Mas lembrava-se que não se pertencia; que precizava da vida para consumar sua obra salvando Cecilia de tantos inimigos que a cercavam. E recalcava a vingança no fundo do coração.

Fez o mesmo então: cozido com a parede

conseguiu apagar a vela. Ia saír, quando sentira que o italiano tomava a porta.

Hezitou.

Podia lançar-se sobre Loredano e subjuga-lo; mas isto produziria uma luta, e denunciaria a sua prezença; era precizo que fujisse sem que restasse um só vestijio da sua passajem: a mais leve suspeita faria abortar o seu plano.

Teve uma idéa feliz, ergueu a mão molhada e tocou o rosto do italiano; emquanto este recuava para atirar a punhalada ás escuras, o indio resvalou entre elle e a porta.

A faca de Loredano tinha-lhe ferido o braço esquerdo; não soltou porém nem um gemido, não fez um movimento que o traísse; ganhou o fundo do alpendre antes que o aventureiro voltasse com a luz.

Mas Pery não estava contente; o seu sangue ia denuncia-lo; não lhe convinha de modo algum que o italiano suspeitasse que elle ali tinha estado.

Os morcegos que esvoaçavam espantados pelo teto do alpendre lembraram-lhe um excelente expediente; agarrou o primeiro que lhe passou ao alcance do braço, e abrindo-lhe uma cezura com a faca, soltou-o.

Elle sabia que o vampiro procuraria a luz, e iria esvoaçar em torno dos dois aventureiros; contava que as gotas de sangue que caíam de sua aza ferida os enganariam; a realidade correspondeu ás suas previzões.

Apenas Loredano dezapareceu, Pery continuou a execução do seu plano; chegou-se a um canto do alpendre onde havia um resto de fogo encoberto pela cinza, e atirou sobre elle alguma roupa dos aventureiros que aí estava a enxugar.

Este incidente, por insignificante que pareça, entrava nos planos de Pery; a roupa queimando-se devia encher a caza de fumaça, acordar os aventureiros e excitar-lhes a sêde. Era justamente o que dezejava o indio.

Satisfeito do rezultado que obtivera, Pery atravessou a esplanada: aí porém foi obrigado a recuar, sorpreendido do que via.

Um homem do lado de D. Antonio de Mariz e um aventureiro revoltado conversavam atravéz da estacada que dividia esses dois campos inimigos; havia realmente motivo para que o indio se admirasse.

Não só isso era contra a ordem expressa de D. Antonio de Mariz, que proíbira qualquer relação entre seus homens e os revoltados, como contrariava o plano de Loredano, que temia ainda o respeito e o habito de obediencia que os aventureiros tinham para com o fidalgo.

O que se tinha passado antes explicava esse acontecimento extraordinario.

O aventureiro a quem Loredano mandára rondar a esplanada, emquanto elle entrava, tinha começado o seu giro de uma ponta á outra do pàteo.

Sempre que chegava junto da estacada, notava que do outro lado um homem se aproximava

como elle, voltava, e se alongava pela beira da esplanada; adivinhou facilmente que era tambem uma sentinela.

João Feio era um franco e jovial companheiro, e não podia suportar o tedio de um passeio alta noite, no meio de um sono interrompido, sem uma pinga para beber, sem um camarada para conversar, sem uma distração emfim.

Para maior desprazer, uma das vezes que se aproximava da estacada, sentiu uma baforada de tabaco, e viu que o seu companheiro de guarda fumava.

Levou a mão ao bolso das bragas, e achou algumas folhas de fumo, mas não trazia o seu caximbo; ficou dezesperado, e decidiu dirijir-se ao outro.

— Olá, amigo! Tambem fazeis a vossa guarda?

O homem voltou-se, e continuou o seu caminho sem dar resposta.

No segundo giro o aventureiro atirou segunda isca.

— Felizmente o dia não tarda a raiar; não vos parece?

O mesmo silencio que a primeira vez: o aventureiro comtudo não dezanimou, e na terceira volta retrucou:

— Somos inimigos, camarada; mas isto não impede a um homem cortez de responder quando outro lhe fala.

Desta vez o silenciozo sentinela voltou-se de todo:

— Antes da cortezia está a nossa santa reli-

jião, que manda a todo o cristão não falar a um hereje, a um reprobo, a um farizeu.

— Que é lá isto? Falais serio, ou quereis fazer-me enraivar por nonadas?

— Falo-vos serio, como se estivesse diante do nosso Santo Redemptor confessando as minhas culpas.

— Pois então, digo-vos que mentis! Porque tão bom podeis ser, porém melhor crente que eu não o é outrem.

— Tendes a lingua um pouco longa, amigo. Mas Belzebuth vos fará as contas, que não eu: perderia minha alma se tocasse o corpo de endemoniados!

— Por S. João Baptista, meu patrão, não me façais saltar esta estacada para perguntar-vos a razão por que tratais em ar de mofa a devoção dos mais. Chamai-nos rebeldes, mas herejes não.

— E como quereis então que chame os companheiros de um frade sacrilego, maldito, que abjurou dos seus votos, e atirou o seu habito ás ortigas?

— Um frade! Dissestes vós?

— Sim, um frade. Não o sabieis?

— O que? De que frade falais vós?

— Do italiano, bofé!

— Elle!...

O homem, que não era outro senão o nosso antigo conhecido mestre Nunes, contou então, exajerando com o fervor de seus sentimentos relijiozos, aquilo que sabia da historia de Loredano.

O aventureiro horrorizado, tremendo de raiva, não deixou mestre Nunes acabar a sua historia e lançou-se para o alpendre, onde viu-se a ameaça que fez ao italiano.

Quando elles se separaram, Pery saltou por cima da estacada, e dirijiu-se para o quarto que ha pouco tinha deixado.

O dia vinha então rompendo; os primeiros raios do sol iluminavam já o campo dos Aymorés, assentado sobre a varzea á marjem do rio. Os selvajens irritados olhavam de lonje a caza, fazendo gestos de raiva por não poderem vencer a barreira de pedra que defendia o inimigo.

Pery olhou um momento aquelles homens de estatura gigantesca, de aspeto horrivel, aquelles duzentos guerreiros de força prodijioza, ferozes como tigres.

O indio murmurou:

— Hoje cairão todos como a arvore da floresta, para não se erguerem mais.

Sentou-se no vão da janela, e encostando a cabeça sobre a curva do braço, começou a refletir.

A obra gigantesca que empreendera, obra que parecia exceder todo o poder do homem, estava prestes a realizar-se: já tinha levado ao cabo metade della, faltava a concluzão, a parte mais dificil e a mais delicada.

Antes de lançar-se, Pery queria prever tudo; fixar bem no seu espirito as menores circumstancias; traçar a sua linha invariavel afim de marchar firme, direito, infalivel ao alvo a que

vizava; afim de que a menor hezitação não puzesse em risco o efeito do seu plano.

Seu espirito percorreu em alguns segundos um mundo de pensamentos; guiado pelo seu instinto maravilhozo e pelo seu nobre coração, formulou n'um rapido instante um grande e terrivel drama, do qual devia ser o herói; drama sublime de heroismo e dedicação, que para elle era apenas o cumprimento de um dever e a satisfação de um dezejo.

As almas grandes têm esse privilegio; suas ações, que nos outros inspiram a admiração, se aniilam em face dessa nobreza inata do coração superior, para o qual tudo é natural e possivel.

Quando Pery ergueu a cabeça estava radiante de felicidade e orgulho; felicidade por salvar sua senhora; orgulho pela conciencia de que elle só bastava para fazer o que cincoenta homens não fariam, o que o proprio pai, o amante, não conseguiram nunca.

Não duvidava mais do rezultado: via nos acontecimentos futuros como no espaço que se estendia diante delle, e no qual nem um objeto escapava ao seu olhar limpido; tanto quanto é possivel ao homem, elle tinha a certeza e a convição de que Cecilia estava salva.

Cobriu o peito e as costas com uma pele de cobra que ligou estreitamente ao corpo; vestiu por cima o seu saiote de algodão; experimentou os musculos dos braços e das pernas; e sentindo-se forte, ajil e flexivel, saíu inerme.

XII

Dezobediencia

Alvaro, recostado da parte de fóra a uma das janelas da caza, pensava em Izabel.

Sua alma lutava ainda, mas já sem força, contra o amor ardente e profundo que o dominava; procurava iludir-se, mas a sua razão não o permitia.

Conhecia que amava Izabel, e que a amava como nunca tinha amado Cecilia; a afeição calma e serena de outr'ora fôra substituida pela paixão abrazadora.

Seu nobre coração revoltava-se contra essa verdade; mas a vontade era impotente contra o amor; não podia mais arranca-lo do seu seio; não o dezejava mesmo.

Alvaro sofria; o que dissera na vespera a Izabel era realmente o que sentia; não se exajerára; no dia em que deixasse de amar Cecilia e fosse infiel á promessa feita a D. Antonio, se condenaria como um homem sem honra e sem lealdade.

Consolava-o a idéa de que a situação em que se achavam não podia durar muito; pouco tar-

dava que exaustos, enfraquecidos, sucumbissem á força dos inimigos que os atacavam.

Então nos momentos extremos, á borda do tumulo, quando a morte o tivesse já desligado da terra, poderia com o ultimo suspiro balbuciar a primeira palavra do seu amor! poderia confessar a Izabel que a amava.

Até então lutaria.

Nisto Pery chegou-se e tocou-lhe no hombro:

— Pery parte.

— Para onde?

— Para lonje.

— Que vais fazer?

O indio hezitou:

— Procurar socorro.

Alvaro sorriu-se com incredulidade.

— Tu duvidas?

— De ti não; mas do socorro.

— Escuta; se Pery não voltar, tu farás enterrar as suas armas.

— Podes ir tranquilo; eu te prometo.

— Outra couza.

— O que é?

O indio hezitou de novo:

— Se tu vires a cabeça de Pery desligada do corpo, enterra-a com as suas armas.

— Porque este pedido? A que vem semelhante lembrança?

— Pery vai passar pelo meio dos selvajens, e póde morrer. Tu és guerreiro; e sabes que a

vida é como a palmeira: murcha quando tudo reverdece.

— Tens razão. Farei tudo quanto pedes; mas espero ver-te ainda.

O indio sorriu.

— Ama a senhora, disse elle estendendo a mão ao moço.

O seu *adeus* era uma ultima prece pela felicidade de Cecilia.

Pery entrou na sala onde se encontrava reunida a familia.

Todos dormiam; só D. Antonio de Mariz velava sempre, apezar da velhice; sua vontade poderoza cobrava novas forças, e reanimava o corpo gasto pelos anos. Não lhe restava senão uma esperança; a de morrer rodeado dos entes que amava, cercado de sua familia, como um fidalgo portuguez devia morrer; com honra e corajem.

O indio atravessou a sala, e colocando-se junto do sofá em que Cecilia adormecida repouzava, contemplou-a um instante com um sentimento de profunda melancolia.

Dir-se-ía que nesse olhar ardente fazia uma ultima e solene despedida; que partindo-se, o escravo fiel e dedicado queria deixar a sua alma enleiada naquella imajem, que reprezentava a sua divindade na terra.

Que sublime linguajem não falavam aquelles olhos intelijentes, animados por um brilhante reflexo de amor e de fidelidade? Que epopéa de

sentimento e de abnegação não havia naquella muda e respeitoza contemplação?

Por fim Pery fez um esforço supremo, e a custo conseguiu quebrar o encanto que o prendia, e o conservava imovel, como uma estatua, diante da linda menina adormecida. Reclinou sobre o sofá, e beijou respeitozamente a fimbria do vestido de Cecilia; quando ergueu-se, uma lagrima triste e silencioza que deslizava pela sua face caíu sobre a mão da menina.

Cecilia, sentindo aquella gota ardente, entreabriu os olhos; mas Pery não viu este movimento, porque já se tinha voltado e aproximava-se de D. Antonio de Mariz.

O fidalgo, sentado na sua poltrona, recebeu-o com um sorrizo punjente:

— Tu sofres? perguntou o indio.

— Por elles, por ella especialmente, por minha Cecilia.

— Por ti não? disse Pery com intenção.

— Por mim? Daria a minha vida para salva-la: e morreria feliz!

— Ainda que ella te pedisse que vivesses?

— Embora me suplicasse de joelhos.

O indio sentiu-se aliviado como de um remorso.

— Pery te pede uma couza?

— Fala!

— Pery quer beijar a tua mão.

D. Antonio de Mariz tirou o seu guante, e

sem compreender a razão do pedido do indio, estendeu-lhe a mão.

— Tu dirás a Cecilia que Pery partiu; que foi lonje; não deves contar-lhe a verdade: ella sofrerá. Adeus; Pery sente te deixar; mas é precizo.

Emquanto o indio proferia estas palavras em voz baixa e inclinado ao ouvido do fidalgo, este sorprendido procurava ligar-lhes um sentido que lhe parecia vago e confuzo:

— Que pretendes tu fazer, Pery? perguntou D. Antonio.

— O mesmo que tu querias fazer para salvar a senhora.

— Morrer!... exclamou o fidalgo.

Pery levou o dedo aos labios recomendando silencio; mas era tarde; um grito partido do canto da sala fê-lo estremecer.

Voltando-se viu Cecilia, que ao ouvir a ultima palavra de seu pai quizera correr para elle, e caíra de joelhos, sem forças para dar um passo. A menina com as mãos estendidas e suplicantes parecia pedir a seu pai que evitasse aquelle sacrificio heroico, e salvasse a Pery de uma morte voluntaria.

O fidalgo a compreendeu:

— Não, Pery; eu, D. Antonio de Mariz, não consentirei nunca em semelhante couza. Se a morte de alguem pudesse trazer a salvação de minha Cecilia e de minha familia, era a mim que competia o sacrificio. E por Deus e pela

minha honra o juro, que a ninguem o cederia; quem quizesse roubar-me esse direito me faria um insulto cruel.

Pery volvia os olhos de sua senhora aflita e suplicante para o fidalgo severo e rijido no cumprimento de seu dever; temia aquellas duas opozições diferentes, mas que tinham ambas um grande poder sobre a sua alma.

Podia o escravo rezistir a uma suplica de sua senhora, e cauzar-lhe uma mágoa, quando toda a sua vida fôra destinada a fazê-la alegre e feliz? Podia o amigo ofender a D. Antonio de Mariz, a quem respeitava, praticando uma ação que o fidalgo considerava como uma injuria feita á sua honra?

Pery teve um momento de alucinação, em que pareceu-lhe que o coração lhe estacava no peito, a vida lhe fujia, e a cabeça se despedaçava com a pressão violenta das idéas que tumultuavam no cerebro.

No rapido instante que durou a vertijem, elle viu girarem rapidamente em torno de si as figuras sinistras dos Aymorés, que ameaçavam a vida precioza daquelles a quem mais amava no mundo. Viu Cecilia suplicando, não a elle, mas ao inimigo feroz e sanguinario, prestes a mancha-la com as mãos impuras; viu a bela e nobre cabeça do velho fidalgo rojar mutilada com os alvos cabelos tintos de sangue.

O indio horrorizado com estas imajens lugubres que lhe dezenhava a sua imajinação em

delirio, apertou a cabeça entre as mãos, como para arranca-la daquella febre.

— Pery!... balbuciou Cecilia; tua senhora te pede!...

— Morreremos todos juntos, amigo, quando chegar o momento, dizia D. Antonio de Mariz.

Pery levantou a cabeça, e lançou sobre a menina e o fidalgo um olhar alucinado.

— Não!... exclamou elle.

Cecilia ergueu-se com um movimento instantaneo, de pé e palida, soberba de colera e indignação, a gentil e gracioza menina de outr'ora se tinha de repente transformado n'uma rainha imperioza.

Sua bela fronte alva resplandecia com um assomo de orgulho; seus olhos azuis tinham desses reflexos fulvos que iluminam as nuvens no meio da tormenta; seus labios tremulos e lijeiramente arqueados pareciam reter a palavra para deixa-la caír com toda a força.

Atirando a cabecinha loura sobre o hombro esquerdo com um gesto de enerjia, ella estendeu a mão para Pery:

— Proibo-te que saias desta caza!...

O indio julgou que ia enlouquecer; quiz lançar-se aos pés de sua senhora, mas recuou anelante, opresso e sufocado. Um canto; ou antes uma celeuma dos selvajens soava ao lonje.

Pery deu um passo para a porta; D. Antonio o reteve:

— Tua senhora, disse o fidalgo friamente,

acaba de te dar uma ordem; tu a cumprirás. Tranquiliza-te, minha filha; Pery é meu prisioneiro.

Ouvindo esta palavra que destruia todas as suas esperanças, que o impossibilitava de salvar sua senhora, o indio retraíndo-se deu um salto, e caíu no meio da sala.

— Pery é livre!... gritou elle fóra de si; Pery não obedece a ninguem mais; fará o que lhe manda o coração!

Emquanto D. Antonio de Mariz e Cecilia, admirados desse primeiro ato de dezobediencia, olhavam espantados o indio de pé no meio do vasto apozento, elle lançou-se a um cabide de armas, e empunhando um pezado montante, como se fôra uma lijeira espada, correu á janela e saltou.

— Perdôa a Pery, senhora!

Cecilia soltou um grito, e precipitou-se para a janela.

Não viu mais Pery.

Alvaro e os aventureiros, de pé sobre a esplanada, tinham os olhos fitos sobre a arvore que se elevava a um lado da caza, na encosta oposta, e cuja folhajem ainda se ajitava.

Lonje descortinava-se o campo dos Aymorés; a briza que passava trazia o rumor confuzo das vozes e gritos dos selvajens.

XIII

Combate

Eram seis horas da manhã.

O sol elevando-se no horizonte derramava cascatas de ouro sobre o verde brilhante das vastas florestas.

O tempo estava soberbo; o céu azul esmaltado de pequenas nuvens brancas que se achamalotavam como as dobras de uma lençaria.

Os Aymorés, grupados em torno de alguns troncos já meio reduzidos a cinza, faziam preparativos para dar um ataque decizivo.

O instinto selvajem supria a industria do homem civilizado; a primeira das artes foi incontestavelmente a arte da guerra, — a arte da defeza e da vingança, os dois mais fortes estimulos do coração humano.

Nesse momento os Aymorés preparavam setas inflamaveis para incendiar a caza de D. Antonio de Mariz; não podendo vencer o inimigo pelas armas, contavam destrui-lo pelo fogo.

A maneira por que arranjavam esses terriveis projetis que lembravam os pelouros e bombardas dos povos civilizados era muito simples;

envolviam a ponta da flecha com frocos de algodão embebido na rezina da almecegueira.

Essas setas assim inflamadas, despedidas dos seus arcos voavam pelos ares e iam cravar-se nas vigas e portas das cazas; o fogo que o vento incitava, lambia a madeira, estendia a sua lingua vermelha, e lastrava pelo edificio.

Emquanto se ocupavam com esse trabalho, um prazer feroz animava todas essas fizionomias sinistras, nas quaes a braveza, a ignorancia e os instintos carniceiros tinham quazi de todo apagado o cunho da raça humana.

Os cabelos arruivados caíam-lhes sobre a fronte e ocultavam inteiramente a parte mais nobre do rosto, creada por Deus para a séde da intelijencia, e para o trono d'onde o pensamento deve reinar sobre a materia.

Os labios decompostos, arregaçados por uma contração dos musculos faciais, tinham perdido a expressão suave e doce que imprimem o sorrizo e a palavra; de labios de homem se haviam transformado em mandibulas de féra, afeitas ao grito e ao bramido.

Os dentes agudos como as prezas do jaguar, já não tinham o esmalte que a natureza lhes dera; armas ao mesmo tempo que instrumentos da alimentação, o sangue os tinjira da côr amarelenta que têm os dentes dos animais carniceiros.

As grandes unhas negras e retorcidas que cresciam nos dedos, a pele aspera e calosa fa-

ziam de suas mãos antes garras temiveis, do que a parte destinada a servir ao homem e dar ao aspeto a nobreza do gesto.

Grandes peles de animais cobriam o corpo agigantado desses filhos das brenhas, que a não ser o porte ereto se julgaria alguma raça de quadrumanos indijena no novo mundo.

Alguns se ornavam de penas, e colares de ossos; outros completamente nús tinham o corpo untado de oleo por cauza dos insetos.

Entre todos distinguia-se um velho que parecia ser o chefe da tribu. Sua alta estatura, direita apezar da idade avançada, dominava a cabeça dos seus companheiros sentados ou grupados em torno do fogo.

Não trabalhava; prezidia apenas aos trabalhos dos selvajens, e de vez em quando lançava um olhar de ameaça para a caza que se elevava ao lonje sobre o rochedo inexpugnavel.

Ao lado delle, uma bela india na flor da idade, queimava sobre uma pedra côva algumas folhas de tabaco cuja fumaça se elevava em grossas espirais e cinjia a cabeça do velho de uma especie de bruma ou nevoa.

Elle aspirava esse aroma embriagador que fazia dilatar o seu vasto peito, e dava á sua fizionomia terrivel um quer que seja de sensual, que se poderia chamar a volutuozidade dos seus instintos de canibal. Envolta pelo fumo espesso que se enovelava em torno della, aquella figura fantastica parecia algum idolo selvajem, divin-

dade creada pelo fanatismo desses povos ignorantes e barbaros.

De repente a pequena india que soprava o brazido queimando as folhas de *pityma* estremeceu, levantou a cabeça e fitou os olhos no velho, como para interrogar a sua fizionomia.

Vendo-o calmo e impassivel, a menina debruçou-se sobre o hombro do selvajem, e tocando-lhe de leve na cabeça, disse-lhe uma palavra ao ouvido. Elle voltou-se tranquilamente, e um rizo sardonico mostrou os seus dentes; sem responder obrigou a india a sentar-se de novo, e a voltar á sua ocupação.

Pouco tempo havia passado depois deste pequeno incidente, quando a menina tornou a estremecer; tinha ouvido perto o mesmo rumor que já ouvira ao lonje. Ao passo que ella espantada procurava confirmar-se, um dos selvajens sentados em roda do fogo a trabalhar fez o mesmo movimento que a india, e levantou a cabeça.

Como se um fio eletrico se comunicasse entre esses homens e imprimisse a todos sucessivamente o mesmo movimento, um após outro interrompeu o seu trabalho de chofre; e inclinando o ouvido poz-se á escuta.

A menina não escutava só; colocando-se lonje do fumo e de encontro á briza que soprava, de vez em quando aspirava o ar com a finura de olfato com que os cães farejam a caça.

Tudo isto passou rapidamente, sem que os

atores desta sena tivessem nem sequer o tempo de trocar uma observação e dizer o seu pensamento.

De repente a india soltou um grito; todos voltaram-se para ella e a viram tremula, ofegante, apoiando-se com uma mão sobre o hombro do velho cacique, e a outra estendida na direção da floresta que passava a duas braças servindo de fundo a esse quadro.

O velho ergueu-se então sempre com a mesma calma feroz e sinistra; e empunhando a sua pezada tagapema, que parecia uma clava de ciclope, fê-la girar sobre a sua cabeça como um junco; depois fincando-a no chão e apoiando-se sobre ella, esperou.

Os outros selvajens armados de arcos e tacapes, especie de longas espadas de pau que cortavam como ferro, colocaram-se a par do velho, e prontos para o ataque, esperavam como elle. As mulheres misturaram-se com os guerreiros: as crianças e meninos, defendidos pela barreira que opunham os combatentes conservaram-se no centro do campo.

Todos com os olhos fitos, os sentidos aplicados, contavam ver o inimigo aparecer a cada momento e se preparavam para caír sobre elle com a audacia e o impeto de ataque que distinguia a raça dos Aymorés.

Um segundo se passou nesta expetativa inquieta.

O estalido que a principio tinham ouvido ces-

sou completamente; e os selvajens cobrando-se do susto, voltaram aos seus trabalhos, convencidos de que tinham sido iludidos por algum vago rumor da floresta.

Mas o inimigo caíu no meio delles subitamente, sem que pudessem saber se tinha surjido do seio da terra, ou se tinha descido das nuvens.

Era Pery.

Altivo, nobre, radiante da corajem invencivel e do sublime heroismo de que já dera tantos exemplos, o indio se aprezentava só em face de duzentos inimigos fortes e sequiozos de vingança.

Caíndo do alto de uma arvore sobre elles, tinha abatido dois; e volvendo o seu montante como um raio em torno de sua cabeça, abriu um circulo no meio dos selvajens.

Então encostou-se a uma lasca de pedra que descansava sobre uma ondulação do terreno, e preparou-se para o combate monstruozo de um só homem contra duzentos.

A pozição em que se achava o favorecia, se isto é possivel á vista de uma tal disparidade de numero; apenas dois inimigos podiam ataca-lo de frente.

Passado o primeiro espanto, os selvajens bramindo atiraram-se todos como uma só mola, como uma tromba do oceano, contra o indio que ouzava ataca-los a peito descoberto.

Houve uma confuzão, um turbilhão horrivel de homens, que se repeliam, tombavam e se es-

torciam; de cabeças que se levantavam e outras que dezapareciam; de braços e dorsos que se ajitavam e se contraíam, como se tudo isto fosse partes de um só corpo, membros de algum monstro desconhecido debatendo-se em convulsões.

No meio desse caus via-se brilhar aos raios do sol com reflexos rapidos e luzentes a lamina do montante de Pery, que passava e repassava com a velocidade do relampago quando percorre as nuvens e atravessa o espaço.

Um côro de gritos, imprecações e gemidos roucos e abafados, confundindo-se com o choque das armas, se elevava desse pandemonio, e ia perder-se ao lonje nos rumores da cascata.

Houve uma calma aterradora; os selvajens imoveis de espanto e de raiva suspenderam o ataque; os corpos dos mortos faziam uma barreira entre elles e o inimigo.

Pery abaixou o seu montante e esperou; seu braço direito, fatigado desse enorme esforço, não podia mais servir-lhe, e caíu inerte; passou a arma para a mão esquerda.

Era tempo.

O velho cacique dos Aymorés se avançava para elle, sopezando a sua imensa clava crivada de escamas de peixe e dentes de féra; alavanca terrivel que o seu braço possante fazia jogar com a lijeireza da flecha.

Os olhos de Pery brilharam; endireitando o

seu talhe, fitou no selvajem esse olhar seguro e certeiro, que não o enganava nunca.

O velho aproximando-se levantou a sua clava e imprimindo-lhe o movimento de rotação, ia descarrega-la sobre Pery e abate-lo; não havia espada nem montante que pudesse rezistir áquelle choque.

O que passou-se então foi tão rapido, que não é possivel descreve-lo; quando o braço do velho volvendo a clava ia atira-la, o montante de Pery lampejou no ar e decepou o punho do selvajem; mão e clava foram rojar pelo chão.

O velho selvajem soltou um bramido, que repercutiu ao longe pelos écos da floresta, e levantando ao céu o seu punho decepado atirou as gotas de sangue que vertiam sobre os Aymorés, como conjurando-os á vingança.

Os guerreiros lançaram-se para vingar o seu chefe; mas um novo espetaculo se aprezentava aos seus olhos.

Pery vencedor do cacique, volveu um olhar em torno delle, e vendo o estrago que tinha feito, os cadaveres dos Aymorés amontoados uns sobre os outros, fincou a ponta do montante no chão e quebrou a lamina. Tomou depois os dois fragmentos, e atirou-os ao rio.

Então passou-se nelle uma luta silencioza, mas terrivel para quem pudesse compreende-la. Tinha quebrado a sua espada, porque não queria mais combater; e decidira que era tempo de suplicar a vida ao inimigo.

Mas quando chegou o momento de realizar essa suplica conheceu que exijia de si mesmo uma couza sobrehumana, uma couza superior ás suas forças.

Elle, Pery, o guerreiro invencivel, elle o selvajem livre, o senhor das florestas, o rei dessa terra virjem, o chefe da mais valente nação dos Guaranys, suplicar a vida ao inimigo! Era impossivel.

Trez vezes quiz ajoelhar, e trez vezes as curvas de suas pernas distendendo-se como duas molas de aço o obrigaram a erguer-se.

Finalmente a lembrança de Cecilia foi mais forte do que a sua vontade.

Ajoelhou.

XIV

O prizioneiro

Quando os selvajens se precipitavam sobre o inimigo, que já não se defendia e se confessava vencido, o velho cacique adiantou-se; e deixando caír a mão sobre o hombro de Pery, fez um movimento enerjico com o braço direito decepado.

Este movimento exprimia que Pery era seu prizioneiro, que lhe pertencia como o primeiro que tinha posto a mão sobre elle, como o seu vencedor; e que todos deviam respeitar o seu direito de propriedade, o seu direito da guerra.

Os selvajens abaixaram as armas, e não deram um passo; esse povo barbaro tinha seus costumes e suas leis; e uma dellas era esse direito excluzivo do vencedor sobre o seu prizioneiro de guerra, essa conquista do fraco pelo forte.

Tinham em tanta conta a gloria de trazerem um cativo de combate e sacrifica-lo no meio das festas e ceremonias que costumavam celebrar, que nenhum selvajem matava o inimigo que se rendia; fazia-o prizioneiro.

Quanto a Pery, vendo o gesto do cacique e

o efeito que produzia, a fizionomia expandiu-se; a humildade finjida, a pozição suplicante que por um esforço supremo conseguira tomar, dezapareceu imediatamente.

Ergueu-se; e com um soberbo desdem estendeu os punhos aos selvajens que por mandado do velho se dispunham a ligar-lhe os braços; parecia antes um rei que dava uma ordem aos seus vassalos, do que um cativo que se sujeitava aos vencedores; tal era a altivez do seu porte, e o desprezo com que encarava o inimigo.

Os Aymorés, depois de ligarem os punhos do prizioneiro, o conduziram a alguma distancia á sombra de uma arvore e aí o prenderam com uma corda de algodão matizada de varias côres, a que os Guaranys chamavam *mussurana.*

Depois, ao passo que as mulheres enterravam os mortos, reuniram em conselho, prezididos pelo velho cacique, a quem todos ouviam com respeito, e respondiam cada um por sua vez.

Durante o tempo que os guerreiros falavam, a pequena india escolhia os melhores frutos, as bebidas mais bem preparadas, e oferecia ao prizioneiro, a quem estava encarregada de servir.

Pery, sentado sobre a raiz da arvore e apoiado contra o tronco, não percebia o que se passava em torno delle; tinha os olhos fitos na esplanada da caza que se elevava a alguma distancia.

Viu o vulto de D. Antonio de Mariz que assomava por cima da palissada; e suspensa ao seu braço, reclinada sobre o abismo, Cecilia, sua linda senhora, que lhe fazia de lonje um gesto de dezespero; ao lado Alvaro e a familia.

Tudo que elle havia amado neste mundo ali estava diante de seus olhos; sentia um prazer intenso por ver ainda uma vez esses objetos de sua dedicação extrema, de seu amor profundo.

Adivinhava e compreendia o que sentia então o coração de seus bons amigos; sabia que sofriam vendo-o prizioneiro, proximo a morrer, sem terem o poder e a força para salva-lo das mãos do inimigo.

Consolava-o porém essa esperança que estava prestes a realizar-se; esse gozo inefavel de salvar sua senhora, e de deixa-la feliz no seio de sua familia, protejida pelo amor de Alvaro.

Emquanto Pery, preocupado por essas idéas, enlevava-se ainda uma vez em contemplar mesmo de lonje a figura de Cecilia, a india de pé defronte delle olhava-o com um sentimento de prazer misturado de sorpreza e curiozidade.

Comparava suas fórmas esbeltas e delicadas com o corpo selvajem de seus companheiros; a expressão intelijente de sua fizionomia com o aspeto embrutecido dos Aymorés; para ella Pery era um homem superior e excitava-lhe profunda admiração.

Foi só quando Cecilia e D. Antonio de Mariz dezapareceram da esplanada, que Pery, lançando

ao redor um olhar para ver se a sua morte ainda se demoraria muito, descobriu a india perto delle.

Voltou o rosto e começou a pensar em sua senhora, e a rever a sua imajem; debalde a menina selvajem lhe aprezentava um lindo fruto, um alimento, um vinho saborozo; elle não lhe dava atenção.

A india tornou-se triste por cauza dessa obstinação com que o prizioneiro recuzava o que lhe oferecia; e achegando-se levantou a cabeça pensativa de Pery.

Havia nos olhos da menina tanto fogo, tanta lubricidade no seu sorrizo; as ondulações morbidas do seu corpo traíam tantos dezejos e tanta volutuozidade que o prizioneiro compreendeu imediatamente qual era a missão dessa enviada da morte, dessa espoza do tumulo, destinada a embelezar os ultimos momentos da vida!

O indio voltou o rosto com desdem; recuzava as flores como tinha recuzado os frutos; repelia a embriaguez do prazer como havia repelido a embriaguez do vinho.

A menina enlaçou-o com os braços, murmurando palavras entrecortadas de uma lingua desconhecida, da lingua dos Aymorés, que Pery não entendia; era talvez uma suplica, ou um consolo com que procurava mitigar a dôr do vencido.

Mal sabia que o indio ia morrer feliz e esperava o suplicio como a realização de um sonho

doce, como a satisfação de um dezejo querido e por muito tempo afagado com amor.

Mas podia ella, pobre selvajem, presentir e mesmo compreender semelhante couza? O que sabia era que Pery ia ser morto; que ella devia suavizar-lhe a ultima hora; e cumpria esse dever com um certo contentamento.

Pery sentindo os braços da menina cinjirem seu colo, repeliu-a vivamente para lonje de si; e voltando procurou ver por entre as folhas se descobria os preparativos que os Aymorés faziam para o sacrificio.

Tardava-lhe o momento supremo em que devia ser imolado á colera e á vingança dos inimigos; sua altivez revoltava-se contra essa humilhação do cativeiro.

A india continuava a olha-lo tristemente, e sem compreender porque a repelia; ella era linda e dezejada por todos os jovens guerreiros de sua tribu; seu pai, o velho cacique, tinha-a destinado para o mais valente prizioneiro, ou para o mais forte dos vencedores.

Depois de conservar-se muito tempo nesta pozição, a menina adiantou-se de novo, tomou um vazo cheio de *cauim,* e aprezentou-o a Pery sorrindo e quazi suplicante.

Ao gesto de recuza que fez o indio, ella deitou o vazo no rio, e escolhendo sobre as folhas um cardo vermelho e doce como um favo de mel, estendeu a mão e tocou com o fruto a boca do prizioneiro.

Pery enjeitou o fruto como tinha enjeitado o vinho, e a virjem selvajem atirando-o por sua vez ao rio, aproximou-se e ofereceu ao prizioneiro seus labios encarnados, lijeiramente destendidos como para receberem o beijo que pediam.

O indio fechou os olhos, e pensou em sua senhora. Elevando-se até Cecilia, seu pensamento desprendia-se do involucro terrestre, e adejava n'uma atmosfera pura e izenta da fascinação dos sentidos que escraviza o homem.

Comtudo Pery sentia o halito ardente da menina que lhe requeimava as faces: entreabriu os olhos, e viu-a na mesma pozição, esperando uma caricia, um afago daquelle a quem a sua tribu mandára que amasse, e a quem ella já amava espontaneamente.

Na vida selvajem, tão proxima da natureza, onde a conveniencia e os costumes não reprimem os movimentos do coração, o sentimento é uma flor que nasce como a flor do campo, e cresce em algumas horas com uma gota de orvalho e um raio de sol.

Nos tempos de civilização, ao contrario, o sentimento torna-se planta exotica; e só vinga e floresce nas estufas, isto é, nos corações onde o sangue é vigorozo, e o fogo da paixão ardente e intenso.

Vendo Pery no meio do combate, só contra toda a sua tribu, a india o admirára: contemplando-o depois quando prizioneiro, o achára mais belo do que todos os guerreiros.

Seu pai a destinára para espoza do inimigo que ia ser sacrificado; e portanto ella que começára por admira-lo acabava por dezeja-lo, por ama-lo algumas horas apenas depois que o tinha visto.

Mas Pery, frio e indifcrente, não se comovia, nem aceitava essa afeição passajeira e efemera que tinha começado com o dia e devia acabar com elle; sua idéa fixa, a lembrança de seus amigos, o protejia contra a tentação.

Voltando as costas, levantou os olhos ao céu para evitar o rosto da selvajem que acompanhava a sua vista, como certas flores acompanham a rotação aparente do sol.

Entre a folhajem das arvores passava-se uma das senas graciozas e sinjelas, que a cada momento no campo se oferecem á atenção daquelles que estudam a natureza nas suas pequenas creaturas.

Um cazal de corrixos, que tinha feito o seu ninho n'um ramo, sentindo a habitação do homem e o fogo em baixo da arvore, mudava a sua pequena caza de palha e algodão.

Um desfazia o ninho com o bico, e o outro conduzia a palha para lonje, para o lugar onde iam novamente fabrica-lo; quando acabaram este trabalho, acariciaram-se, e batendo as azas foram esconder o seu amor n'algum lindo retiro.

Pery se divertia em ver esse inocente idilio, quando a india levantando-se de repente soltou um pequeno grito de alegria e de prazer, e sor-

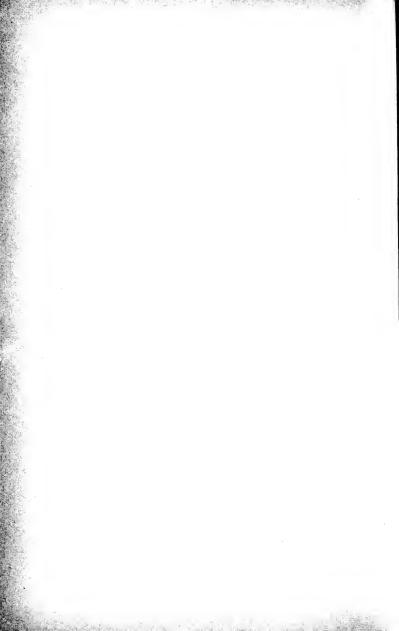
rindo mostrou ao prizioneiro os dois passarinhos que voavam um a par do outro sobre a cupola da floresta.

Emquanto elle procurava compreender o que queria dizer este aceno, a virjem dezapareceu, e voltou quazi imediatamente trazendo um instrumento de pedra que cortava como faca e um arco de guerra.

Aproximou-se do indio, soltou-lhe os laços que lhe ligavam os punhos, e partiu a mussurana que o prendia á arvore. Executou isto com uma extrema rapidez; e entregando a Pery o arco e as flechas, estendeu a mão na direção da floresta, mostrando-lhe o espaço que se abria diante delles.

Seus olhos e o seu gesto falavam melhor do que a sua linguajem inculta, e exprimiam claramente o seu pensamento:

— Tu és livre. Partamos!

FIM DA TERCEIRA PARTE

QUARTA PARTE

A CATASTROFE

I

Arrependimento

Quando Loredano afastou-se de João Feio que o acabava de ameaçar, chamou quatro companheiros em quem mais confiava, e retirou-se com elles para a despensa.

Fechou a porta afim de intercetar a comunicação com os aventureiros, e poder tranquilamente tratar o negocio que tinha em mente.

Nesse curto instante havia feito uma modificação no seu plano da vespera; as palavras de ameaça ha pouco proferidas lhe revelaram que o descontentamento começava a lavrar. Ora, o italiano não era homem que recuasse diante de um obstaculo, e deixasse roubarem-lhe a esperança, que nutria desde tanto tempo.

Rezolveu fazer as couzas rapidamente e exe-

cutar naquelle mesmo dia o seu intento: seis homens fortes e destemidos bastavam para levar ao cabo a empreza que projetára.

Tendo fechado a porta, guiou os quatro aventureiros á sala que tocava com o oratorio, e onde Martim Vaz continuava a sua obra de demolição, minando a parede que os separava da familia.

— Amigos, disse o italiano, estamos n'uma pozição dezesperada; não temos força para rezistir aos selvajens, e mais dia menos dia havemos de sucumbir.

Os aventureiros abaixaram a cabeça e não responderam; sabiam que aquella era a triste verdade.

— A morte que nos espera é horrivel; serviremos de pasto a esses barbaros que se alimentam de carne humana; nossos corpos sem sepultura cevarão os instintos ferozes dessa horda de canibais!...

A expressão do horror se pintou na fizionomia daquelles homens, que sentiram um calafrio percorrer-lhe os membros e penetrar até á medula dos ossos.

Loredano demorou um instante o seu olhar perspicaz sobre esses rostos decompostos:

— Tenho porém um meio de salvar-vos.

— Qual? perguntaram todos a uma voz.

— Esperai. Posso salvar-vos; mas isto não quer dizer que esteja disposto a faze-lo.

— Por que razão?

— Porque... Porque todo o serviço tem o seu preço.

— Que exijis então? disse Martim Vaz.

— Exijo que me acompanheis, que me obedeçais cegamente, suceda o que suceder.

— Podeis ficar descansado, disse um dos aventureiros; eu respondo pelos meus companheiros.

— Sim! exclamaram os outros.

— Bem! Sabeis o que vamos fazer, já, neste momento?

— Não; mas vós nos direis.

— Escutai! Vamos acabar de demolir esta parede e atira-la dentro; entrar nessa sala, matar tudo quanto encontrarmos, menos uma pessoa.

— E essa pessoa...

— É a filha de D. Antonio de Mariz, Cecilia. Se algum de vós dezeja a outra, póde toma-la; eu vo-la dou.

— E depois disto feito?

— Tomamos conta da caza; reunimos os nossos companheiros, e atacamos os Aymorés.

— Mas isto não nos salvará, retrucou um dos aventureiros; ha pouco dissestes que não temos força para rezistir-lhes.

— De certo! acudiu Loredano; não lhes rezistiremos, mas nos salvaremos.

— Como! disseram os aventureiros desconfiados.

O italiano sorriu.

— Quando disse que atacaremos o inimigo,

não falei claro: queria dizer que os outros o atacarão.

— Não vos entendo ainda; falai mais claro.

— Aí vai pois. Dividiremos os nossos homens em duas bandas; nós e mais alguns pertenceremos a uma que ficará sob a minha obediencia.

— Até aqui vamos bem.

— Isto feito, uma das bandas sairá da caza para fazer uma sortida emquanto os outros atacarão os selvajens do alto do rochedo; é um estratajema já velho e que deveis conhecer; meter o inimigo entre dois fogos.

— Adiante; continuai.

— Como a expedição de saír é a mais perigoza e arriscada, tomo-a sobre mim; vós me acompanhais e marchamos. Sómente em lugar de marchar sobre o inimigo, marchamos sobre o mais proximo povoado.

— Oh! exclamaram os aventureiros.

— Sob pretexto de que os selvajens podem cortar-nos a entrada da caza por alguns dias, levamos provizão de viveres. Caminhamos sem parar, sem olhar atraz; e prometo-vos que nos salvaremos.

— Uma traição! gritou um dos aventureiros. Entregarmos nossos companheiros nas mãos dos inimigos!

— Que quereis? A morte de uns é necessaria para a vida dos outros; este mundo é assim: não seremos nós que o havemos de emendar; andemos com elle.

— Nunca! Não faremos isto! É uma vilania!

— Bom, respondeu Loredano friamente, fazei o que vos aprouver. Ficai; quando vos arrependerdes será tarde.

— Mas, ouvi...

— Não; não conteis já comigo. Julguei que falava a homens a quem valesse salvar a vida; vejo que me enganei. Adeus.

— Se não fôra uma traição...

— Que falais em traição!... replicou o italiano com arrogancia. Dizei-me, credes vós que algum escapará d'aqui na pozição em que nos achamos? Morreremos todos. Pois se assim é, mais vale que se salvem alguns.

Os aventureiros pareceram abalados por este argumento.

— Elles mesmos, continuou Loredano, a menos de serem egoistas, não terão o direito de se queixarem; e morrerão com a satisfação de que sua morte foi util aos seus companheiros, e não esteril como deve ser se ficarmos todos de braços cruzados.

— Vá feito; tendes razões a que não se reziste. Contai comnosco, acudiu um aventureiro.

— Comtudo levarei sempre um remorso, disse outro.

— Faremos dizer uma missa por sua alma.

— Bem lembrado! respondeu o italiano.

Os aventureiros foram ajudar o seu companheiro na demolição surda da parede, e Loredano ficou só retirado a um canto.

Por algum tempo acompanhou com a vista o trabalho dos cinco homens; depois tirou um largo cinto de escamas de aço que apertava o seu gibão.

Da parte interior desse cinto havia uma estreita abertura pela qual elle sacou um pergaminho dobrado ao comprido; era o famozo roteiro das *minas de prata*.

Revendo esse papel, todo o seu passado debuxou-se na sua memoria, não para deixar-lhe o remorso, mas para excita-lo a proseguir em busca desse tezouro que lhe pertencia, e do qual não podia gozar.

Foi tirado da sua distração por um dos aventureiros, que se achegára para elle dezapercebido, e depois de olhar por muito tempo o papel, dirijiu-lhe a palavra:

— Não podemos derrubar a parede.

— Porque? perguntou Loredano erguendo-se. Está segura?

— Não é isso, basta um empurrão; mas o oratorio?

— Que tem o oratorio?

— Que tem? Os santos, as sagradas imajens bentas não são couza que se atire ao chão! Se tão danada tentação nos tomasse, pediriamos a Deus que nos livrasse della.

Loredano dezesperado dessa nova rezistencia, cuja força elle conhecia, passeava pela sala de uma ponta á outra.

— Estupidos! murmurava elle. Basta um fra-

gmento de madeira e um pouco de arjila para faze-los recuar! E dizem que são homens! Animais sem intelijencia que nem sequer têm o instinto da conservação!...

Alguns momentos decorreram; os aventureiros parados esperavam a rezolução do seu chefe.

— Tendes medo de tocar nos santos, disse Loredano avançando para elles; pois bem, serei eu que deitarei a parede abaixo. Continuai, e avizai-me quando fôr tempo.

Emquanto isto se passava, o resto dos aventureiros que ficára no alpendre ouvia a narração de João Feio, que lhes comunicava as revelações de mestre Nunes.

Quando elles souberam que Loredano era um frade que abjurára dos seus votos, ergueram-se furiozos, e quizeram procura-lo e espedaça-lo.

— Que ides fazer? gritou o aventureiro. Não é assim que elle deve acabar; a sua morte ha de ser uma punição, uma terrivel punição. Deixai-me arranjar isto.

— Para que mais demora? respondeu Vasco Affonso.

— Prometo-vos que não haverá demora; hoje mesmo será condenado; amanhã receberá o castigo de seus crimes.

— E porque não hoje?

— Deixemos-lhe o tempo de arrepender-se; é precizo que antes de morrer sinta remorso do que praticou.

Os aventureiros decidiram por fim seguir esse conselho, e esperaram que Loredano aparecesse para se apoderarem delle, e o condenarem sumariamente.

Passou-se um bom espaço de tempo, e nada do italiano saír; era quazi meio dia.

Os aventureiros estavam dezesperados de sêde; a sua provizão de agua e de vinho, já bastante diminuida depois do sitio dos selvajens, achava-se na despensa, cuja porta Loredano fechára por dentro.

Felizmente descobriram no quarto do italiano algumas garrafas de vinho, que beberam no meio de rizadas e chacotas, fazendo brindes ao frade que iam dentro em pouco condenar á pena de morte.

No meio da hilaridade algumas palavras revelavam o arrependimento que começava a se apoderar delles; falavam de ir pedir perdão ao fidalgo, de se reunir de novo a elle, e ajuda-lo a bater o inimigo.

Se não fosse a vergonha da má ação que tinham praticado, correriam a lançar-se aos joelhos de D. Antonio de Mariz imediatamente; mas rezolveram faze-lo quando o principal autor da revolta tivesse recebido o castigo do seu crime.

Seria esse o seu primeiro titulo ao perdão que iam suplicar; seria mais a prova da sinceridade do seu arrependimento.

II

O sacrificio

Pery compreendera o gesto da india; não fez porém o menor movimento para segui-la.

Fitou nella o seu olhar brilhante e sorriu.

Por sua vez a menina tambem compreendeu a expressão daquelle sorrizo e a rezolução firme e inabalavel que se lia na fronte serena do prizioneiro.

Insistiu por algum tempo, mas debalde. Pery tinha atirado para lonje o arco e as flechas, e recostando-se ao tronco da arvore, conservava-se calmo e impassivel.

De repente o indio estremeceu.

Cecilia aparecera no alto da esplanada, e lhe acenára; sua mãozinha alva e delicada ajitando-se no ar parecia dizer-lhe que esperasse; Pery julgou mesmo ver no rostinho gentil de sua senhora, apezar da distancia, brilhar um raio de felicidade.

Quando com os olhos fitos naquella gracioza vizão elle esforçava-se por adivinhar a cauza de tão subita alegria, a india soltou um segundo grito selvajem, um grito terrivel.

Tinha pela direção do olhar do prizioneiro visto Cecilia sobre a esplanada; tinha percebido o gesto da menina, e compreendera vagamente a razão por que Pery recuzára a liberdade e o seu amor. Precipitou-se sobre o arco que estava atirado ao chão; mas apezar da rapidez desse movimento, quando ella estendia a mão, já Pery tinha posto o pé sobre a arma.

A selvajem, com os olhos ardentes, os labios entreabertos, tremula de ciume e de vingança, levantou sobre o peito do indio a faca de pedra com que lhe cortára os laços ha pouco; mas a arma caíu-lhe da mão, e vacilando apoiou-se no seio que ameaçára.

Pery tomou-a nos braços, deitou-a sobre a relva, e sentou-se de novo junto ao tronco da arvore, tranquilo a respeito de Cecilia, que dezaparecera da esplanada e estava fóra de perigo.

Era a hora em que a sombra das montanhas sobe ás encostas, e o jacaré deitado sobre a areia se aquece aos raios do sol.

O ar estrujiu com os sons roucos da inubia e do maracá; ao mesmo tempo um canto selvajem, o canto guerreiro dos Aymorés, misturou-se com a harmonia sinistra daquelles instrumentos asperos e retumbantes.

A india deitada junto da arvore sobresaltou-se; e erguendo-se rapidamente, acenou ao prizioneiro mostrando-lhe a floresta e suplicando-lhe que fujisse. Pery sorriu como da primeira vez; tomando a mão da menina a fez sentar perto

delle, e tirou do pescoço a cruz de ouro que Cecilia lhe havia dado.

Então começou entre elle e a selvajem uma conversa por acenos de que seria dificil dar uma idéa.

Pery dizia á menina que lhe dava aquella cruz como uma lembrança, mas que só depois que elle morresse é que devia tira-la do pescoço. A selvajem entendeu ou julgou entender o que Pery procurava exprimir simbolicamente, e beijou-lhe as mãos em sinal de reconhecimento.

O prizioneiro obrigou-a a atar de novo os laços que o ligavam, e que ella no seu generozo impulso de dar-lhe a liberdade havia desfeito.

Nesse momento quatro guerreiros Aymorés diriijram-se á arvore em que se achava Pery; e segurando as pontas da corda o conduziram ao campo, onde tudo estava já preparado para o sacrificio.

O indio ergueu-se e caminhou com o passo firme e a fronte alta diante dos quatro inimigos, que não perceberam o olhar rapido que nessa ocazião elle lançou ás pontas da sua tunica de algodão, torcidas em dois nós pequenos.

O campo cortado em elipse no meio das arvores estava cercado por cento e tantos guerreiros armados em guerra e cobertos de ornatos de penas.

No fundo as velhas pintadas de listas negras e amarelas, de aspeto horrido, preparavam um grande brazido, lavavam a laje que devia ser-

vir de meza, e afiavam as suas facas de ossos e lascas de pedra.

As moças grupadas de um lado guardavam os vazos cheios de vinho e bebidas fermentadas, que ofereciam aos guerreiros quando estes passavam diante dellas entoando o canto de guerra dos Aymorés.

A menina que fôra incumbida de servir ao prizioneiro, e o acompanhára ao lugar do sacrificio, conservava-se a alguma distancia, e olhava tristemente todos esses preparativos; pela primeira vez seu instinto natural parecia revelar-lhe a atrocidade desse costume tradicional de seus pais, a que ella tantas vezes assistira com prazer.

Agora que ia reprezentar como heroina no drama terrivel, e como espoza do prizioneiro devia acompanha-lo até o momento supremo, insultando-lhe a dôr e a desgraça, o seu coração confranjia-se; porque realmente amava Pery, tanto como amar era possivel a uma natureza como a sua.

Chegados ao campo, os selvajens que conduziam o prizioneiro passaram as pontas da corda ao tronco de duas arvores, e esticando o laço o obrigaram a ficar imovel no meio do terreiro. Os guerreiros desfilaram em roda entoando o canto da vingança; as inubias retroaram de novo; os gritos confundiram-se com o som dos maracás, e tudo isto formou um concerto horrivel.

A' medida que se animavam, a cadencia apressava-se, de modo que a marcha triunfal dos guerreiros se tornava uma dansa macabria, uma corrida veloz, uma valsa fantastica, em que todos esses vultos horrendos, cobertos de penas que brilhavam á luz do sol, passavam como espiritos satanicos envoltos na chama eterna.

A cada volta que fazia esse *sabbat,* um dos guerreiros destacava-se do circulo, e adiantando-se para o prizioneiro o dezafiava ao combate, e conjurava-o a que désse provas de sua corajem, de sua força e de seu valor.

Pery, sereno e altivo, recebia com um soberbo desdem a ameaça e o insulto, e sentia um certo orgulho pensando que no meio de todos aquelles guerreiros fortes e armados, elle, o prizioneiro, o inimigo que ia ser sacrificado, era o verdadeiro, o unico vencedor.

Talvez pareça isto incompreensivel; mas o fato é que Pery o pensava, e que só o segredo que elle guardava no fundo da sua alma podia explicar a razão desse pensamento e a tranquilidade com que esperava o suplicio.

A dansa continuava no meio dos cantos, dos alaridos e das constantes libações, quando de repente tudo emudeceu, e o mais profundo silencio reinou no campo dos Aymorés.

Todos os olhos se voltaram para uma cortina de folhas que ocultava uma especie de cabana selvajem, construida a um lado do campo em face do prizioneiro.

Os guerreiros se afastaram, as folhas se abriram, e entre aquellas franjas de verdura assomou o vulto gigantesco do velho cacique. Duas peles de tapir ligadas sobre os hombros cobriam seu corpo como uma tunica; um grande cocar de penas escarlates ondeava sobre a sua cabeça, e realçava-lhe a grande estatura.

Tinha o rosto pintado de uma côr esverdeada e oleosa, e o pescoço cinjido de uma coleira feita com as penas brilhantes do tucano; no meio desse aspeto horrendo os seus olhos brilhavam como dois fogos vulcanicos no seio das trevas. Trazia na mão esquerda a tagapema coberta de plumas resplandecentes, e amarrada ao punho direito uma especie de buzina formada de um osso enorme da canela de algum inimigo morto em combate.

Chegando á entrada do campo o velho selvajem levou á boca o seu instrumento barbaro, e tirou delle um som estrondozo; os Aymorés saudaram com gritos de alegria e de entuziasmo o aparecimento do vencedor.

Ao cacique cabia a honra de ser o algoz da vitima, o matador do prizioneiro; seu braço devia consumar a grande obra da vingança, esse sentimento que constituia para aquelles povos fanaticos a verdadeira gloria.

Apenas cessaram as aclamações com que foi acolhida a entrada do vencedor, um dos guerreiros que o acompanhavam adiantou-se e fincou na extrema do campo uma estaca destinada

a receber a cabeça do inimigo, logo que ella fosse decepada do corpo.

Ao mesmo tempo a joven india que servia de espoza ao prizioneiro, tirou o tacape que pendia do hombro de seu pai, e caminhando para Pery desligou-lhe os braços e ofereceu-lhe a arma, fitando nelle um olhar triste, ardente e cheio de amarga exprobração.

Nesse olhar dizia-lhe que se tivesse aceitado o amor que lhe oferecera, e com o amor a vida e a liberdade, ella não seria obrigada pelo costume tradicional de sua nação a escarnecer assim da sua morte.

Com efeito esse oferecimento que os selvajens faziam ao prizioneiro de uma arma para se defender, era uma ironia cruel; ligado pelo laço que o prendia, imovel pela tensão da corda, de que lhe servia vibrar o *tacape* no ar, se não podia atinjir os inimigos?

Pery aceitou a arma que a menina lhe trazia; calcando-a aos pés cruzou os braços e esperou o cacique, que avançava lentamente, terrivel e ameaçador.

Chegado em face do prizioneiro, a fizionomia do velho esclareceu-se com um sorrizo feroz, reflexo dessa embriaguez do sangue, que dilata as narinas do jaguar prestes a saltar sobre a preza.

— Sou teu matador! disse em guarany.

Pery não se admirou ouvindo a sua bela lingua adulterada pelos sons roucos e guturaes que saíam dos labios do selvajem.

— Pery não te teme!

— És Goytacaz?

— Sou teu inimigo!

— Defende-te!

O indio sorriu:

— Tu não mereces.

Os olhos do velho fuzilaram de raiva: a mão cerrou o punho da tagapema; mas elle reprimiu logo o assomo da colera.

A espoza do prizioneiro atravessou o campo e ofereceu ao vencedor um grande vazo de barro vidrado cheio de vinho de ananaz ainda espumante.

O selvajem virou de um trago a bebida aromatica, e endireitando o seu alto talhe, lançou ao prizioneiro um olhar soberbo:

— Guerreiro Goytacaz, tu és forte e valente; tua nação é temida na guerra. A nação Aymoré é forte entre as mais fortes, valente entre as mais valentes. Tu vais morrer.

O côro dos selvajens respondeu a essa especie de canto guerreiro, que preludiava o tremendo sacrificio.

O velho continuou:

— Guerreiro Goytacaz, tu és o prizioneiro; tua cabeça pertence ao guerreiro Aymoré; teu corpo aos filhos de sua tribu; tuas entranhas servirão ao banquete da vingança. Tu vais morrer.

Os gritos dos selvajens responderam de novo; e o canto se prolongou por muito tempo lem-

brando os feitos gloriozos da nação Aymoré, e as ações de valor de seu chefe.

Emquanto o velho falava, Pery o escutava com a mesma calma e impassibilidade; nem um dos musculos do seu rosto traía a menor emoção; seu olhar limpido e sereno ora fitava-se no rosto do cacique, ora volvia-se pelo campo examinando os preparativos do sacrificio.

Apenas quem o observasse veria que de braços cruzados como estava, uma das mãos desfazia impercetivelmente um dos nós que havia na ponta de seu saio de algodão.

Quando o velho acabou de falar encarou o prizioneiro, e recuando dois passos elevou lentamente a pezada clava que empunhava na mão esquerda. Os Aymorés anciozos esperavam; as velhas com as suas navalhas de pedra estremeciam de impaciencia; as jovens indias sorriam, emquanto a noiva do prizioneiro voltava o rosto para não ver o espetaculo horrivel que ia aprezentar-se.

Nesse momento Pery levando as duas mãos aos olhos cobriu o rosto, e curvando a cabeça ficou algum tempo nessa pozição, sem fazer um movimento que revelasse a menor perturbação.

O velho sorriu.

— Tens medo!

Ouvindo estas palavras, Pery ergueu a cabeça com ar senhoril. Uma expressão de jubilo e serenidade irradiava no seu rosto; dir-se-ía o extazi dos martyres da relijião que na ultima

hora, atravéz do tumulo, entrevêm a felicidade suprema.

A alma nobre do indio prestes a deixar a terra parecia exalar já do seu involucro; e pouzando nos seus labios, nos seus olhos, na sua fronte, esperava o momento de lançar-se no espaço para ir se abrigar no seio do Creador.

Erguendo a cabeça, fitou os olhos no céu, como se a morte que ia caír sobre elle fosse uma vizão encantadora que descesse das nuvens sorrindo-lhe. Era que nesse ultimo sonho da existencia via a linda imajem de Cecilia, feliz, alegre e contente; via sua senhora salva.

— Fere!... disse Pery ao velho cacique.

Os instrumentos retumbaram de novo; os gritos e os cantos se confundiram com aquelles sons roucos, e reboaram pela floresta como o trovão rolando pelas nuvens.

A tagapema coberta de plumas girou no ar sintilando aos raios de sol que feriam as côres brilhantes.

No meio desse turbilhão ouviu-se um estrondo, uma ancia de agonizante e o baque de um corpo: tudo isto confuzamente, sem que no primeiro instante se pudesse perceber o que havia passado.

III

Sortida

O estrondo que se ouviu, fôra cauzado por um tiro que partiu d'entre as arvores.

O velho Aymoré vacilou; seu braço que vibrava o tacape com uma força herculea, caíu inerte; o corpo abateu-se como o ipê da floresta cortado pelo raio.

A morte tinha sido quazi instantanea; apenas um estertor de agonia resoou no seu peito largo e ainda ha pouco vigorozo: caíra já cadaver.

Emquanto os selvajens permaneciam estaticos diante do que se passava, Alvaro com a espada na mão e a clavina ainda fumegante precipitava-se no meio do campo. De dois talhos rapidos cortou os laços de Pery, e com as evoluções de sua espada conteve os selvajens, que voltando a si caíram sobre elle bramindo de furor.

Imediatamente ouviu-se uma descarga de arcabuzes; dez homens destemidos tendo á sua frente Ayres Gomes saltaram por sua vez com a arma em punho, e começaram a talhar de alto a baixo a grandes golpes de espada.

Não pareciam homens, e sim dez demonios,

dez maquinas de guerra vomitando a morte de todos os lados; emquanto a sua mão direita imprimia á lamina da espada mil voltas, que eram outros tantos golpes terriveis, a esquerda jogava a adaga com destreza e segurança admiravel.

O escudeiro e seus homens tinham feito um semi-circulo em roda de Alvaro e de Pery, e aprezentavam uma barreira de ferro e fogo ás ondas de inimigos que bramiam, recuavam, e lançavam-se de novo quebrando-se de encontro a esse dique.

No curto instante que mediou entre a morte do cacique e o ataque dos aventureiros, Pery de braços cruzados olhava impassivel para tudo o que se passava em torno d'elle. Compreendia então o gesto que sua senhora ha pouco lhe fizera do alto da esplanada, e o raio de esperança e de alegria que elle julgára ver brilhar no seu semblante.

Com efeito no primeiro momento de aflição Cecilia se lançára para ver o indio, chama-lo ainda, e suplicar-lhe mesmo que não expuzesse a sua vida inutilmente.

Não tendo mais visto Pery, a menina sentiu um dezespero cruel; voltou-se para seu pai, e com as faces orvalhadas de lagrimas, com o seio anelante, com a voz cheia de angustia, pediu-lhe que salvasse Pery.

D. Antonio de Mariz, antes que sua filha lhe fizesse esse pedido, já tinha-se lembrado de chamar os seus companheiros fieis, e seguido por

elles correr contra o inimigo, e livrar o indio da morte certa e inevitavel que procurava.

Mas o fidalgo era um homem de uma lealdade e de uma generozidade a toda a prova; sabia que aquella empreza era de um risco imenso, e não queria obrigar os seus companheiros a partilhar um sacrificio que elle só faria de bom grado á amizade que votava a Pery.

Os aventureiros que se haviam dedicado com tanta constancia á salvação de sua familia, não tinham as mesmas razões para se arriscarem por cauza de um homem que não pertencia á sua relijião, e que não tinha com elles o menor laço de comunidade.

D. Antonio de Mariz perplexo, irrezoluto entre a amizade e o seu escrupulo generozo, não soube o que responder a sua filha; procurou consola-la, aflito por não poder satisfazer imediatamente a sua vontade.

Alvaro, que contemplava esta sena punjente a alguma distancia, no meio dos aventureiros fieis e dedicados que tinha sob suas ordens, tomou repentinamente uma rezolução.

Seu coração partia-se vendo Cecilia sofrer; e embora amasse Izabel, a sua alma nobre sentia ainda pela mulher a quem votára os seus primeiros sonhos, uma afeição pura, respeitoza, uma especie de culto.

Era uma couza singular na vida dessa menina; todas as paixões, todos os sentimentos que a envolviam sofriam a influencia de sua inocencia,

e iam a pouco e pouco depurando-se e tomando um quer que seja de ideal, um cunho de adoração.

O mesmo amor ardente e sensual de Loredano, quando se tinha visto em face della, adormecida na sua casta izenção, emudecera e hezitára um momento se devia manchar a santidade do seu pudor.

Alvaro trocou com os aventureiros algumas palavras; e dirijiu-se para o grupo que formavam D. Antonio de Mariz e sua filha.

— Consolai-vos, D. Cecilia; disse o moço, e esperai!

A menina fitou nelle os seus olhos azuis cheios de reconhecimento; aquella palavra era ao menos uma esperança.

— Que contais fazer? perguntou D. Antonio ao cavalheiro.

— Tirar Pery das mãos do inimigo!

— Vós!... exclamou Cecilia.

— Sim, D. Cecilia, disse o moço; aquelles homens dedicados vendo a vossa aflição sentiramse comovidos e dezejam poupar-vos uma justa mágoa.

Alvaro atribuia a generoza iniciativa aos seus companheiros, quando elles não tinham feito senão aceita-la com entuziasmo.

Quanto a D. Antonio de Mariz, sentira uma intima satisfação ouvindo as palavras do moço: seus escrupulos cessavam desde que seus homens espontaneamente se ofereciam para realizar aquella dificil empreza.

— Ceder-me-eis uma parte dos nossos homens; quatro ou cinco me bastam; continuou o moço dirijindo-se ao fidalgo; ficareis com o resto para defender-vos no caso de algum ataque imprevisto.

— Não; respondeu D. Antonio; levai-os todos, já que se prestam a essa tão nobre ação, que não me animava a exijir de sua corajem. Para defender a minha filha, basto eu, apezar de velho.

— Desculpai-me, Sr. D. Antonio, replicou Alvaro; mas é uma imprudencia a que me oponho; pensai que a dois passos de vós existem homens perdidos, que nada respeitam, e que espiam o momento de fazer-vos mal.

— Sabeis se prezo e estimo esse tezouro cuja guarda me foi confiada por Deus. Julgais que haja neste mundo alguma couza que me faça expo-lo a um novo perigo? Acreditai-me: D. Antonio de Mariz, só, defenderá sua familia, emquanto vós salvareis um bom e nobre amigo.

— Confiais demaziado em vossas forças!...

— Confio em Deus, e no poder que elle colocou em minha mão: poder terrivel, quando chegar o momento fulminará todos os nossos inimigos com a rapidez do raio.

A voz do velho fidalgo pronunciando estas palavras tinha-se revestido de uma solenidade imponente; o seu rosto iluminou-se com uma expressão de heroismo e de majestade que realçou a beleza severa de seu busto veneravel.

Alvaro olhou com uma admiração respeitoza o velho cavalheiro emquanto Cecilia, palida e palpitante das emoções que sentira, esperava com anciedade a decizão que iam tomar.

O moço não insistiu e sujeitou-se á vontade de D. Antonio de Mariz.

— Obedeço-vos; iremos todos e voltaremos mais prontos.

O fidalgo apertou-lhe a mão:

— Salvai-o!

— Oh! sim, exclamou Cecilia, salvai-o, Sr. Alvaro.

— Juro-vos, D. Cecilia, que só a vontade do céu fará que eu não cumpra a vossa ordem.

A menina não achou uma palavra para agradecer essa generoza promessa; toda a sua alma partiu-se n'um sorrizo divino.

Alvaro inclinou-se diante della; foi juntar-se aos aventureiros, e deu-lhes ordem de se prepararem para partir. Quando o moço entrou na sala então dezerta para tomar as suas armas, Izabel, que já sabia do seu projeto, correu a elle palida e assustada.

— Ides bater-vos? disse ella com a voz tremula.

— Em que isto vos admira? Não nos batemos todos os dias com o inimigo?

— De lonje!... Defendidos pela pozição! Mas agora é diferente!

— Não vos assusteis, Izabel! Daqui a uma hora estarei de volta.

O moço passou a clavina a tiracolo e quiz saír.

Izabel tomou-lhe as mãos com um movimento arrebatado; seus olhos sintilavam com um fogo estranho; suas faces estavam incendiadas de vivo rubor.

O moço procurou tirar as mãos daquella pressão ardente e apaixonada:

— Izabel, disse elle com uma doce exprobração; quereis que falte á minha palavra, que recue diante de um perigo?

— Não! Nunca eu vos pediria semelhante couza. Era precizo que não vos conhecesse, e que não... vos amasse!...

— Mas então deixai-me partir.

— Tenho uma graça a suplicar-vos.

— De mim?... Neste momento?

— Sim! Neste momento!... Apezar do que me dizieis ha pouco, apezar do vosso heroismo, sei que caminhais a uma morte certa, inevitavel.

A voz de Izabel tornou-se balbuciante:

— Quem sabe... se nos veremos mais neste mundo?!

— Izabel!... disse o moço querendo fujir para evitar a comoção que se apoderava delle.

— Prometestes fazer-me a graça que vos pedi.

— Qual?

— Antes de partir, antes de me dizer adeus para sempre...

A moça fitou no cavalheiro um olhar que fascinava.

-- Falai!... falai!...

— Antes de nos separarmos, eu vos suplico, deixai-me uma lembrança vossa!... Mas uma lembrança que fique dentro de minha alma!

E a menina caíu de joelhos aos pés de Alvaro, ocultando seu rosto que o pudor revoltado em luta com a paixão cobria de um brilhante carmim.

Alvaro ergueu-a confuza e vergonhoza do que tinha feito, e chegando os seus labios ao ouvido proferiu, ou antes murmurou uma fraze.

O semblante de Izabel expandiu-se; uma aureola de ventura cinjiu a sua fronte; seu seio dilatou-se, e respondeu com a embriaguez do coração feliz:

— Eu te amo!

Era a fraze que Alvaro deixára caír na sua alma, e que a enchia toda como um efluvio celeste, como um canto divino que resoava nos seus ouvidos e fazia palpitar todas as suas fibras.

Quando ella saíu desse extazi, o moço tinha saído da sala e unia-se aos seus companheiros prontos a marchar.

Foi nessa ocazião que Cecilia, chegando imprudentemente á palissada, fez a Pery um aceno que lhe dizia esperasse.

A pequena coluna partiu comandada por Alvaro e por Ayres Gomes, que depois de trez dias não deixava o seu posto dentro do gabinete do fidalgo.

Quando os bravos combatentes dezapareceram na floresta, D. Antonio de Mariz recolheu-se com sua familia para a sala, e sentando-se na sua poltrona esperou tranquilamente. Não mostrava o menor temor de ser atacado pelos aventureiros revoltados, que estavam a alguns passos de distancia apenas, e que não deixariam de aproveitar um ensejo tão favoravel.

D. Antonio tinha a este respeito uma completa segurança; tendo fechado as portas e examinado a escorva de suas pistolas, recomendou silencio, afim de que nem um rumor lhe escapasse.

Vijilante e atento, o fidalgo refletia ao mesmo tempo sobre o fato que se acabava de passar, e que o tinha profundamente impressionado.

Conhecia Pery e não podia compreender como o indio, sempre tão intelijente e tão perspicaz, se deixára levar por uma louca esperança a ponto de ir elle só atacar os selvajens.

A extrema dedicação do indio por sua senhora, o dezespero da pozição em que se achavam, podia explicar essa alucinação, se o fidalgo não soubesse quanto Pery tinha a calma, a força e o sangue frio que tornam o homem superior a todos os perigos. O rezultado de suas reflexões foi que havia no procedimento de Pery alguma couza que não estava clara e que devia explicar-se mais tarde.

Ao passo que elle se entregava a esses pensamentos, Alvaro tinha feito uma volta, e favo-

recido pela festa dos selvajens se aproximára sem ser percebido.

Quando avistou Pery a algumas braças de distancia, o velho cacique levantava a tagapema sobre a sua cabeça.

O moço levou a clavina ao rosto; e a bala sibilando foi atravessar o craneo do selvajem.

IV

Revelação

Apenas Alvaro, com a chegada dos seus companheiros, viu-se livre dos inimigos que o atacavam, voltou a Pery, que assistia imovel a toda esta sena.

— Vinde! disse o moço com autoridade.

— Não! respondeu o indio friamente.

— Tua senhora te chama!

Pery abaixou a cabeça com uma profunda tristeza.

— Dize á senhora que Pery deve morrer; que vai morrer por ella. E tu parte, porque senão seria tarde.

Alvaro olhou a fizionomia intelijente do indio para ver se descobria nella algum sinal de perturbação de espirito: porque o moço não compreendia, nem podia compreender a cauza desta obstinação insensata.

O rosto de Pery, calmo e sereno, não lhe deixou ver senão uma rezolução firme, inabalavel, tanto mais profunda quando se mostrava sob uma aparencia de socego e tranquilidade.

— Assim, tu não obedeces á tua senhora?

Pery custou a arrancar a palavra dos labios.

— A ninguem.

Quando pronunciava esta palavra, um grito fraco soou ao lado delle; voltando-se viu a india que lhe haviam destinado por espoza caíndo atravessada por uma flecha.

O tiro fôra destinado a Pery por um dos selvajens, e a menina lançando-se para cobrir o corpo daquelle que amára uma hora recebera a seta no peito.

Seus olhos negros, desmaiados pelas sombras da morte, volveram a Pery um ultimo olhar; e cerrando tornaram a abrir-se, já sem vida e sem brilho. Pery sentiu um movimento de piedade e simpatia vendo essa vitima de sua dedicação, que como elle sacrificava sem hezitar a sua existencia para salvar aquelle a quem amava.

Alvaro nem se apercebeu do que acabava de passar; lançando um olhar para seus homens que batiam-se valentemente com os Aymorés fez um aceno a Ayres Gomes.

— Escuta, Pery; tu sabes se costumo cumprir a minha palavra. Jurei a Cecilia levar-te; e ou tu me acompanhas, ou morreremos todos neste lugar.

— Faze o que quizeres! Pery não sairá d'aqui.

— Vês estes homens?... são os unicos defensores que restam á tua senhora; se todos elles morrem, bem sabes que é impossivel que ella se salve.

Pery estremeceu. Ficou um momento pensa-

tivo; depois, sem dar tempo a que o seguissem, lançou-se entre as arvores.

D. Antonio de Mariz e sua familia, tendo ouvido os tiros dos arcabuzes, esperavam com anciedade o rezultado da expedição.

Dez minutos haviam decorrido na maior impaciencia, quando sentiram tocar na porta, e ouviram a voz de Pery; Cecilia correu, e o indio ajoelhou-se a seus pés pedindo-lhe perdão.

O fidalgo, livre do pezar de perder um amigo, assumira a sua costumada severidade, como sempre que se tratava de uma falta grave.

— Cometeste uma grande imprudencia, disse elle ao indio; fizeste sofrer teus amigos; expuzeste a vida daquelles que te amam; não precizas de outra punição além desta.

— Pery ia salvar-te!

— Entregando-te nas mãos do inimigo?

— Sim!

— Fazendo-te matar por elles?

— Matar e...

— Mas qual era o rezultado dessa loucura?

O indio calou-se.

— E' precizo explicar-te, para que não julguemos que o amigo intelijente e dedicado de outr'ora tornou-se um louco e um rebelde.

A palavra era dura; e o tom em que foi dita ainda agravava mais a repreensão severa que ella encerrava.

Pery sentiu uma lagrima humedecer-lhe as palpebras:

— Obrigas Pery a dizer tudo!

— Deves faze-lo, se dezejas rehabilitar-te na estima que te votava, e que sinto perder.

— Pery vai falar.

Alvaro entrava nesse momento tendo deixado no alto da esplanada os seus companheiros já livres de perigo e quites por algumas feridas que não eram felizmente muito graves.

Cecilia apertou as mãos do moço com reconhecimento; Izabel enviou-lhe n'um olhar toda a sua alma.

As pessoas prezentes se gruparam ao redor da poltrona de D. Antonio, em face do qual Pery de pé com a cabeça baixa, confuzo e envergonhado como um criminozo, ia justificar-se.

Dir-se-ía que confessava uma ação indigna e vil: ninguem adivinhava que sublime heroismo, que conceção gigantesca havia nesse ato, que todos condenavam como uma loucura.

Elle começou:

«Quando Ararê deitou o seu corpo sobre a terra para não tornar a ergue-lo, chamou Pery e disse:

«Filho de Ararê, teu pai vai morrer; lembra-te que tua carne é a minha carne; que teu sangue é meu sangue. Teu corpo não deve servir ao banquete do inimigo.

«Ararê disse, e tirou suas contas de frutos que deu a seu filho; estavam cheias de veneno; tinham nellas a morte.

«Quando Pery fosse prizioneiro, bastava que-

brar um fruto, e ria do vencedor que não se animaria a tocar no seu corpo.

«Pery viu que a senhora sofria e olhou as suas contas; teve uma idéa; a herança de Ararê podia salvar a todos.

«Se tu deixasses fazer o que queria, quando a noite viesse não acharia um inimigo vivo; os brancos e os indios não te ofenderiam mais.»

Toda a familia ouvia esta narração com uma sorpreza extraordinaria; compreendiam della que havia em tudo isto uma arma terrivel, — o veneno; mas não podiam saber os meios de que o indio se servira ou pretendia servir-se para uzar desse ajente de destruição.

— Acaba! disse D. Antonio; por que modo contavas então destruir o inimigo?

— Pery envenenou a agua que os brancos bebem, e o seu corpo, que devia servir ao banquete dos Aymorés!

Um grito de horror acolheu essas palavras ditas pelo indio em um tom simples e natural.

O plano que Pery combinára para salvar seus amigos acabava de revelar-se em toda a sua abnegação sublime, e com o cortejo de senas terriveis e monstruozas que deviam acompanhar a sua realização.

Confiado nesse veneno que os indios conheciam com o nome de *curarê,* e cuja fabricação era um segredo de algumas tribus, Pery com a sua intelijencia e dedicação descobrira um meio

de vencer elle só aos inimigos, apezar do seu numero e da sua força.

Sabia a violencia e o efeito pronto daquella arma que seu pai lhe confiára na hora da morte; sabia que bastava uma pequena parcela desse pó subtil para destruir em algumas horas a organização mais forte e a mais robusta. O indio rezolveu pois uzar desse poder que na sua mão heroica ia tornar-se um instrumento de salvação, e o ajente de um sacrificio tremendo feito á amizade.

Dois frutos bastaram; um serviu para envenenar a agua e as bebidas dos aventureiros revoltados; o outro acompanhou-o até o momento do suplicio, em que passou de suas mãos aos seus labios.

Quando o cacique vendo-o cobrir o rosto perguntou-lhe se tinha medo, Pery acabava de envenenar o seu corpo, que devia d'aí a algumas horas ser um germen de morte para todos esses guerreiros bravos e fortes.

O que porém dava a esse plano um cunho de grandeza e de admiração, não era sómente o heroismo do sacrificio; era a beleza horrivel da conceção, era o pensamento superior que ligára tantos acontecimentos, que os submetera á sua vontade, fazendo-os suceder-se naturalmente e caminhar para um desfecho necessario e infalivel.

Porque, é precizo notar, a menos de um fato extraordinario, desses que a previdencia humana

não póde prevenir, Pery quando saíu da caza tinha a certeza de que as couzas se passariam como de fato se passaram.

Atacando os Aymorés a sua intenção era excita-los á vingança; precizava mostrar-se forte, valente, destemido, para merecer que os selvajens o tratassem como um inimigo digno de seu odio. Com a sua destreza e com a precaução que tomára tornando o seu corpo impenetravel, contava evitar a morte antes de poder realizar o seu projeto; quando mesmo caísse ferido, tinha tempo de passar o veneno aos labios.

A sua previzão porém não o iludiu; tendo conseguido o que dezejava, tendo excitado a raiva dos Aymorés, quebrou a sua arma, e suplicou a vida ao inimigo; foi de todo o sacrificio o que mais lhe custou.

Mas assim era precizo; a vida de Cecilia o exijia; a morte que o havia respeitado até então podia sorpreende-lo; e Pery queria ser feito prizioneiro, como foi, e contava ser.

O costume dos selvajens, de não matar na guerra o inimigo e de cativa-lo para servir ao festim da vingança, era para Pery uma garantia e uma condição favoravel á execução do seu projeto.

Quanto á peripecia final, que a intervenção de Alvaro obstára, não fôra esse incidente imprevisto, que seria igualmente infalivel.

Segundo as leis tradicionaes do povo barbaro, toda a tribu devia tomar parte no festim; a

mulheres moças tocavam apenas na carne do prizioneiro, mas os guerreiros a saboreavam como um manjar delicado, adubado pelo prazer da vingança: e as velhas com a gula feroz das harpias que se cevam no sangue de suas vitimas.

Pery contava pois com toda a segurança que dentro de algumas horas o corpo envenenado da vitima levaria a morte ás entranhas dos seus algozes, e que elle só destruiria toda uma tribu, grande, forte, poderoza, apenas com auxilio dessa arma silencioza.

Póde-se agora compreender qual tinha sido o seu dezespero vendo esse plano inutilizado; depois de ter dezobedecido á sua senhora, depois de haver tudo realizado, quando só faltava o desfecho, quando o golpe que ia salvar a todos caía, mudar-se de repente a face das couzas, e ver destruida a sua obra, filha de tanta meditação!

Ainda assim quiz rezistir, quiz ficar, esperando que os Aymorés continuariam o sacrificio; mas conheceu que a rezolução de Alvaro era inabalavel como a sua; que ia ser cauza da morte de todos os defensores fieis de D. Antonio, sem ter já a certeza de sua salvação.

No primeiro momento que sucedeu á confissão de Pery, todos os atores dessa sena, palidos, tomados de espanto e de terror, com os olhos cravados no indio, duvidavam ainda do que tinham ouvido; o espirito horrorizado não formu-

lava uma idéa; os labios tremulos não achavam uma palavra.

D. Antonio foi o primeiro que recobrou a calma; no meio da admiração que lhe cauzava aquella ação heroica, e das emoções produzidas por essa idéa ao mesmo tempo sublime e horrivel, uma circumstancia o tinha sobretudo impressionado.

Os aventureiros iam ser vitimas do envenenamento; e por maior que fosse o grau de baixeza e aviltamento a que tinham descido esses homens pela sua traição, a nobreza do fidalgo não podia sofrer semelhante homicidio.

Elle os puniria a todos com a morte ou com o desprezo, essa outra morte moral; mas o castigo na sua opinião elevava a morte á altura de um exemplo; emquanto que a vingança a fazia descer ao nivel do assassinato.

—Vai, Ayres Gomes, gritou D. Antonio ao seu escudeiro; corre e previne a esses desgraçados, se ainda é tempo!

V

O paiol

Cecilia ouvindo a voz de seu pai estremeceu como se acordasse de um sonho.

Atravessou o apozento com passo vacilante, e chegando-se a Pery, fitou nelle os seus lindos olhos azuis com uma expressão indefinivel.

Havia nesse olhar ao mesmo tempo a admiração imensa que lhe cauzava a ação heroica do indio; a dôr profunda que sentia pela sua perda; e uma exprobração por não ter elle ouvido as suas suplicas.

O indio nem se animava a levantar os olhos para sua senhora; não tendo realizado o seu dezejo, considerava agora tudo quanto fizera como uma loucura.

Sentia-se criminozo, e de toda a sua ação heroica e sublime para os outros, só lhe restava o pezar de ter ofendido Cecilia, e de lhe haver cauzado inutilmente um desgosto.

— Pery, disse a menina com dezespero, porque não fizeste o que tua senhora te pedia?...

O indio não sabia o que responder; temia ter perdido a afeição de Cecilia, e essa idéa marti-

rizava os ultimos momentos que lhe restavam a viver.

— Cecilia não te disse, continuou a menina soluçando, que ella não aceitaria a salvação com o sacrificio de tua vida?

— Pery já te pediu que perdoasses! murmurou o indio.

— Oh! Se tu soubesses o que fizeste hoje sofrer á tua senhora!... Mas ella te perdôa.

— Ah!... exclamou Pery, cuja fizionomia iluminou-se.

— Sim!... Cecilia te perdôa tudo que sofreu, e tudo que vai sofrer! Mas será por pouco tempo...

A menina dizia essas palavras com um triste sorrizo de sublime rezignação; conhecia que não havia mais esperança de salvação, e esta idéa quazi a consolava.

Não pôde acabar porém; a palavra ficou-lhe preza aos labios, tremula, convulsa; seus olhos se fixavam em Pery com um sentimento de terror e de espanto.

A fizionomia do indio se tinha decomposto; seus traços nobres alterados por contrações violentas, o rosto encovado, os labios roxos, os dentes que se entrechocavam, os cabelos erriçados davam-lhe um aspeto medonho.

— O veneno!... gritaram os espetadores dessa sena horrorizados.

Cecilia fez um esforço extraordinario; e lançando-se para o indio, procurou reanima-lo.

— Pery!... Pery... balbuciava a menina aquecendo nas suas as mãos geladas de seu amigo.

— Pery vai-te deixar para sempre, senhora.

— Não!... Não!... exclamou a menina fóra de si. Não quero que tu nos deixes!... Oh! tu és mau, muito mau!... Se estimasses tua senhora, não a abandonarias assim!...

As lagrimas orvalhavam as faces da menina, que no seu dezespero não sabia o que dizia. Eram palavras entrecortadas, sem sentido; mas que revelavam a sua angustia.

— Tu queres que Pery viva, senhora? disse o indio com a voz comovida.

— Sim!... respondeu a menina suplicante. Quero que tu vivas!

— Pery viverá!

O indio fez um esforço supremo, e restituindo um pouco de elasticidade aos seus membros entorpecidos, dirijiu-se á porta e dezapareceu.

Todas as pessoas prezentes o acompanharam com os olhos e o viram descer á varzea e ganhar a floresta correndo.

A ultima palavra que elle proferira tinha um momento restituido a esperança a D. Antonio de Mariz; mas quazi logo a duvida apoderou-se do seu espirito; julgou que o indio se iludia.

Cecilia porém tinha mais do que uma esperança; tinha quazi uma certeza de que Pery não se enganára; a promessa de seu amigo lhe inspirava uma confiança profunda. Nunca Pery lhe

havia dito uma couza que se não realizasse; o que parecia impossivel aos outros tornava-se facil para a sua vontade firme e inabalavel, para o poder sobrehumano de que a força e a intelijencia o revestia.

Quando D. Antonio de Mariz e sua familia se recolheram tristemente impressionados, Alvaro de pé na porta do gabinete fez um gesto de espanto ao fidalgo, e apontou-lhe para o oratorio.

A parede do fundo, prestes a tombar, oscilava sobre a sua baze como uma arvore balançada pelo vento.

D. Antonio sorriu, e ordenando a sua familia que entrasse no gabinete, tirou a pistola da cinta, armou-a e esperou na porta ao lado de Alvaro.

No mesmo instante ouviu-se um grande estrondo, e no meio da nuvem espessa de pó que se elevou desse montão de ruinas seis homens precipitaram-se na sala.

Loredano foi o primeiro; apenas tocou o chão, ergueu-se com extraordinaria rapidez, e seguido pelos seus companheiros caminhou direito ao gabinete onde se achava recolhida a familia.

Recuaram porém lividos e tremulos; horrorizados diante da sena muda e terrivel que se aprezentava aos seus olhos espantados.

No meio do apozento via-se um desses grandes vazos de barro vidrados, feitos pelos indios, e que continha pelo menos uma arroba de polvora. De uma aberta que havia nesse vazo cor-

ria um largo trilho que ia perder-se no fundo do paiol, onde se achavam enterradas todas as munições de guerra do fidalgo.

Duas pistolas, a de D. Antonio de Mariz e a de Alvaro, esperavam um movimento dos aventureiros para lançarem a primeira faisca ao volcão. D. Lauriana, Cecilia e Izabel de joelhos, oravam, julgando a cada momento ver confundirem-se no turbilhão todos os espetadores dessa sena.

Era esta a arma terrivel de que falára ha pouco D. Antonio, quando dizia a Alvaro que Deus lhe havia confiado o poder de fulminar todos os seus inimigos. O moço compreendeu então a razão por que o fidalgo o tinha obrigado a partir com todos os homens para salvar Pery, julgando-se bastante forte para defender elle só, a sua familia.

Quanto aos aventureiros, lembraram-se do juramento solene de D. Antonio de Màriz; o fidalgo os tinha todos fechados na sua mão, e bastava apertar essa mão para esmaga-los como um terrão de argila. Lançando um olhar esvairado em torno de si os seis criminozos quizeram fujir, mas não tiveram animo de dar um passo, e ficaram como pregados ao solo.

Ouviu-se então um rumor de vozes da parte de fóra, e Ayres Gomes seguido pelos aventureiros aprezentou-se á porta da sala.

Loredano conheceu que desta vez estava irremediavelmente perdido, e assentou de vender

caro a sua vida; mas a desgraça pezava sobre elle. Dois dos seus companheiros caíram a seus pés estorcendo-se em convulsões horriveis, e soltando gritos que metiam dó e compaixão.

A principio ninguem compreendeu a cauza dessa morte subita e violenta; mas a lembrança do veneno de Pery acudiu logo á memoria de alguns e explicou tudo.

Os aventureiros que chegavam guiados por Ayres Gomes apoderaram-se de Loredano, e foram ajoelhar-se confuzos e envergonhados aos pés de D. Antonio de Mariz, pedindo-lhe o perdão de sua falta.

O fidalgo tinha assistido a todos esses acontecimentos que se sucediam tão rapidamente, sem deixar a sua primeira pozição; dir-se-ía que sobre essas paixões humanas que se debatiam a seus pés elle plainava como um genio, prestes a vibrar o raio celeste.

— A vossa falta é daquellas que não se perdoam, disse D. Antonio; mas estamos nesse momento extremo em que Deus manda esquecer todas as ofensas. Levantai-vos e preparemo-nos todos para morrer como cristãos.

Os aventureiros ergueram-se, e arrastando Loredano para fóra da sala, retiraram-se para o alpendre, com a conciencia aliviada de um grande pezo.

A familia pôde então, depois de tantas emoções, gozar um pouco de socego e repouzo; apezar da pozição dezesperada em que se acha-

vam, a reunião dos aventureiros revoltados tinha trazido um fraco vislumbre de esperança.

Só D. Antonio de Mariz não se iludia, e desde aquella manhã tinha conhecido que, quando os Aymorés não o vencessem pelas armas, o venceriam pela fome. Todos os viveres estavam consumidos, e só uma sortida vigoroza podia salvar a familia desse martirio que a ameaçava, martirio muito mais cruel do que uma morte violenta.

O fidalgo rezolveu esgotar os ultimos recursos antes de confessar-se vencido; queria morrer com a conciencia tranquila de ter cumprido o seu dever, e de haver feito o que fosse humanamente possivel. Chamou Alvaro e entreteve-se com o moço durante algum tempo em voz baixa; concertavam um meio de realizar essa idéa de que dependia toda a esperança de salvação.

Ao mesmo tempo que isto se passava, os aventureiros reunidos em conselho, julgavam a Frei Angelo di Luca, e o condenavam por um voto unanime.

Proferida a sentença, aprezentaram-se diversas opiniões sobre o suplicio que devia ser inflijido ao culpado; cada um lembrava o genero de morte mais cruel; porém a opinião geral adotou a fogueira como o castigo consagrado pela inquizição para punir os herejes.

Fincaram no meio do terreiro um alto poste, e o cercaram com uma grande pilha de madeira e outros combustiveis; depois sobre essa pira

ligaram o frade, que sofria todos os insultos e todas as injurias sem proferir uma palavra.

Uma especie de atonia apoderára-se do italiano desde o momento em que os aventureiros o haviam arrastado da sala de D. Antonio de Mariz; elle tinha a conciencia do seu crime, e a certeza de sua condenação.

Entretanto na ocazião em que o atavam á fogueira, um incidente espertou de repente a sensibilidade desse homem embrutecido pela idéa da morte, e pela convição de que não podia escapar a ella.

Um dos aventureiros, um dos cinco cumplices da ultima conspiração, chegou-se a Loredano, e tirando-lhe a cinta que prendia o seu gibão, mostrou-a aos seus companheiros. O italiano vendo-se separado do seu tezouro sentiu uma dôr muito mais forte do que a que ia sofrer na fogueira; para elle não havia suplicio, não havia martirio que igualasse a este.

O que o consolava na sua ultima hora era a idéa de que esse segredo que possuia, e do qual não pudera utilizar-se, ia morrer com elle, e ficaria perdido para todos; que ninguem gozaria do tezouro que lhe escapava.

Por isso apenas o aventureiro tirou-lhe a cinta onde guardava o roteiro, soltou um rujido de colera e de raiva impotente; seus olhos injetaram-se de sangue, e seus membros crispando-se feriram-se contra as cordas que o ligavam ao poste.

Era horrivel de ver nesse momento; seu aspeto tinha a expressão brutal e feroz de um idrofobo, seus labios espumavam, silvando como a serpente; e seus dentes ameaçavam de lonje os seus algozes como as prezas do jaguar.

Os aventureiros riram-se do dezespero do frade por ver roubarem-lhe o seu preciozo tezouro, e divertiram-se em aumentar-lhe o suplicio, prometendo que apenas livres dos Aymorés fariam uma expedição ás minas de prata.

A raiva do italiano redobrou quando Martim Vaz atou a cinta ao corpo, e disse-lhe sorrindo:

—Bem sabeis o proverbio: «O bocado não é para quem o faz.»

VI

Tregoa

Eram oito horas da noite.

Os aventureiros, sentados no terreiro em roda de um pequeno fogo, esperavam tristemente que cozinhassem alguns legumes destinados á magra ceia.

A penuria tinha sucedido á abundancia de outr'ora; privados da caça, sua alimentação ordinaria, estavam reduzidos a simples vejetaes. Os seus vinhos e as bebidas fermentadas de que faziam largas libações, tinham sido envenenadas por Pery, e foram pois obrigados a deita-las fóra, muito felizes ainda por não terem sido vitimas dellas.

Loredano fechando a porta da despensa foi que os tinha salvado; apenas dois dos aventureiros que o haviam acompanhado tinham tocado nessas bebidas, e por isso poucas horas depois caíram mortos, como vimos, na ocazião em que iam atacar D. Antonio de Mariz.

Não eram porém essas senas de luto e a situação critica em que se achavam, que infundiam nesses homens sempre alegres e tão ga-

lhofeiros aquella tristeza que não lhes era habitual. Morrer com as armas na mão, batendo-se contra o inimigo, era para elles uma couza natural, uma idéa a que a sua vida de aventuras e de perigos os tinha afeito.

O que realmente os entristecia, era não terem uma boa ceia, e um canjirão de vinho diante de si; era o seu estomago que se contraía por falto de alimento, e que tirava-lhes toda a dispozição de rir e de folgar.

A chama avermelhada da fogueira ás vezes oscilava ao sopro do vento, e estendendo-se pelo terreiro ia iluminar a alguma distancia com o seu frouxo clarão o vulto de Loredano atado ao poste sobre a pira de lenha.

Os aventureiros tinham rezolvido demorar o suplicio, e dar tempo a que o frade se arrependesse dos seus crimes e se decidisse a morrer como cristão, humilde e penitente; por isso deixaram-lhe a noite para refletir.

Talvez entrasse tambem nessa rezolução um requinte de maldade e de vingança; julgando o italiano a verdadeira cauza da pozição em que estavam colocados, os seus companheiros o odiavam e queriam prolongar o seu sofrimento como uma reparação do mal que lhes tinha feito.

Assim, de vez em quando um delles se erguia, e chegando-se ao frade exprobrava-lhe a sua perversidade, e cobria-o de improperios e de injurias. Loredano estorcia-se de raiva, mas

não proferia uma palavra, porque seus algozes o tinham ameaçado de cortar-lhe a lingua.

Ayres Gomes veiu chamar os aventureiros da parte de D. Antonio de Mariz; todos se apressaram em obedecer, e pouco depois entraram na sala onde estava reunida toda a familia.

Tratava-se de uma sortida com o fim de procurar viveres que pudessem alimentar os habitantes da caza, até que D. Diogo tivesse tempo de chegar com o socorro que tinha ido procurar. D. Antonio de Mariz rezervava dez homens para defender-se; os outros partiriam com Alvaro; se fossem felizes, havia ainda uma esperança de salvação; se fossem mal sucedidos, uns e outros, os que fossem e os que ficassem morreriam como cristãos e portuguezes.

Imediatamente a expedição preparou-se, e favorecida pelo silencio da noite partiu e internou-se pela floresta; devia afastar-se sem ser percebida pelos Aymorés, e procurar pelas vizinhanças fazer uma ampla provizão de alimentos.

Durante a primeira hora que sucedeu á partida, todos os que ficaram, com o ouvido atento escutavam, temendo ouvir a cada momento o estrondo de tiros que anunciasse um combate entre os aventureiros e os indios. Tudo conservou-se em silencio; e uma esperança, bem que vaga e tenue, veiu pouzar nesses corações quebrados por tantos sofrimentos e tantas angustias.

A noite passou-se tranquilamente; nada indicava que a caza estivesse cercada por um inimigo tão terrivel como os Aymorés.

D. Antonio admirava-se que os selvajens, depois do ataque da manhã, se conservassem tranquilos no seu campo, e não tivessem investido a habitação uma só vez. Passou-lhe pelo espirito a idéa de que se tivessem retirado com a perda de alguns dos seus principaes guerreiros; mas elle conhecia de ha muito o espirito vingativo e a tenacidade dessa raça para admitir semelhante supozição.

Cecilia recostou-se n'um sofá, e alquebrada de fadiga conseguiu adormecer apezar das idéas tristes e das inquietações que a ajitavam. Izabel, com o coração cerrado por um terrivel presentimento, lembrava-se de Alvaro, e acompanhava-o de lonje na sua perigoza expedição, misturando as suas preces com as palavras ardentes do seu amor.

Assim passou-se esta noite; a primeira, depois de trez dias, em que a familia de D. Antonio de Mariz pôde gozar alguns momentos de socego.

De vez em quando o fidalgo chegando á janela via ao lonje, perto do rio, brilharem os fogos do campo dos Aymorés, mas uma calma profunda reinava em toda aquella planicie. Nem mesmo se ouvia o éco enfraquecido de uma dessas cantigas monotonas com que os selvajens costumam á noite acompanhar o embalançar de

sua rede de palha; apenas o sussurrar do vento nas folhas, a quéda da agua sobre as pedras, e o grito do oitibó.

Contemplando a solidão, o fidalgo insensivelmente voltava a essa esperança que ha pouco sorrira, e que o seu espirito tinha repelido como uma simples ilusão. Tudo com efeito parecia indicar que os selvajens haviam abandonado o seu campo, deixando nelle apenas os fogos que haviam servido para esclarecer os seus preparativos de partida.

Para quem conhecia, como D. Antonio, os costumes desses povos barbaros, para quem sabia quanto era ativa, ajitada, ruidoza essa existencia nomada, o silencio em que estava sepultada a marjem do rio era um sinal certo de que os Aymorés já ali não estavam.

Comtudo o fidalgo, demaziadamente prudente para se fiar em aparencias, recomendára aos seus homens que redobrassem de vijilancia para evitar alguma sorpreza.

Talvez que aquelle socego e aquella serenidade fossem apenas uma dessas calmas sinistras que preludiam as grandes tempestades, e durante as quaes os elementos parecem concentrar as suas forças para entrarem nessa luta espantoza, que tem por campo de batalha o espaço e o infinito.

As horas correram silenciozamente; a viuvinha cantou pela primeira vez, e a luz branca da alvorada veiu empalidecer as sombras da noite.

Pouco a pouco o dia foi rompendo; o arrebol da manhã dezenhou-se no horizonte, tinjindo as nuvens com todas as côres do prisma. O primeiro raio do sol, desprendendo-se daquelles vapores tenues e diafanos, deslizou pelo azul do céu, e foi brincar no cabeço dos montes.

O astro assomou, e torrentes de luz inundaram toda a floresta, que nadava n'um mar de ouro marchetado de brilhantes que sintilavam em cada uma das gotas do orvalho suspensas ás folhas das arvores.

Os habitantes da caza, despertando, admiravam esse espetaculo magnifico do nascer do dia, que depois de tantas tribulações e de tantas angustias, lhes parecia completamente novo.

Uma noite de quietação e socego os tinha como que restituido á vida; nunca esses campos verdes, esse rio puro e limpido, essas arvores florescentes, esses horizontes descortinados se haviam mostrado a seus olhos tão belos, tão rizonhos como agora.

E' que o prazer e o sofrimento não passam de um contraste; em luta perpetua e continua, elles se acrizolam um no outro, e se depuram; não ha homem verdadeiramente feliz senão aquelle que já conheceu a desgraça.

Cecilia com a frescura da manhã, tinha-se expandido como uma flor do campo; suas faces coloriam-se de novo, como se um raio do sol beijando-as lhes tivesse imprimido o seu reflexo rozeado; os olhos brilharam; e os labios entre-

abrindo-se para aspirarem o ar puro e embalsamado da manhã, arquearam-se graciozamente quazi sorrindo.

A esperança, esse anjo invizivel, essa doce amiga dos que sofrem, tinha vindo pouzar no seu coração, e murmurava-lhe ao ouvido palavras confuzas, cantos misteriozos, que ella não compreendia, mas que a consolavam e vertiam em sua alma um balsamo suave.

Sentia-se em todas as pessoas da caza um quer que seja, uma animação, um começo de bem-estar que revelava uma grande transformação operada na situação da vespera; era mais do que a esperança, menos do que a seguridade.

Só Izabel não partilhava essa impressão geral; como sua prima, ella tambem viera contemplar o raiar do dia; mas fôra para interrogar a natureza, e perguntar ao sol, á luz, ao céu, se as lugubres imajens que tinham passado e repassado na sua longa vijilia, eram uma realidade ou uma vizão.

E couza singular! Esse sol tão brilhante, essa luz esplendida, esse céu azul, que aos outros reanimára, e que devia inspirar a Izabel o mesmo sentimento, pareceu-lhe ao contrario uma amarga ironia.

Comparou a sena radiante que se aprezentava aos seus olhos com o quadro que se dezenhava em sua alma; emquanto a natureza sorria, o seu coração chorava. No meio dessa festa esplen-

dida do nascer do dia, a sua dôr, só, izolada, não achava uma simpatia, e repelida pela creação voltava a recalcar-se em seu seio. A moça recostou a cabeça sobre o hombro de sua prima, e escondeu aí o rosto para não perturbar a doce serenidade que se expandia no semblante de Cecilia.

Entretanto D. Antonio tinha tratado de averiguar se as suas suspeitas da vespera eram reais; certificou-se de que os selvajens haviam abandonado o campo. Ayres Gomes, acompanhado de mestre Nunes, chegou mesmo a saír da caza, e aproximar-se com todas as cautelas do lugar onde na vespera os Aymorés festejavam o sacrificio de Pery.

Tudo estava dezerto; não se viam mais no campo os vazos de barro, as peças de caça suspensas aos galhos da arvore, e as redes grosseiras que indicavam a alta de uma horda selvajem. Não havia já duvida, os Aymorés tinham partido desde a vespera á noite, depois de enterrarem os seus mortos.

O escudeiro voltou a dar esta noticia ao fidalgo, que recebeu-a menos favoravelmente do que se devia supôr; ignorava a cauza e o fim dessa partida repentina, e desconfiava della.

Não ha que admirar nisto; D. Antonio era um homem prudente e avizado; a sua experiencia de quarenta anos o tinha tornado suspeitozo; por couza nenhuma queria dar aos seus uma esperança que viesse a frustrar-se.

VII

Peleja

Quando a familia de D. Antonio de Mariz gozava dos primeiros momentos de tranquilidade que sucediam a tantas aflições, soou um grito na escada de pedra.

Cecilia levantou-se estremecendo de alegria e felicidade; tinha reconhecido a voz de Pery.

No momento em que ia correr ao encontro de seu amigo, mestre Nunes já tinha abaixado uma prancha que servia de ponte levadiça, e Pery chegava á porta da sala.

D. Antonio de Mariz, sua mulher e sua filha ficaram mudos de espanto e terror; Izabel caíu fulminada, como se a vida lhe faltasse de repente.

Pery trazia nos seus hombros o corpo inanimado de Alvaro; e no rosto uma expressão de tristeza profunda. Atravessando a sala, depoz sobre o sofá o seu fardo preciozo, e olhando o rosto livido daquelle que fôra seu amigo, enxugou uma lagrima que lhe corria pela face.

Nenhuma das pessoas prezentes se animava a quebrar o silencio solene que envolvia aquella

sena lugubre; os aventureiros que haviam acompanhado Pery quando passára no meio delles correndo, pararam na porta, tomados de compaixão e respeito por aquella desgraça.

Cecilia nem pôde gozar da alegria de ver Pery salvo; seus olhos apezar dos sofrimentos passados, ainda tinham lagrimas para chorar essa vida nobre e leal que a morte acabava de ceifar. Quanto a D. Antonio de Mariz, sua dôr era a de um pai que havia perdido um filho, era a dôr muda e concentrada que abala as organizações fortes, sem comtudo abate-las.

Depois dessa primeira comoção produzida pela chegada de Pery, o fidalgo interrogou o indio e ouviu de sua boca a narração breve dos acontecimentos, cuja peripecia tinha diante dos olhos.

Eis o que havia passado.

Partindo na vespera, no momento em que começava a sentir os primeiros efeitos do veneno terrivel que tomára, Pery ia cumprir a promessa que tinha feito a Cecilia. Ia procurar a vida em um contra-veneno infalivel cuja existencia só era conhecida pelos velhos *payás* da tribu, e pelas mulheres que os auxiliavam nas suas preparações medicinais.

Sua mãi, quando elle partira para a primeira guerra lhe tinha revelado esse segredo que devia salva-lo de uma morte certa no cazo de ser ferido por alguma seta hervada.

Vendo o dezespero de sua senhora, o indio

sentiu-se com forças de rezistir ao torpor do envenenamento que começava a ganhar-lhe o corpo, e ir ao fundo da floresta procurar essa herva poderoza que devia restituir-lhe a saude, o vigor e a existencia.

Comtudo, quando atravessava a mata parecia-lhe ás vezes que já era tarde, que não chegaria a tempo: então tinha medo de morrer lonje de sua senhora, sem poder volver para ella o seu ultimo olhar. Arrependia-se quazi de ter partido de caza e não deixar-se ficar aos pés de Cecilia até exalar o seu ultimo suspiro; mas lembrava-se que a menina o esperava, lembrava-se que ella ainda precizava de sua vida e creava novas forças.

Pery entranhou-se no mais basto e sombrio da floresta, e aí, na sombra e no silencio passou-se entre elle e a natureza uma sena da vida selvajem, dessa vida primitiva, cuja imajem nos chegou tão incompleta e desfigurada. O dia declinou: veiu a tarde, depois a noite, e sob essa abobada espessa em que Pery dormia como em um santuario, nem um rumor revelára o que aí se passou.

Quando o primeiro reflexo do dia purpureou o horizonte, as folhas se abriram, e Pery exausto de forças, vacilante, emagrecido como se acabasse de uma longa enfermidade, saíu do seu retiro.

Mal se podia suster, e para caminhar era obrigado a sustentar-se aos galhos das arvores que encontrava na sua passajem: assim adian-

tou-se pela floresta, e colheu alguns frutos, que lhe restabeleceram um tanto as forças.

Chegando á beira do rio, Pery já sentia o vigor que voltava, e o calor que começava a animar-lhe o corpo entorpecido; atirou-se á agua e mergulhou. Quando voltou á marjem, era outro homem; uma reação se havia operado; seus membros tinham adquirido a elasticidade natural; o sangue girava livremente nas veias.

Então tratou de recuperar as forças que havia perdido, e tudo quanto a floresta lhe oferecia de saborozo e nutriente serviu a esse banquete da vida, em que o selvajem festejava a sua vitoria sobre a morte e o veneno.

O sol tinha raiado havia horas; Pery, acabada a sua refeição, caminhava pensativo, quando ouviu uma descarga de armas de fogo, cujo estrondo reboou pelo ambito da floresta.

Lançou-se na direção dos tiros, e a pouca distancia, n'um claro da mata, descobriu um espetaculo grandiozo.

Alvaro e os seus nove companheiros divididos em duas colunas de cinco homens com as costas apoiadas ás costas uns dos outros, estavam cercados por mais de cem Aymorés que se precipitavam sobre elles com um furor selvajem.

Mas as ondas dessa torrente de barbaros que soltavam bramidos espantozos, iam quebrar-se contra essa pequena coluna, que não parecia de homens, mas de aço; as espadas jogavam com

tanta velocidade que a tornavam impenetravel; no raio de uma braça o inimigo que se adiantava caía morto.

Havia uma hora que durava esse combate, começado com armas de fogo; mas os Aymorés atacaram com tanta furia, que breve tinham chegado á luta corpo a corpo e á arma branca.

No momento em que Pery assomava á marjem da clareira, um incidente veiu modificar a face do combate.

O aventureiro que dava as costas a Alvaro, levado pelo ardor da peleja, adiantou-se, alguns passos para ferir um inimigo; os selvajens o envolveram, deixando a coluna interrompida e Alvaro sem defeza.

Entretanto o valente cavalheiro continuava a fazer prodijios de valor e de corajem; cada volta que descrevia sua espada era um inimigo de menos, uma vida que se extinguia a seus pés n'um rio de sangue. Os selvajens redobravam de furor contra elle, e cada vez o seu braço ajil movia-se com mais segurança e mais certeza, fazendo jogar como um raio a lamina de aço que mal se via brilhar nas suas rapidas evoluções.

Desde porém que os Aymorés viram o moço sem defeza pelas costas, e exposto aos seus golpes, concentraram-se nesse ponto; um delles adiantando-se, ergueu com as duas mãos a pezada tagapema e atirou-a ao alto da cabeça de Alvaro.

O moço caíu; mas na sua quéda a espada descreveu ainda um semi-circulo e abateu o inimigo que o tinha ferido á traição; a dôr violenta dera a esse ultimo golpe uma força sobrenatural.

Quando os indios iam precipitar-se sobre o cavalheiro, Pery saltou no meio delles, e agarrando a espingarda que estava a seus pés fez della uma arma terrivel, uma clava formidavel, cujo poder em breve sentiram os Aymorés. Apenas se viu livre do turbilhão dos inimigos o indio tomou Alvaro nos seus hombros, e abrindo caminho com a sua arma temivel, lançou-se pela floresta e dezapareceu.

Alguns o seguiram; mas Pery voltou-se e fe-los arrepender-se de sua ouzadia; livrando-se do pezo que levava, carregou a espingarda com as munições que Alvaro trazia e mandou uma bala áquelle que o perseguia mais de perto; os outros, que o conheciam pelo combate da vespera, retrocederam.

A idéa de Pery era salvar Alvaro, não só pela amizade que lhe tinha, como por cauza de Cecilia, que elle supunha amar o cavalheiro; vendo porém que o corpo continuava inanimado, acreditou que Alvaro estava morto. Apezar disto não dezistiu do seu propozito; morto ou vivo devia leva-lo áquelles que o amavam, ou para o restituirem á vida, ou para derramarem sobre o seu corpo o pranto da despedida.

Quando Pery acabou a sua narração, o fidalgo

comovido chegou-se á beira do sofá, e apertando a mão gelada e fria do cavalheiro, disse:

— Até logo, bravo e valente amigo; até logo! A nossa separação é de poucos instantes; breve nos reuniremos na mansão dos justos onde deveis estar, e onde espero que Deus me concederá a graça de entrar.

Cecilia deu á memoria do moço as ultimas lagrimas, e ajoelhando aos pés do moribundo com sua mãi dirijiu ao céu uma prece ardente.

D. Lauriana tinha esgotado todos os recursos dessa medicina domestica que no interior das cazas substituia a falta dos homens profissionais, muito raros naquella epoca, e sobretudo lonje das cidades; o moço não deu porém o menor sinal de vida.

D. Antonio de Mariz, que compreendera perfeitamente o que devia esperar da pretendida retirada dos Aymorés, mandou que os seus homens se preparassem para a defeza, não que tivesse a menor esperança, mas porque dezejava rezistir até ao ultimo momento.

Pery, depois de ter respondido a todas as perguntas de Cecilia a respeito do modo por que se havia salvado do veneno, saíu da sala e percorreu a esplanada, observando os arredores. O indio infatigavel sempre que se tratava de sua senhora, apenas acabava de uma empreza gigantesca, como a que o tinha levado ao campo dos Aymorés, cuidava já em combinar outro projeto para salvar Cecilia.

Depois do seu exame estratejico, entrou no quarto que havia abandonado na ante-vespera, e no qual encontrou ainda as suas armas, do mesmo modo que as tinha deixado.

Lembrou-se do pedido que fizera a Alvaro, da contradição do destino que lhe restituia a vida a elle um homem trez vezes morto, e roubava-a ao cavalheiro a quem elle havia deixado são e salvo.

VIII

Noiva

Uma hora depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, Pery, recostado á janela do quarto que tinha pertencido á sua senhora, olhava com uma grande atenção para uma arvore que se elevava a algumas braças de distancia.

Seu olhar parecia estudar as curvas dos galhos retorcidos, medindo-lhes a distancia, a altura e o tamanho, como se disso dependesse a solução de uma grande dificuldade com que lutava o seu espirito. No momento em que estava de todo entregue a esse exame minuciozo, o indio sentiu uma mão timida e delicada tocar-lhe de leve no hombro.

Voltou-se; era Izabel que estava junto delle, e que se havia aproximado como uma sombra, sem fazer o menor rumor. Uma palidez mortal cobria as feições da moça, que apenas saía do seu desmaio; mas o rosto tinha uma calma ou antes uma imobilidade que assustava.

Voltando a si, Izabel correu um olhar pelo apozento, como para certificar-se de que não era um sonho o que havia passado.

A sala estava dezerta; D. Antonio de Mariz tinha saído para dar as suas ordens; sua mulher, ajoelhada no oratorio sobre um montão de ruinas, rezava ao pé de uma cruz que ficára junto ao altar. No fundo do apozento, sobre o sofá, destacava-se o vulto imovel do cavalheiro, aos pés do qual ardia uma vela de cera, lançando palidos clarões.

Cecilia é que estava perto della, e apertava no seio a sua cabeça desfalecida, procurando reanima-la.

Quando o olhar de Izabel caíu sobre o corpo de seu amante, ella ergueu-se como impelida por uma força sobrenatural, atravessou rapidamente a sala, e foi por sua vez ajoelhar-se em face desse leito mortuario. Mas não era para fazer uma prece que ajoelhava, era para embeber-se na contemplação desse rosto livido e gelado, desses labios frios, desses olhos extintos, que ella amava apezar da morte.

Cecilia respeitou a dôr de sua prima, e por um instinto de delicadeza que só possuem as mulheres, compreendeu que o amor, mesmo em face de um cadaver, tem o seu pudor e a sua castidade; saíu para deixar que Izabel chorasse livremente.

Passado algum tempo depois da saída de Cecilia, a moça ergueu-se, percorreu automaticamente a caza, e vendo Pery de lonje aproximou-se delle e tocou-lhe no hombro.

O indio e a moça odiavam-se desde o primeiro

dia em que se tinham visto; em Izabel era o odio de uma raça que a rebaixava a seus proprios olhos; em Pery era essa repugnancia natural que sente o homem por aquelle em quem reconhece um inimigo.

Por isso Pery, vendo Izabel junto delle ficou extremamente admirado, sobretudo quando reparou no gesto suplicante que a moça lhe dirijia, como se esperasse delle uma graça.

— Pery! ..

O indio sentiu-se comovido ao aspeto daquelle sofrimento, e pela primeira vez na sua vida dirijiu a palavra a Izabel.

— Precizas de Pery? disse elle.

— Vinha pedir-te um serviço. Não m'o negarás, sim? balbuciou a moça.

— Fala; se fôr couza que Pery possa fazer, elle não te negará.

— Prometes então? exclamou Izabel, cujos olhos brilharam com uma expressão de alegria.

— Sim, Pery te promete.

— Vem!

Dizendo essa palavra, a moça fez um gesto ao indio e dirijiu-se acompanhada por elle á sala que ainda estava dezerta como a tinha deixado. Parou junto do sofá, e apontando para o corpo inanimado de seu amante, acenou a Pery que o tomasse nos seus braços.

O indio obedeceu, e acompanhou Izabel até um gabinete retirado a um lado da caza; aí dei-

tou o seu fardo sobre um leito, cujas cortinas a moça entreabriu, corando como uma noiva.

Corava porque o gabinete onde tinha entrado era o quarto em que habitára e encontrava ainda povoado de todos os sonhos de seu amor; porque o leito, que recebia seu amante, era o seu leito de virjem casta e pura; porque ella era realmente uma noiva do tumulo.

Pery, tendo satisfeito o dezejo da moça, retirou-se e voltou ao seu trabalho, que elle proseguia com uma constancia infatigavel.

Apenas ficou só, Izabel sorriu; mas o seu sorrizo tinha um quer que seja do extazi da dôr, da volutuozidade do sofrimento, que faz sorrir na sua ultima hora os martires e os desgraçados.

Tirou do seio a redoma de vidro onde guardava os cabelos de sua mãi e fitou nella um olhar ardente; mas abanou a cabeça com um gesto de expressão indefinivel. Tinha mudado de rezolução; o segredo que encerrava essa joia, o pó subtil que empanava a face interior do cristal, a morte que sua mãi lhe confiára não a satisfazia; era muito rapida, quazi instantanea.

Saíu então furtivamente e acendeu uma vela de cera, que havia sobre a comoda ao lado de um crucifixo de marfim; depois fechou a porta, cerrou as janelas e intercetou as frestas por onde a luz do dia podia penetrar. O gabinete ficou ás escuras; apenas em torno do cirio que ardia, uma aureola palida se destacava no meio das trevas e iluminava a imajem de Cristo.

A moça ajoelhou e fez uma oração breve; pedia a Deus uma ultima graça; pedia a eternidade e a ventura do seu amor, que tinha passado tão rapido pela terra.

Acabando a prece, tomou a luz, deitou-a na cabeceira do leito, afastou o cortinado e começou a contemplar o seu amante com enlevo.

Alvaro parecia adormecido apenas; sua bela fizionomia não tinha a menor alteração; a morte imprimindo nos seus traços o descoramento da cera e do marmore, havia unicamente imobilizado a expressão e feito do gentil cavalheiro uma bela estatua.

Izabel interrompeu o enlevo de sua contemplação para chegar-se de novo á comoda, onde se viam algumas conchas de mariscos tintas de nacar que se apanham nas nossas praias, e uma cesta de palha matizada.

Esta cesta continha todas as rezinas aromaticas, todos os perfumes que dão as arvores de nossa terra; o anime da aroeira, as perolas do beijoim, as lagrimas cristalizadas da embaiba, e gotas do balsamo, esse sandalo do Brazil.

A moça deitou na concha a maior parte dos perfumes, e acendeu algumas bagas de beijoim; o oleo de que estavam impregnadas, alimentando a chama, comunicou-a ás outras rezinas.

Frocos de fumo alvadio impregnado de perfumes embriagadores se elevaram da caçoula em grossas espiraes, e encheram o gabinete de nu-

vens transparentes que oscilavam á luz palida do cirio.

Izabel, sentada á beira do leito, com as mãos do seu amante nas suas e com os olhos embebidos naquella imajem querida, balbuciava frazes entrecortadas, confidencias intimas, sons inarticulados, que são a linguajem verdadeira do coração.

A's vezes sonhava que Alvaro ainda vivia, que lhe murmurava ao ouvido a confissão do seu amor; e ella falava-lhe como se seu amante a ouvisse, contava-lhe os segredos de sua paixão, vertia toda a sua alma nas palavras que caíam dos labios. Sua mão delicada afastava os cabelos do moço, descobria a sua fronte, amimava a sua face gelada, e roçava aquelles labios frios e mudos como pedindo-lhe um sorrizo.

—Porque não me falas? murmurava ella docemente. Não conheces tua Izabel?... Dize outra vez que me amas! Dize sempre essa palavra, para que minha alma não duvide da felicidade! Eu te suplico!...

E com o ouvido atento, com os labios entreabertos, o seio palpitante, ella esperava o som dessa voz querida e o éco dessa primeira e ultima palavra de seu triste amor.

Mas o silencio só lhe respondia; seu peito aspirava apenas as ondas dos perfumes inebriantes, que faziam circular nas suas veias uma chama ardente.

O apozento aprezentava então um aspeto fan-

tastico: no fundo escuro dezenhava-se um circulo esclarecido, envolto por uma nevoa espessa.

Nessa esfera luminoza como no meio de uma vizão surjiam Alvaro deitado no leito e Izabel reclinada sobre o rosto de seu amante, a quem continuava a falar, como se elle a escutasse. A menina começava a sentir a respiração faltar-lhe; seu seio opresso sufocava-a; e entretanto uma volutuozidade inexprimivel a embriagava: um gozo imenso havia nessa asfixia de perfumes que se condensavam e rarefaziam o ar.

Louca, perdida, alucinada, ella ergueu-se, seu seio dilatou-se, e sua boca, entreabrindo-se, colou-se aos labios frios e gelados de seu amante; era o seu primeiro e ultimo beijo; o seu beijo de noiva.

Foi uma agonia lenta, um pezadelo horrivel em que a dôr lutava com o gozo, em que as sensações tinham um requinte de prazer e de sofrimento ao mesmo tempo; em que a morte, torturando o corpo, vertia na alma efluvios celestes.

De repente pareceu a Izabel que os labios de Alvaro se ajitavam, que um tenue suspiro se exalava de seu peito, ainda ha pouco insensivel como marmore.

Julgou que se iludia, mas não; Alvaro estava vivo, realmente vivo, suas mãos apertavam as della convulsamente; seus olhos, brilhando com um fogo estranho, se tinham fitado no rosto da

moça: um sopro reanimou seus labios, que exalaram uma palavra quazi impercetivel.

— Izabel!...

A moça soltou um grito debil de alegria, de espanto, de medo; entre as idéas confuzas que se ajitavam na sua cabeça desvairada, lembrou-se com horror que era ella quem matava seu amante, quem o ia sacrificar por cauza de um engano fatal. Fazendo um esforço extraordinario, conseguiu erguer a cabeça e ia precipitar-se para a janela, abri-la e dar entrada ao ar livre; sabia que a morte era inevitavel; mas salvaria Alvaro.

No momento, porém, em que se levantava, sentiu as mãos do moço que apertavam as suas, e a obrigaram a reclinar-se sobre o leito; seus olhos encontraram de novo os olhos de seu amante.

Izabel não tinha mais forças para rezistir e realizar seu heroico sacrificio; deixou caír a cabeça desfalecida, e seus labios se uniram outra vez n'um longo beijo, em que essas duas almas irmãs, confundindo-se n'uma só, voaram ao céu, e foram abrigar-se no seio do Creador.

As nuvens de fumaça e de perfume se condensavam cada vez mais e envolviam como um lençol aquelle grupo orijinal, impossivel de descrever.

Por volta de duas horas da tarde, a porta do gabinete, impelida por um choque violento, abriu-se; e um turbilhão de fumo lançou-se por

essa aberta, e quazi sufocou as pessoas que aí estavam.

Eram Cecilia e Pery.

A menina, inquieta pela longa auzencia de sua prima, soube de Pery que ella estava no seu quarto; mas o indio ocultou parte da verdade, e não disse onde deitára o corpo de Alvaro.

Duas vezes Cecilia viera até á porta, escutára e nada ouvira; por fim rezolveu-se a bater, a falar a Izabel, e não teve a menor resposta. Chamou Pery e contou-lhe o que se passava; o indio, tomado de um presentimento meteu o hombro á porta e abriu-a.

Quando a corrente de ar expeliu a fumaça do apozento, Cecilia pôde entrar e ver a sena que descrevemos.

A menina recuou, e respeitando esse misterio de um amor profundo, fez um gesto a Pery e retirou-se.

O indio fechou de novo a porta e acompanhou sua senhora.

— Ella morreu feliz! disse Pery.

Cecilia fitou nelle os seus grandes olhos azuis, e córou.

IX

O castigo

O dia declinava rapidamente e as sombras da noite começavam a estender-se sobre o verde-negro da floresta.

D. Antonio de Mariz, apoiado ao umbral da porta, junto de sua mulher, passava o braço pela cintura de Cecilia. O sol a esconder-se iluminava com o seu reflexo esse grupo de familia digno do quadro majestozo que lhe servia de baixo-relevo.

O fidalgo, Cecilia e sua mãi, com os olhos no horizonte, recebiam esse ultimo raio de despedida, e mandavam o adeus extremo á luz do dia, ás montanhas que os cercavam, ás arvores, aos campos, ao rio, a toda a natureza.

Para elles esse sol era a imajem de sua vida; o ocazo era a sua hora derradeira; e as sombras da eternidade se estendiam já como as sombras da noite.

Os Aymorés tinham voltado, depois do combate em que os aventureiros venderam caro a sua vida; e cada vez mais sequiozos de vingança, esperavam que anoitecesse para assaltar

a caza. Certos d'esta vez que o inimigo extenuado não rezistiria a um ataque violento, tinham tratado de destruir todos os meios que pudessem favorecer a fuga de um só dos brancos.

Isto era facil; além da escada de pedra, o rochedo formava um despenhadeiro por todos os lados; e só a arvore, que lançava os galhos sobre a cabana de Pery, oferecia um ponto de comunicação praticavel para quem tivesse a ajilidade e a força do indio.

Os selvajens, que não queriam que lhes escapasse um só inimigo, e ainda menos que esse fosse Pery, abateram a arvore, e cortaram assim a unica passajem por onde um homem poderia saír do rochedo, no momento do ataque.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o grosso tronco do oleo, Pery estremeceu, e saltando sobre a sua clavina, ia despedaçar a cabeça do selvajem; mas sorriu-se, e encostou tranquilamente a arma á parede. Sem inquietar-se com a destruição que faziam os Aymorés, continuou no seu trabalho interrompido, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio á sua cabana.

Elle tinha o seu plano: e para realiza-lo, começára por cortar as duas palmeiras e traze-las para o quarto de Cecilia; depois rachou uma das arvores, e durante toda a manhã ocupou-se em

torcer essa longa corda, a que dava uma extraordinaria importancia.

Quando Pery terminava a sua obra, ouviu o baque da arvore que tombava sobre o rochedo; chegou-se de novo á janela, e seu rosto exprimiu uma satisfação imensa. O oleo, cortado pela raiz, deitára-se sobre o precipicio, elevando a uma grande altura os seus galhos seculares, mais frondozos e mais robustos do que uma arvore nova da floresta.

Os Aymorés, tranquilos por esse lado, continuaram nos seus preparativos para o combate que contavam dar durante as horas mortas da noite.

Quando o sol dezapareceu no horizonte e a luz do crepusculo cedeu ás trevas que envolviam a terra, Pery dirijiu-se á sala.

Ayres Gomes, sempre infatigavel, guardava a porta do gabinete; D. Antonio de Mariz estava recostado na sua cadeira de espaldar; e Cecilia, sentada sobre os seus joelhos, recuzava beber uma taça que seu pai lhe aprezentava.

— Bebe, minha Cecilia, dizia o fidalgo; é um cordial que te fará muito bem.

— De que serve, meu pai? Por uma hora, se tanto nos resta a viver, não vale a pena! respondia a menina, sorrindo tristemente.

— Tu te enganas! Ainda não estamos de todo perdidos.

— Tendes alguma esperança? perguntou ella incredula.

— Sim, tenho uma esperança, e esta não me iludirá! respondeu D. Antonio, com um acento profundo.

— Qual? dizei-me!

— És curioza ? replicou o fidalgo sorrindo. Pois só te direi se fizeres o que te peço.

— Quereis que beba essa taça?

— Sim.

Cecilia tomou a taça das mãos de seu pai, e depois de beber, volveu para elle o seu olhar interrogador.

— A esperança que eu tenho, minha filha, é que nenhum inimigo passará nunca do limiar daquella porta; pódes crer na palavra de teu pai e dormir tranquila. Deus vela sobre nós.

Beijando a fronte pura da menina, elle ergueu-se, tomou-a nos seus braços, e, recostando-a sobre a poltrona em que estivera sentado, saíu do gabinete e foi examinar o que se passava fóra da caza.

Pery, que tinha assistido a esse dialogo entre o pai e a filha, estava ocupado em procurar no gabinete varios objetos de que tinha necessidade aparentemente.

Logo que achou quanto dezejava, o indio encaminhou-se para a porta.

— Onde vais? disse Cecilia, que tinha acompanhado todos os seus movimentos.

— Pery volta, senhora.

— E porque nos deixas?

— Porque é precizo.

— Ao menos volta logo. Não devemos morrer todos juntos, da mesma morte?

O indio estremeceu.

— Não; Pery morrerá; mas tu has de viver, senhora.

— Para que viver, depois de ter perdido todos os seus amigos?...

Cecilia, que ha alguns momentos sentia a cabeça vacilar, os olhos cerrarem-se e um sono invencivel apoderar-se della, deixou-se caír sobre o espaldar da cadeira.

— Não!... Antes morrer como Izabel! murmurou a menina já entorpecida pelo sono.

Um meigo sorrizo veiu adejar nos seus labios entre-abertos, por onde se escapava a respiração doce, branda e igual.

Pery a principio assustou-se com esse sono repentino que não lhe parecia natural e com a palidez subita de que se cobriram as feições de Cecilia.

Seus olhos caíram sobre a taça que estava em cima da meza; deitou nos labios algumas gotas do liquido que tinham ficado no fundo e tomou-lhes o sabor: não podia conhecer o que continha; mas satisfez-se em não achar o que receiára.

Repeliu a idéa que lhe assaltára o espirito, e lembrou-se que D. Antonio sorria no momento em que pedia a sua filha para beber, e que a sua mão não tremera aprezentando-lhe a taça. Tranquilo a este respeito, o indio, que não tinha

tempo a perder, ganhou a esplanada, correu para o quarto que ocupava, e dezapareceu.

A noite já estava fechada, e uma escuridão profunda envolvia a caza e os arredores. Durante esse tempo nenhum acontecimento extraordinario viera modificar a pozição dezesperada em que se achava a familia; a calma sinistra, que precede as grandes tempestades, plainava sobre a cabeça dessas vitimas que contavam, não as horas, mas os instantes de vida que lhes restavam.

D. Antonio passeava ao longo da sala, com a mesma serenidade dos seus dias tranquilos e placidos de outr'ora; de vez em quando o fidalgo parava na porta do gabinete, lançava um olhar sobre sua mulher que orava e sua filha adormecida; depois continuava o passeio interrompido.

Os aventureiros grupados junto á porta seguiam com os olhos o vulto do fidalgo que se perdia no fundo escuro da sala, ou se destacava cheio de vigor e de colorido na esfera luminoza a que cinjia a lampada de prata suspensa ao teto.

Mudos, rezignados, nenhum desses homens deixava escapar uma queixa, um suspiro que fosse; o exemplo de seu chefe reanimava nelles essa corajem heroica do soldado que morre por uma cauza santa.

Antes de obedecerem á ordem de D. Antonio de Mariz, elles tinham executado a sua sentença

proferida contra Loredano; e quem passasse então sobre a esplanada veria em torno do poste, em que estava atado o frade, uma lingua vermelha que lambia a fogueira enroscando-se pelos toros de lenha.

O italiano sentia já o fogo que se aproximava e a fumaça, que, enovelando-se, envolvia-o n'uma nevoa espessa: é impossivel descrever a raiva, a colera e o furor que se apossaram delle nesses momentos que precederam o suplicio.

Mas voltemos á sala em que se achavam reunidos os principais personajens desta historia, e onde se vão passar as senas talvez mais importantes do drama.

A calma profunda que reinava nessa solidão não tinha sido perturbada; tudo estava em silencio; e as trevas espessas da noite não deixavam perceber os objetos a alguns passos de distancia.

De repente listras de fogo atravessaram o ar, e se abateram sobre o edificio; eram as setas inflamadas dos selvajens que anunciavam o começo do ataque; durante alguns minutos foi como uma chuva de fogo, uma cascata de chamas que caíu sobre a caza.

Os aventureiros estremeceram; D. Antonio sorriu.

— É chegado o momento, meus amigos. Temos uma hora de vida; preparai-vos para morrer como cristãos e portuguezes. Abri as portas para que possamos ver o céu.

O fidalgo dizia que lhe restava uma hora de vida, porque, tendo destruido o resto da escada de pedra, os selvajens não podiam subir ao rochedo senão escalando-o; por maior que fosse a sua habilidade, não era possivel que consumissem nisso menos tempo.

Quando os aventureiros abriram as portas, um vulto resvalou na sombra, e entrou na sala.

Era Pery.

X

Cristão

O indio dirijiu-se rapidamente a D. Antonio de Mariz.

— Pery quer salvar a senhora.

O fidalgo abanou a cabeça em sinal de duvida.

— Escuta! replicou o indio.

Aproximando os labios do ouvido de D. Antonio, falou-lhe por algum tempo em voz baixa, e n'um tom rapido e decizivo.

— Tudo está preparado: parte, desce o rio; quando a lua estender o seu arco chegarás á tribu dos Goytacazes. A mãi de Pery te conhece: cem guerreiros te acompanharão á grande taba dos brancos.

D. Antonio de Mariz ouviu em profundo silencio as palavras do indio; e quando elle terminou, apertou-lhe a mão com reconhecimento.

— Não, Pery: o que me propões é impossivel. D. Antonio de Mariz não póde abandonar a sua caza, a sua familia e os seus amigos no momento do perigo, ainda mesmo para salvar aquillo que elle mais ama neste mundo. Um fi-

dalgo portuguez não póde fujir diante do inimigo, qualquer que elle seja; morre vingando a sua morte.

Pery fez um gesto de dezespero.

— Assim tu não queres salvar a senhora?

— Não posso, respondeu o cavalheiro; o meu dever manda que fique, e partilhe a sorte de meus companheiros.

O indio no seu fanatismo não compreendia que houvesse uma razão capaz de sacrificar a vida de Cecilia, que para elle era sagrada.

— Pery pensou que tu amasses a senhora! disse elle fóra de si.

D. Antonio olhou-o com uma expressão de dignidade e nobreza.

— Perdôo-te a ofensa que me fizeste, amigo; porque é ainda uma prova de tua grande dedicação. Mas acredita-me; se fosse precizo que eu me votasse só ao sacrificio barbaro dos selvajens para salvar minha filha, eu o faria sorrindo.

— E porque recuzas o que Pery te pede?

— Porque?... Porque o que tu pedes não é um sacrificio, é uma vergonha; é uma traição. Tu abandonarias tua mulher, teus companheiros, para salvar-te do inimigo, Pery?...

O indio abaixou a cabeça com abatimento.

— Demais, essa empreza demanda forças com que um velho como eu já não póde contar. Havia duas pessoas que a poderiam realizar.

— Quem? perguntou Pery com um raio de esperança.

— Uma era meu filho, que a esta hora está bem lonje d'aqui; a outra deixou-nos esta manhã e nos espera; era Alvaro.

— Pery fez pela senhora o que podia; tu não queres salva-la; Pery vai morrer a seus pés.

— Morrer? disse o fidalgo. Quando tens a liberdade e a vida á tua dispozição? E julgas que consentirei nisto?... Nunca! Vai, Pery; conserva a lembrança de teus amigos; a nossa alma te acompanhará na terra. Adeus. Parte: o tempo urje.

O indio ergueu a cabeça com um gesto soberbo de indignação.

— Pery arriscou bastantes vezes a sua vida por ti, para ter o direito de morrer comtigo; tu não pódes abandonar teus companheiros; o escravo não póde abandonar sua senhora.

— És injusto, amigo; exprimi um dezejo, não quiz arrogar-te uma injuria. Se exijes uma parte do sacrificio, esta te pertence, e tu és digno della; fica.

Um grito dos selvajens retroou nos ares.

D. Antonio, fazendo um gesto aos aventureiros, encaminhou-se para o gabinete.

Cecilia, adormecida sobre a cadeira de espaldar, sorria como se algum sonho alegre a embalasse no seu sono tranquilo; o rosto um pouco palido, moldurado pelas tranças louras de seus cabelos, tinha a expressão suave da inocencia feliz.

O fidalgo, contemplando sua filha, sentiu uma

dôr punjente e quazi arrependeu-se de não ter aceitado o oferecimento de Pery, e de não tentar ao menos esse ultimo esforço para defender aquella vida que apenas começava a expandir-se.

Mas podia elle mentir ao seu passado e faltar ao dever imperiozo que o obrigava a morrer no seu posto? Podia traír na sua ultima hora aquelles que haviam partilhado a sua sorte?

Tal era o sentimento de honra naquelles antigos cavalheiros, que D. Antonio nem um momento admitiu a idéa de fujir para salvar sua filha; se houvesse outro meio, de certo o receberia como um favor do céu; mas aquelle era impossivel.

Emquanto o espirito do fidalgo se debatia nessa luta cruel, Pery, de pé junto de Cecilia, parecia querer ainda proteje-la contra a morte inevitavel que a ameaçava. Dir-se-ía que o indio esperava algum socorro imprevisto, algum milagre que salvasse sua senhora; e que aguardava o momento de fazer por ella tudo quanto fosse possivel ao homem.

D. Antonio, vendo a rezolução que se pintava no rosto do selvajem, tornou-se ainda mais pensativo; quando passado esse momento de reflexão, ergueu a cabeça, seus olhos brilhavam com um raio de esperança.

Atravessou o espaço que o separava de sua filha, e, tomando a mão de Pery, disse-lhe com uma voz profunda e solene:

— Se tu fosses cristão, Pery!...

O indio voltou-se extremamente admirado daquellas palavras.

— Porque?... perguntou elle.

— Porque?... disse lentamente o fidalgo. Porque se tu fosses cristão, eu te confiaria a salvação de minha Cecilia, estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, a minha irmã.

O rosto do selvajem iluminou-se; seu peito arquejou de felicidade; seus labios tremulos mal podiam articular o turbilhão de palavras que lhe vinham do intimo d'alma.

— Pery quer ser cristão! exclamou elle.

D. Antonio lançou-lhe um olhar humido de reconhecimento.

— A nossa relijião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o tumulo. Ajoelha, Pery!

O indio caíu aos pés do velho cavalheiro, que impoz-lhe as mãos sobre a cabeça.

— Sê cristão! Dou-te o meu nome.

Pery beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe aprezentou, e ergueu-se altivo e sobranceiro, pronto a afrontar todos os perigos para salvar sua senhora.

— Escuzo exijir de ti a promessa de respeitares e defenderes minha filha. Conheço a tua alma nobre, conheço o teu heroismo e a tua sublime dedicação por Cecilia. Mas quero que me faças outro juramento.

— Qual? Pery está pronto para tudo.

— Jura que, se não puderes salvar minha filha, ella não caírá nas mãos do inimigo?

— Pery te jura que elle levará a senhora a tua irmã; e que se o senhor do céu não deixar que Pery cumpra a sua promessa, nenhum inimigo tocará em tua filha; ainda que para isso seja precizo queimar uma floresta inteira.

— Bem; estou tranquilo. Ponho minha Cecilia sob tua guarda: e morro satisfeito. Pódes partir.

— Manda fechar todas as portas.

Os aventureiros obedeceram á ordem do fidalgo; todas as portas se fecharam; o indio empregava este meio para ganhar tempo.

Os gritos e bramidos dos selvajens, que continuavam com algumas interruções, foram-se aproximando da caza; conhecia-se que escalavam o rochedo nesse momento.

Alguns minutos se passaram n'uma anciedade cruel. D. Antonio de Mariz depozitou um ultimo beijo na fronte de sua filha; D. Lauriana apertou ao seio a cabeça adormecida da menina e envolveu-a n'uma manta de seda.

Pery, com o ouvido atento, o olhar fito na porta, esperava. Lijeiramente apoiado sobre o espaldar da cadeira ás vezes estremecia de impaciencia e batia com o pé sobre o pavimento da sala.

De repente, um grande clamor soou em torno da caza; as chamas lamberam com as suas linguas de fogo as frestas das portas e janelas: o

edificio tremeu desde os alicerces com o embate da tromba de selvajens que se lançava furioza no meio do incendio.

Pery, apenas ouviu o primeiro grito, reclinou sobre a cadeira e tomou Cecilia nos braços; quando o estrondo soou na porta larga do salão, o indio já tinha dezaparecido.

Apezar da escuridão profunda que reinava em todo o interior da caza, Pery não hezitou um momento; caminhou direito ao quarto onde habitára sua senhora e subiu á janela.

Uma das palmeiras da cabana estendia-se por cima do precipicio e apoiava-se a trinta palmos de distancia sobre um dos galhos da arvore que os Aymorés tinham abatido durante o dia para tirarem aos habitantes da caza a menor esperança de fuga.

Pery apertando Cecilia nos braços, firmou o pé sobre essa ponte frajil, cuja face convexa tinha quando muito algumas polegadas de largura.

Quem lançasse os olhos nesse momento para aquella banda da esplanada veria ao palido clarão do incendio deslizar-se lentamente por cima do precipicio o vulto hirto, como um dos fantasmas que, segundo a crença popular, atravessavam á meia noite as velhas ameias de algum castelo em ruinas.

A palmeira oscilava, e Pery, embalançando-se sobre o abismo, adiantava-se vagarosamente para a encosta oposta. Os gritos dos selvajens repercutiam nos ares de envolta com o estrepito dos

tacapes que abalavam as portas da sala e as paredes do edificio.

Sem se inquietar com a sena tumultuoza que deixava após si, o indio ganhou a encosta oposta, e segurando com uma mão nos galhos da arvore, conseguiu tocar a terra sem o menor acidente.

Então, fazendo uma volta para não aproximar-se do campo dos Aymorés, dirijiu-se á marjem do rio; aí estava escondida entre as folhas a pequena canôa que servia outr'ora para os habitantes da caza atravessarem o *Paquequer*.

Durante a auzencia de uma hora que Pery tinha feito, quando deixára Cecilia adormecida, elle havia tudo preparado para essa empreza arriscada que devia salvar sua senhora.

Graças á sua atividade espantoza, armou com o auxilio da corda a ponte pensil sobre o precipicio, correu ao rio, amarrou a canôa no lugar que lhe pareceu mais propicio, e em duas viajens levou a esse barquinho que ia servir de morada a Cecilia durante alguns dias, tudo quanto a menina podia carecer.

Eram roupas, uma colcha de damasco com que se poderia arranjar um leito, alguns alimentos que restavam na caza; lembrou-se até que D. Antonio devia ter necessidade de dinheiro logo que chegasse ao Rio de Janeiro, porque Pery contava que o fidalgo não duvidaria salvar sua filha.

Chegando á beira do rio, o indio deitou sua senhora no fundo da canôa, como uma menina

no seu berço, envolveu-a na manta de seda para abriga-la do orvalho da noite, e tomando o remo, fez a canôa saltar como um peixe sobre as aguas.

A algumas braças de distancia, por entre uma aberta da floresta, Pery viu sobre o rochedo a caza iluminada pelas chamas do incendio, que começava a lavrar com alguma intensidade.

De repente uma sena fantastica, terrivel, passou, diante dos seus olhos, como uma dessas vizões rapidas que brilham e se apagam de repente no delirio da imajinação.

A frente da caza estava ás escuras; o fogo ganhára as outras faces do edificio e o vento o lançava para o fundo. Pery do primeiro olhar tinha visto os vultos dos Aymorés a se moverem nas sombras; e a figura horrivel e medonha de Loredano, erguendo-se como um espetro no meio das chamas que o devoravam.

De repente a fachada do edificio tombou sobre a esplanada esmagando na sua queda um grande numero de selvajens.

Foi então que o quadro fantastico se dezenhou aos olhos de Pery.

A sala era um mar de fogo; os vultos que se moviam nessa esfera luminoza pareciam nadar em vagas de chamas.

No fundo destacava-se o vulto majestozo de D. Antonio de Mariz, de pé no meio do gabinete, elevando com a mão esquerda uma imajem de Cristo e com a direita abaixando a pistola para a cava escura onde dormia o volcão.

Sua mulher abraçava os seus joelhos calma e rezignada; Ayres Gomes e os poucos aventureiros que restavam, imoveis e ajoelhados a seus pés, formavam o baixo-relevo dessa estatua digna de um grande cinzel.

Sobre o montão de ruinas formado pela parede que desmoronára, dezenhavam-se as figuras sinistras dos selvajens, semelhantes a espiritos diabolicos dansando nas chamas infernaes.

Tudo isso, Pery viu de um só relance d'olhos; como um painel vivo iluminado um momento pelo clarão instantaneo do relampago.

Um estampido horrivel reboou por toda aquella solidão: a terra tremeu, as aguas do rio se encapelaram como batidas pelo tufão. As trevas envolveram o rochedo ha pouco esclarecido pelas chamas, e tudo entrou de novo no silencio profundo da noite.

Um soluço partiu do peito de Pery, talvez a unica testemunha dessa grande catastrofe.

Dominando a sua dôr, o indio vergou o seu remo, e a canôa voou pela face liza e polida do *Paquequer*.

XI

Epilogo

Quando o sol, erguendo-se no horizonte, iluminou os campos, um montão de ruinas cobria as marjens do *Paquequer*.

Grandes lascas de rochedos, talhadas de um golpe e semeadas pelo campo, pareciam ter saltado do malho gigantesco de Novos Cyclopes.

A eminencia sobre a qual estava situada a caza tinha dezaparecido, e no seu lugar via-se apenas uma larga fenda semelhante á cratera de algum volcão subterraneo.

As arvores arrancadas dos seus alveolos, a terra revolta, a cinza enegrecida que cobria a floresta, anunciavam que por aí tinha passado algum desses cataclismos que deixam após si a morte e a destruição.

Aqui e ali por entre os comoros das ruinas aparecia alguma india, resto da tribu dos Aymorés, que tinha ficado para chorar a morte dos seus, e levar ás outras tribus a noticia dessa tremenda vingança.

Quem plainasse nesse momento sobre aquella solidão, e lançasse os olhos pelos vastos hori-

zontes que se abriam em torno, se a vista pudesse devassar a distancia de muitas leguas, veria ao lonje, na larga esteira do Parahyba, passar rapidamente uma fórma vaga e indeciza.

Era a canôa de Pery, que impelida pelo remo e pela viração da manhã corria com uma velocicidade espantoza semelhando uma sombra a fujir das primeiras claridades do dia.

Toda a noite o indio tinha remado sem descansar um momento; não ignorava que D. Antonio de Mariz na sua terrivel vingança havia exterminado a tribu dos Aymorés, mas dezejava apartar-se do teatro da catastrofe, e aproximar-se dos seus campos nativos.

Não era o sentimento da patria, sempre tão poderozo no coração do homem; não era o dezejo de ver sua cabana reclinada á beira do rio, e abraçar sua mãi e seus irmãos, que dominava sua alma nesse momento e lhe dava esse ardor.

Era sim a idéa de que ia salvar sua senhora e cumprir o juramento que tinha feito ao velho fidalgo; era o sentimento de orgulho que se apoderava delle, pensando que bastava a sua corajem e a sua força para vencer todos os obstaculos, e realizar a missão de que se havia encarregado.

Quando o sol, no meio de sua carreira, lançava torrentes de luz sobre esse vasto dezerto, Pery sentiu que era tempo de abrigar Cecilia dos raios abrazadores, e fez a canôa abicar á

beira do rio, na sombra de uma ramajem de arvores.

A menina envolta na sua manta de sêda com a cabeça apoiada sobre a prôa do barquinho dormia ainda o mesmo sono tranquilo da vespera; as côres tinham voltado, e sob a alvura transparente de sua pele brilhavam esses tons côr de roza, esse colorido suave, que só a natureza, artista sublime, sabe crear.

Pery tomou a canôa nos seus braços, como se fôra um berço mimozo, e deitou-a sobre a relva que cobria a marjem do rio; depois sentou-se ao lado, e com os olhos fitos em Cecilia, esperou que ella saísse desse sono prolongado que começava a inquieta-lo.

Tremia lembrando-se da dôr que sua senhora ia sentir quando soubesse a desgraça de que elle fôra testemunha na vespera; e não se achava com forças de responder ao primeiro olhar de sorpreza que a menina lançaria em torno de si logo que despertasse no meio do dezerto.

Emquanto durou o sono, Pery, com o braço apoiado á borda da canôa e o corpo reclinado sobre o rosto da menina, esperando com anciedade o momento que elle dezejava e temia ao mesmo tempo, velava sobre Cecilia com um cuidado e uma solicitude admiravel.

A mãi mais extremoza não se desvelaria tanto por seu filho, como esse amigo dedicado por sua senhora; uma restea de sol que, enfiando-se pelas folhas, vinha brincar no rosto da menina, um

passarinho que cantava sobre um ramo do arbusto, um inseto que saltava na relva, tudo elle afastava para não perturbar o seu repouzo.

Cada minuto que passava era uma nova inquietação para elle; porém era tambem um instante mais de socego e de tranquilidade que a menina gozava, antes de saber a desgraça que pezava sobre ella, e que a privára de sua familia.

Um longo suspiro elevou o seio de Cecilia; seus lindos olhos azuis abriram-se e cerraram-se, deslumbrados pela claridade do dia; ella passou a mão delicada pelas palpebras rozadas, como para afujentar o sono, e seu olhar limpido e suave foi pouzar no rosto de Pery. Soltou um gritozinho de prazer, e sentando-se com vivacidade, lançou um olhar de sorpreza e admiração em torno da especie de pavilhão de folhajem que a cercava; parecia interrogar as arvores, o rio, o céu; mas tudo emudecia.

Pery não se animava a pronunciar uma palavra, via o que se passava n'alma de sua senhora, e não tinha a corajem de dizer a primeira letra do enigma que ella não tardaria a compreender.

Por fim, a menina, baixando a vista para ver onde estava, descobriu a canôa, e lançando um volver rapido para o vasto leito do Parahyba que se espreguiçava indolentemente pela floresta, ficou branca como a cambraia do seu roupão.

Voltou-se para o indio com os olhos extrema-

beira do rio, na sombra de uma ramajem de arvores.

A menina envolta na sua manta de seda com a cabeça apoiada sobre a prôa do barquinho dormia ainda o mesmo sono tranquilo da vespera; as côres tinham voltado, e sob a alvura transparente de sua pele brilhavam esses tons côr de roza, esse colorido suave, que só a natureza, artista sublime, sabe crear.

Pery tomou a canôa nos seus braços, como se fôra um berço mimozo, e deitou-a sobre a relva que cobria a marjem do rio; depois sentou-se ao lado, e com os olhos fitos em Cecilia, esperou que ella saísse desse sono prolongado que começava a inquieta-lo.

Tremia lembrando-se da dôr que sua senhora ia sentir quando soubesse a desgraça de que elle fôra testemunha na vespera; e não se achava com forças de responder ao primeiro olhar de sorpreza que a menina lançaria em torno de si logo que despertasse no meio do dezerto.

Emquanto durou o sono, Pery, com o braço apoiado á borda da canôa e o corpo reclinado sobre o rosto da menina, esperando com anciedade o momento que elle dezejava e temia ao mesmo tempo, velava sobre Cecilia com um cuidado e uma solicitude admiravel.

A mãi mais extremoza não se desvelaria tanto por seu filho, como esse amigo dedicado por sua senhora; uma restea de sol que, enfiando-se pelas folhas, vinha brincar no rosto da menina, um

passarinho que cantava sobre um ramo do arbusto, um inseto que saltava na relva, tudo elle afastava para não perturbar o seu repouzo.

Cada minuto que passava era uma nova inquietação para elle; porém era tambem um instante mais de socego e de tranquilidade que a menina gozava, antes de saber a desgraça que pezava sobre ella, e que a privára de sua familia.

Um longo suspiro elevou o seio de Cecilia; seus lindos olhos azuis abriram-se e cerraram-se, deslumbrados pela claridade do dia; ella passou a mão delicada pelas palpebras rozadas, como para afujentar o sono, e seu olhar limpido e suave foi pouzar no rosto de Pery. Soltou um gritozinho de prazer, e sentando-se com vivacidade, lançou um olhar de sorpreza e admiração em torno da especie de pavilhão de folhajem que a cercava; parecia interrogar as arvores, o rio, o céu; mas tudo emudecia.

Pery não se animava a pronunciar uma palavra, via o que se passava n'alma de sua senhora, e não tinha a corajem de dizer a primeira letra do enigma que ella não tardaria a compreender.

Por fim, a menina, baixando a vista para ver onde estava, descobriu a canôa, e lançando um volver rapido para o vasto leito do Parahyba que se espreguiçava indolentemente pela floresta, ficou branca como a cambraia do seu roupão.

Voltou-se para o indio com os olhos extrema-

mente dilatados, os labios tremulos, a respiração preza, o seio ofegante, e suplicando com as mãozinhas juntas:

—Meu pai!... meu pai!... exclamou soluçando.

O selvajem deixou caír a cabeça sobre o peito e escondeu o rosto nas mãos.

—Morto!... Minha mãi tambem morta!... Todos mortos!...

Vencida pela dôr, a menina apertou convulsamente o seio que lhe estalava com os soluços, e reclinando-se como o calice delicado de uma flor que a noite enchera de orvalho, desfez-se em lagrimas.

—Pery só podia salvar a ti, senhora! murmurou o indio tristemente.

Cecilia ergueu a cabeça altiva.

—Porque não me deixaste morrer com os meus?... exclamou ella n'uma exaltação febril. Pedi-te eu que me salvasses? Precizava de teus serviços?...

Seu rosto tomou uma expressão de enerjia extraordinaria.

—Tu vais me levar ao lugar onde descansa o corpo de meu pai. É aí que deve estar sua filha... Depois partirás!... Não careço de ti.

Pery estremeceu.

—Escuta, senhora... balbuciou elle em tom submisso.

A menina lançou-lhe um olhar tão imperiozo, tão soberano, que o indio emudeceu, e voltando

o rosto escondeu as lagrimas que lhe molhavam as faces.

Cecilia caminhou até a beira do rio, e com os olhos estendidos pelo horizonte, que ella supunha ocultar o lugar em que habitára, ajoelhou e fez uma oração longa e ardente.

Quando ergueu-se, estava mais calma: a dôr tinha-se repassado do consolo sublime da relijião, dessa doçura e suavidade que infiltra no coração a esperança de uma vida celeste, que reune aquelles que se amaram na terra.

Ella pôde então refletir sobre o que se tinha passado na vespera; e procurou lembrar-se das circumstancias que haviam precedido a morte de sua familia. Todas as suas recordações, porém, chegavam unicamente até o momento em que, já meia adormecida, falava a Pery, e dizia essa palavra injenua e inocente que lhe escapára do intimo d'alma.

— Antes morrer como Izabel!

Lembrando-se dessa palavra, córou; e vendo-se só no dezerto com Pery, sentiu uma inquietação vaga e indefinida, um sentimento de temor e de receio, cuja cauza não sabia explicar.

Seria essa desconfiança subita proveniente da colera que ella sentíra, porque o indio salvára a sua vida, e a arrancára da desgraça que tinha destruido toda a sua familia?

Não; não era essa a cauza: ao contrario Cecilia conhecia que fôra injusta para com seu amigo que tinha talvez feito impossiveis por ella;

e a não ser o receio instintivo que se apoderára involuntariamente de sua alma, já o teria chamado para pedir-lhe perdão daquellas palavras duras e crueis.

A menina ergueu os olhos timidos, e encontrou o olhar triste e suplice de Pery: não pôde rezistir; esqueceu os seus receios, e um tenue sorrizo fujiu-lhe pelos labios.

— Pery!...

O indio estremeceu, mas desta vez de alegria e contentamento: veiu caír aos pés de sua senhora, que elle encontrava de novo boa como sempre tinha sido.

— Perdôa a Pery, senhora!

— És tu que me deves perdoar, porque te fiz sofrer; não é verdade? Mas bem sabes!... Não podia abandonar meu pobre pai!

— Foi elle que mandou a Pery que te salvasse! disse o indio.

— Como?... exclamou a menina. Conta-me, meu amigo.

O indio fez a narração da sena da noite antecedente desde que Cecilia tinha adormecido até o momento em que a caza saltára com a explozão, restando della apenas um montão de ruinas.

Contou que elle tinha preparado tudo para que D. Antonio de Mariz fujisse, salvando Cecilia; mas que o fidalgo recuzára, dizendo que a sua lealdade e a sua honra mandavam que morresse no seu posto.

— Meu nobre pai! murmurou a menina enxugando as lagrimas.

Houve um instante de silencio, depois do qual Pery concluiu a sua narração, e referiu como D. Antonio de Mariz o tinha batizado, e lhe havia confiado a salvação de sua filha.

— Tu és cristão, Pery?... exclamou a menina, cujos olhos brilharam com uma alegria inefavel.

— Sim; teu pai disse: «Pery; tu és cristão; dou-te o meu nome!»

— Obrigada, meu Deus, disse a menina juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu.

Depois, envergonhada desse movimento espontaneo, escondeu o rosto: o rubor que cobriu as suas faces tinjiu de lonjes côr de roza as linhas puras do collo assetinado.

Pery ergueu-se e foi colher alguns frutos delicados que serviram de refeição á sua senhora.

O sol tinha quebrado a sua força, era tempo de continuar a viajem e aproveitar a frescura da tarde para vencer a distancia que os separava do campo dos Goytacazes.

O indio chegou-se tremulo para a menina:

— Que queres tu que Pery faça, senhora?

— Não sei; respondeu Cecilia indeciza.

— Não queres que Pery te leve á taba dos brancos?

— É a vontade de meu pai?... Deves cumpri-la.

— Pery prometeu a D. Antonio levar-te a sua irmã.

O indio fez a canôa boiar sobre as aguas do rio, e quando tomou a menina nos seus braços para deita-la no barquinho, ella sentiu pela primeira vez na sua vida que o coração de Pery palpitava sobre o seu seio.

A tarde estava soberba; os raios do sol no ocazo, filtrando por entre as folhas das arvores, douravam as flores alvas que cresciam pela beira do rio.

As rolas começavam a soltar os seus arrulhos no fundo da floresta; e a briza, que passava ainda tepida das exalações da terra, vinha impregnada de aromas silvestres.

A canôa resvalou pela flor d'agua, como uma garça lijeira levada pela correnteza do rio.

Pery remava sentado na prôa.

Cecilia, deitada no fundo, meio apoiada sobre uma alcatifa de folhas que Pery tinha arranjado, engolfava-se nos seus pensamentos, e aspirava as emanações suaves e perfumadas das plantas, e a frescura do ar e das aguas.

Quando seus olhos encontravam os de Pery, os longos cilios desciam ocultando um momento o seu olhar doce e triste.

A noite estava serena.

A canôa, vogando sobre as aguas do rio, abria essas flores de espuma, que brilham um momento á luz das estrelas, e se desfazem como o sorrizo da mulher.

A briza tinha escasseado; e a natureza adormecida respirava a calma tepida e perfumada das noites americanas, tão cheias de enlevo e encanto.

A viajem fôra silencioza; essas duas creaturas abandonadas no meio do dezerto, sós em face da natureza, emudeciam, como se temessem despertar o éco profundo da solidão.

Cecilia repassava na memoria toda a sua vida inocente e tranquila, cujo fio dourado tinha-se rompido de uma maneira tão cruel; mas era sobretudo o ultimo ano dessa existencia, desde o dia do aparecimento imprevisto de Pery, que se dezenhava na sua imajinação.

Porque interrogava ella assim os dias que tinha vivido no remanso da felicidade? Porque o

seu espirito voltava ao passado, e procurava ligar todos esses fatos a que na descuidoza ingenuidade dos primeiros anos dera tão pouco apreço?

Ella mesma não saberia explicar as emoções que sentia; sua alma inocente e ignorante tinha-se iluminado com uma subita revelação; novos horizontes se abriam aos sonhos castos de seu pensamento.

Volvendo ao passado admirava-se de sua existencia, como os olhos se deslumbram com a claridade depois de um sono profundo; não se reconhecia na imajem do que fôra outr'ora, na menina izenta e travessa.

Toda a sua vida estava mudada; a desgraça tinha operado essa revolução repentina, e um outro sentimento ainda confuzo ia talvez completar a transformação misterioza da mulher.

Em torno della tudo se resentia dessa mudança, as côres tinham tons harmoniozos, o ar perfumes inebriantes, a luz reflexos aveludados, que seus sentidos não conheciam.

Uma flor que antes era para ella apenas uma bela fórma, parecia-lhe agora uma creatura que sentia e palpitava; a briza que outr'ora passava como um simples bafejo das auras, murmurava ao seu ouvido nesse momento melodias inefaveis, notas misticas que resoavam no seu coração.

Pery, julgando sua senhora adormecida, remava docemente para não perturbar o seu repouzo; a fadiga começava a vence-lo; apezar de

sua corajem indomavel e de sua vontade poderoza, as forças estavam exaustas.

Apenas vencedor da luta terrivel que travára com o veneno, tinha começado a empreza quazi impossivel da salvação de sua senhora; havia trez dias que seus olhos não se cerravam, que seu espirito não repouzava um instante.

Tudo quanto a natureza permitia á intelijencia e ao poder do homem, elle tinha feito; e comtudo não era a fadiga do corpo que o vencia, eram sim as emoções violentas por que passára durante esse tempo.

O que elle tinha sentido quando plainava sobre o abismo, e que a vida de sua senhora dependia de um passo falso, de uma oscilação da haste frajil que lhe servia de ponte pensil, ninguem compreenderia.

O que sofreu quando Cecilia no seu dezespero pela morte de seu pai o acuzava por te-la salvado, e lhe dava ordem de leva-la ao lugar onde repouzavam as cinzas do velho fidalgo, é impossivel descrever.

Foram horas de martirio, de sofrimento horrivel, em que sua alma sucumbiria, se não achasse na sua vontade inflexivel e na sua dedicação sublime um conforto para a dôr, e um estimulo para triunfar de todos os obstaculos.

Eram essas emoções que o venciam, e ainda depois de vencidas, elle conheceu que seus musculos de aço, escravos submissos que obedeciam ao seu menor dezejo, se destendiam

como a corda do arco depois do combate. Lembrou-se que sua senhora precizava delle e que devia aproveitar esses momentos em que ella repouzava para pedir ao sono novo vigor e novas forças.

Ganhou o meio do rio, e escolhendo um lugar onde não chegava nem um galho das arvores que cresciam nas ribanceiras, amarrou a canôa nos nenufares que boiavam á tona d'agua.

Tudo estava quieto; a terra ficava a uma distancia de muitas braças; portanto podia sua senhora dormir sem perigo sobre esse chão prateado, debaixo da abobada azul do céu; as ondinhas a embalariam no seu berço, as estrelas vijiariam o seu sono.

Livre de inquietação, Pery encostou a cabeça na borda da canôa; um momento depois suas palpebras entorpecidas cerraram-se a pouco e pouco; seu ultimo olhar, esse olhar vago e incerto que adeja na pupila já meio adormecida, viu dezenhar-se na sombra uma fórma alva e gracioza que se reclinava docemente para elle.

Não era um sonho, essa linda vizão. Cecilia sentindo a canôa imovel despertou das suas recordações; sentou-se e debruçando-se um pouco viu que seu amigo dormia, e acuzou-se por não ter ha mais tempo exijido delle esse instante de repouzo.

O primeiro sentimento que se apoderou da menina, vendo-se só, foi o terror solene e res-

peitozo que infunde a solidão no meio do dezerto, nas horas mortas da noite.

O silencio parece falar; as sombras se povoam de seres inviziveis; os objetos, na sua imobilidade, como que oscilam pelo espaço.

E' ao mesmo tempo o nada com o seu vacuo profundo, imenso, infinito; e o caus com a sua confuzão, as suas trevas, as suas fórmas increadas; a alma sente que falta-lhe a vida ou a luz em torno.

Cecilia recebeu essa impressão com um temor relijiozo; mas não se deixou dominar pelo susto; a desgraça a habituára ao perigo; e a confiança que tinha no seu companheiro era tanta, que mesmo dormindo parecia-lhe que Pery velava sobre ella.

Contemplando essa cabeça adormecida, a menina admirou-se da beleza inculta dos traços, da correção das linhas do perfil altivo, da expressão de força e intelijencia que animava aquelle busto selvajem moldado pela natureza.

Como era que até então ella não tinha percebido naquelle aspeto senão um rosto amigo? Como seus olhos tinham passado sem ver sobre essas feições talhadas com tanta enerjia?

Era que a revelação fizica que acabava de iluminar o seu olhar, não era senão o rezultado dessa outra revelação moral que esclarecera o seu espirito; d'antes via com os olhos do corpo, agora via com os olhos da alma.

Pery, que durante um ano não fôra para ella

senão um amigo dedicado, aparecia-lhe de repente como um herói; no seio de sua familia estimava-o, no meio dessa solidão admirava-o.

Como os quadros dos grandes pintores que precizam de luz, de um fundo brilhante, e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvajem precizava do dezerto para revelar-se em todo o esplendor de sua beleza primitiva.

No meio de homens civilizados, era um indio ignorante, nascido de uma raça barbara, a quem a civilização repelia, e marcava o lugar de cativo. Embora para Cecilia e D. Antonio fosse um amigo, era apenas um amigo escravo.

Aqui, porém, todas as distinções dezapareciam; o filho das matas, voltando ao seio de sua mãi, recobrava a liberdade; era o rei do dezerto, o senhor das florestas, dominando pelo direito da força e da corajem.

As altas montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as arvores seculares, serviam de trono, de docel, de manto e setro a esse monarca das selvas cercado de toda a majestade e de todo o esplendor da natureza.

Que efuzão de reconhecimento e de admiração não havia no olhar de Cecilia! Era nesse momento que ella compreendia toda a abnegação do culto santo e respeitozo que o indio lhe votava!

As horas correram silenciozamente nessa muda contemplação; a arajem fresca que anuncia

o despontar do dia bafejou o rosto da menina; e pouco depois o primeiro albor da manhã desmaiou o negrume do horizonte.

Sobre o relevo que formava o perfil escuro da floresta, nas sombras da noite, luziu limpida e brilhante a estrela d'alva; as aguas do rio arfaram docemente; e os leques das palmeiras se ajitaram rumorejando.

A menina lembrou-se do seu despertar tão placido de outr'ora, de suas manhãs tão descuidozas, de sua prece alegre e rizonha em que agradecia a Deus a ventura que vertia sobre ella e sua familia.

Uma lagrima pendeu nos cilios dourados, e caíu sobre a face de Pery; abrindo os olhos, e vendo ainda a mesma doce vizão que o adormecera, o indio julgou que o sonho continuava.

Cecilia sorriu-lhe; e passou a mãozinha pelas palpebras ainda meio cerradas de seu amigo:

— Dorme, disse ella, dorme; Cecy vela.

A muzica dessas palavras despertou completamente o selvajem.

— Não! balbuciou elle envergonhado de ter cedido á fadiga. Pery senté-se forte.

— Mas tu deves ter necessidade de repouzo! Ha tão pouco tempo que adormeceste!

— O dia vai raiar; Pery deve velar sobre sua senhora.

— E porque tua senhora não velará tambem sobre ti? Queres tomar tudo; e não me deixas nem mesmo a gratidão!

O indio lançou um olhar cheio de admiração á menina:

— Pery não entende o que tu dizes. A rolinha quando atravessa o campo e sente-se fatigada, descansa sobre a aza de seu companheiro que é mais forte; é elle que guarda o seu ninho emquanto ella dorme, que vai buscar o alimento, que a defende e que a proteje. Tu és como a rolinha, senhora.

Cecilia córou da comparação injenua de seu amigo.

— E tu? perguntou ella confuza e tremula de emoção.

— Pery... é teu escravo, respondeu o indio naturalmente.

A menina abanou a cabeça com uma inflexão gracioza:

— A rolinha não tem escravo.

Os olhos de Pery brilharam, uma exclamação partiu de seus labios:

— Teu...

Cecilia com o seio palpitante, as faces vermelhas, os olhos humidos, levou a mãozinha aos labios de Pery, e reteve a palavra que ella mesma na sua inocente faceirice tinha provocado.

— Tu és meu irmão! disse ella com um sorrizo divino.

Pery olhou o céu, como para faze-lo confidente de sua felicidade.

A claridade da alvorada estendia-se sobre a

floresta e os campos como um véu finissimo; a estrela da manhã sintilava em todo o seu fulgor.

Cecilia ajoelhou-se.

— Salve, rainha!...

O indio contemplava-a com uma expressão de ventura inefavel.

— Tu és cristão, Pery! disse ella lançando-lhe um olhar suplicante.

Seu amigo compreendeu-a, e ajoelhando, juntou as mãos como ella.

— Tu repetirás todas as minhas palavras; é faze por não esquece-las. Sim?

— Ellas vêm de teus labios, senhora.

— Senhora, não! irmã!

Daí a pouco os murmurios das aguas confundiam-se com os acentos maviozos da voz de Cecilia que recitava o hino cristão repassado de tanta unção e poezia.

A palavra de Pery repetia como um éco a fraze sagrada.

Terminada a prece cristã, talvez a primeira que tinham ouvido aquellas arvores seculares, a viajem continuou.

Logo que o sol chegou ao zenit, Pery procurou como na vespera um abrigo para passar as horas de calma.

A canôa pojou n'um pequeno seio do rio, Cecilia saltou em terra; e seu companheiro escolheu uma sombra onde ella repouzasse.

— Espera aqui; Pery já volta.

— Onde vais? perguntou a menina inquieta.

— Ver frutos para ti.

— Não tenho fome.

— Tu os guardarás.

— Pois bem; eu te acompanho.

— Não; Pery não consente.

— E porque? Não me queres junto de ti?

— Olha tuas roupas; olha teus pés, senhora; os espinhos do cardo te ofenderiam.

Com efeito Cecilia estava vestida com um lijeiro roupão de cambraia; e seu pézinho que

descansava sobre a relva, calçava um borzeguim de seda.

— Então me deixas só? disse a menina entristecendo.

O indio ficou um momento indecizo; mas de repente sua fizionomia expandiu-se.

Cortou a haste de um iris que se balançava ao sopro da arajem, e aprezentou a flor á menina.

— Escuta, disse elle. Os velhos da tribu ouviram de seus pais, que a alma do homem quando sai do corpo, se esconde n'uma flor, e fica ali até que a *ave do céu* vem busca-la e leva-la bem lonje. É por isso que tu vês o *guanumby,* saltando de flor em flor, beijando uma, beijando outra; e depois batendo as azas e fujindo.

Cecilia, habituada á linguajem poetica do selvajem, esperava a ultima palavra que devia fazê-la compreender o seu pensamento.

O indio continuou:

— Pery não leva a sua alma no corpo, deixa-a nesta flor. Tu não ficas só.

A menina sorriu, e tomando a flor escondeu-a no seio.

— Ella me acompanhará. Vai, meu irmão, e volta logo.

— Pery não se afastará; se tu o chamares, elle ouvirá.

— E me responderás, sim?... para que eu te sinta perto de mim...

O indio, antes de partir, circulou a alguma

Terminada a prece cristã, talvez a primeira que tinham ouvido aquellas arvores seculares, a viajem continuou.

Logo que o sol chegou ao zenit, Pery procurou como na vespera um abrigo para passar as horas de calma.

A canôa pojou n'um pequeno seio do rio, Cecilia saltou em terra; e seu companheiro escolheu uma sombra onde ella repouzasse.

— Espera aqui; Pery já volta.

— Onde vais? perguntou a menina inquieta.

— Ver frutos para ti.

— Não tenho fome.

— Tu os guardarás.

— Pois bem; eu te acompanho.

— Não; Pery não consente.

— E porque? Não me queres junto de ti?

— Olha tuas roupas; olha teus pés, senhora; os espinhos do cardo te ofenderiam.

Com efeito Cecilia estava vestida com um lijeiro roupão de cambraia; e seu pézinho que

descansava sobre a relva, calçava um borzeguim de seda.

— Então me deixas só? disse a menina entristecendo.

O indio ficou um momento indecizo; mas de repente sua fizionomia expandiu-se.

Cortou a haste de um iris que se balançava ao sopro da arajem, e aprezentou a flor á menina.

— Escuta, disse elle. Os velhos da tribu ouviram de seus pais, que a alma do homem quando sai do corpo, se esconde n'uma flor, e fica ali até que a *ave do céu* vem busca-la e leva-la bem lonje. É por isso que tu vês o *guanumby,* saltando de flor em flor, beijando uma, beijando outra; e depois batendo as azas e fujindo.

Cecilia, habituada á linguajem poetica do selvajem, esperava a ultima palavra que devia fazê-la compreender o seu pensamento.

O indio continuou:

— Pery não leva a sua alma no corpo, deixa-a nesta flor. Tu não ficas só.

A menina sorriu, e tomando a flor escondeu-a no seio.

— Ella me acompanhará. Vai, meu irmão, e volta logo.

— Pery não se afastará; se tu o chamares, elle ouvirá.

— E me responderás, sim?... para que eu te sinta perto de mim...

O indio, antes de partir, circulou a alguma

distancia o lugar onde se achava Cecilia de uma corda de pequenas fogueiras feitas de louro, de canela, uratahy e outras arvores aromaticas.

Desta maneira tornava aquelle retiro impenetravel: o rio de um lado, e do outro as chamas que afujentariam os animais daninhos, e sobretudo os retis, o fumo odorifero que se escapava das fogueiras afastaria até mesmo os insetos. Pery não sofreria que uma vespa e uma mosca sequer ofendesse a cutis de sua senhora, e sugasse uma gota desse sangue preciozo; por isso tomára todas essas precauções.

Cecilia devia pois ficar tranquila como se estivesse em um palacio; e de fato era um palacio de rainha no dezerto esse sombrio cheio de frescura a que a relva servia de alcatifa, as folhas de docel, as grinaldas em flores de cortinas, os sabiás de orquestra, as aguas de espelho, e os raios do sol de arabescos dourados.

A menina viu de lonje o desvelo com que seu amigo tratava de sua segurança, e acompanhou-o com o olhar até o momento em que elle dezapareceu no mais espesso da mata.

Foi então que ella sentiu a soledade estender-se em torno e envolve-la; insensivelmente levou a mão ao seio e tirou a flor que Pery lhe tinha dado.

Apezar de sua fé cristã, não pôde vencer essa inocente superstição do coração: pareceu-lhe, olhando o iris, que ja não estava só e que a alma de Pery a acompanhava.

Qual é o seio de dezaseis anos que não abriga uma dessas iluzões encantadoras, nascidas com o fogo dos primeiros raios do amor? Qual é a menina que não consulta o oraculo de um malmequer, e não vê n'uma borboleta negra a sibila fatidica que lhe anuncia a perda da mais bela esperança?

Como a humanidade na infancia, o coração nos primeiros anos tem tambem a sua mitologia; mitologia mais gracioza e mais poetica do que as creações da Grecia; o amor é o seu Olympo povoado de deuzas ou deuzes de uma beleza celeste e imortal.

Cecilia amava; a gentil e inocente menina procurava iludir-se a si mesma, atribuindo o sentimento que enchia sua alma a uma affeição fraternal, e ocultando, sob o doce nome de irmão, um outro mais doce que titilava nos seus labios, mas que seus labios não ousavam pronunciar.

Mesmo só, de vez em quando um pensamento que passava no seu espirito, incendia-lhe as faces de rubor, fazia palpitar-lhe o seio e pender molemente a cabeça, como a haste da planta delicada quando o calor do sol fecunda a florescencia.

Em que pensava ella, com os olhos fitos no iris, que o seu halito bafejava, com as palpebras meio cerradas e o corpo reclinado sobre os joelhos?

Pensava no passado que não voltaria; no prezente que devia escoar-se rapidamente; e no fu-

turo que lhe aparecia vago, incerto e confuzo.

Pensava que de todo o seu mundo só lhe restava um irmão de sangue, cujo destino ignorava, e um irmão d'alma, em que tinha concentrado todas as afeições que perdera.

Um sentimento de tristeza profunda anuviava seu semblante, lembrando-se de seu pai, de sua mãi, de Izabel, de Alvaro, de todos que amava e que formavam o universo para ella; então o que a consolava era a esperança de que os dois unicos corações que lhe restavam não a abandonariam nunca.

E isto a fazia feliz; não dezejava mais nada; não pedia a Deus mais ventura do que a que sentiria vivendo junto de seus amigos e enchendo o futuro com as recordações do passado.

A sombra das arvores já beijava as aguas do rio, e Pery ainda não tinha voltado; Cecilia assustou-se, e, temendo que não lhe tivesse sucedido alguma couza, chamou por elle.

O indio respondeu de lonje, e pouco depois apareceu entre as arvores; o seu tempo não tinha sido inutilmente empregado, a julgar pelos objetos que trazia.

— Como tardaste!... disse-lhe Cecilia erguendo-se e indo ao seu encontro.

— Tu estavas socegada; Pery aproveitou para não te deixar amanhã.

— Amanhã só?

— Sim, porque depois chegaremos.

— Aonde? perguntou a menina com vivacidade.

— Aos campos dos Goytacazes, á cabana de Pery, onde tu mandarás a todos os guerreiros da tribu.

— E depois, como iremos ao Rio de Janeiro?

— Não te inquietes; os Goytacazes têm *igaras* grandes como aquella arvore que toca as nuvens; quando elles atiram o remo, ellas voam sobre as aguas como a *atyaty* de azas brancas. Antes que a lua, que vai nascer, tenha dezaparecido, Pery te deixará com a irmã de teu pai.

— Deixará!... exclamou a menina, empalidecendo. Tu queres me abandonar?

— Pery é um selvajem, disse o indio tristemente; não póde viver na taba dos brancos.

— Porque? perguntou a menina com anciedade. Não és tu cristão como Cecy?

— Sim; porque era precizo ser cristão para te salvar; mas Pery morrerá selvajem como Ararê.

— Oh! não, disse a menina, eu te ensinarei a conhecer Deus, Nossa Senhora, as suas virjens e os seus anjinhos. Tu viverás comigo e não me deixarás nunca!

— Vê, senhora: a flor que Pery te deu já murchou porque saíu de sua planta; e a flor estava no teu seio. Pery na taba dos brancos, ainda mesmo junto de ti, será como esta flor; tu terás vergonha de olhar para elle.

— Pery!... exclamou a menina ofendida.

— Tu és boa; mas todas as que têm a tua côr não têm o teu coração. Lá, o selvajem seria um escravo dos escravos; e quem nasceu o primeiro póde ser teu escravo; mas é senhor dos campos, e manda aos mais fortes.

Cecilia, admirando o reflexo de nobre orgulho que brilhava na fronte do indio, sentiu que não podia combater a sua rezolução ditada por um sentimento elevado. Reconheceu que havia no fundo de suas palavras uma grande verdade, que o seu instinto adivinhava; ella tinha a prova na revolução que se operára no seu espirito, vendo Pery no meio do dezerto, livre, grande, majestozo como um rei.

Qual não seria pois a consequencia dessa outra tranzição, muito mais brusca? N'uma cidade, no meio da civilização, o que seria um selvajem, senão um cativo, tratado por todos com desprezo?

No intimo de sua alma quazi que aprovava a rezolução de Pery; mas não podia afazer-se á idéa de perder seu amigo, seu companheiro, a unica afeição que talvez ainda lhe restava no mundo.

Durante esse tempo, o indio preparava a simples refeição que lhes oferecia a natureza. Deitou sobre uma folha larga os frutos que tinha colhido: eram os aracás, os jambos corados, os ingás de polpa macia, os cocos de varias especies.

A outra folha continha favos de uma pequena

abelha, que fabricára a sua colmeia no tronco de uma cabuiba, de sorte que o mel puro e claro tinha perfumes deliciozos: dir-se-ía mel de flores.

O indio tornou concava uma palma larga e encheu-a com o suco do ananaz, cuja fragrancia é como a essencia do sabor: era o vinho que devia servir ao banquete frugal.

N'uma segunda palma tambem concava, apanhou a agua cristalina da corrente que murmurava a alguns passos; devia servir para Cecilia lavar as mãos depois da refeição.

Quando acabou esses preparativos que elle fazia com uma satisfação inexprimivel, Pery sentou-se junto da menina, e começou a trabalhar n'um arco de que precizava. O arco era sua arma favorita, e sem elle, embora possuisse a clavinha e as munições que por precaução deitára na canôa para servirem a D. Antonio de Mariz, não tinha tranquilidade de espirito e confiança plena na sua ajilidade.

Reparando, porém, que sua senhora não tocava nos alimentos, ergueu a cabeça e viu o rosto da menina banhado de lagrimas, que caíam em perolas sobre os frutos, e os rociavam como gotas de orvalho.

Não era precizo adivinhar, para conhecer a causa dessas lagrimas.

— Não chores, senhora, disse o indio aflito; Pery te falou o que sentia; manda, e Pery fará a tua vontade.

Cecilia olhou-o com uma expressão de melancolia que partia a alma.

— Queres que Pery fique comtigo? Elle ficará; todos serão seus inimigos; todos o tratarão mal; dezejará defender-te e não poderá; quererá servir-te e não o deixarão; mas Pery ficará.

— Não, respondeu Cecilia; não exijo de ti esse ultimo sacrificio. Deves viver onde nasceste, Pery.

— Mas tu vais ainda chorar!

— Vê, disse a menina enxugando as lagrimas; estou contente.

— Agora toma uma fruta.

— Sim; jantaremos juntos, como jantavas outr'ora no meio das matas com tua irmã.

— Pery nunca teve irmã.

— Mas tens agora, respondeu ella sorrindo.

E como uma filha das florestas, uma verdadeira americana, a gentil menina fez a sua refeição partilhando-a com seu companheiro, e acompanhando-a dos gestos inocentes e faceiros que só ella sabia ter.

Pery admirava-se da mudança brusca que se tinha operado em sua senhora, e no fundo do seu coração sentia um aperto, pensando que ella se consolára bem depressa com a lembrança da separação.

Mas elle não era egoista, e preferia a alegria de sua senhora a seu prazer; porque vivia antes da vida della do que da sua propria.

Depois da refeição, Pery voltou ao seu trabalho.

Cecilia, que desde o primeiro dia sentia-se abatida e languida, tinha recobrado um pouco de sua vivacidade e gentileza dos bons dias.

O rosto mimozo conservava ainda a sombra melancolica que lhe deixaram impressas as senas tristes de que fôra testemunha, e sobretudo a ultima desgraça que a tinha privado de seu pai e de sua mãi.

Mas essa mágoa tomava nas suas feições uma expressão anjelica, e tal mansuetude e suavidade que dava novo encanto á sua beleza ideal.

Deixando seu companheiro distraído com a sua obra, chegou á beira do rio e sentou-se junto de uma moita de uvaias, á qual estava amarrada a canôa.

Pery viu-a afastar-se, e, sempre seguindo-a com os olhos, continuou a preparar a vergontea que devia servir-lhe de arco, e as canas selvajens, ás quais o seu braço ia dar o vôo da ave altaneira.

A menina com a face apoiada na mão e os olhos postos na correnteza do rio, sismava; ás vezes as palpebras cerravam-se; os labios se ajitavam impercetivelmente; nesses momentos parecia que conversava com algum espirito invizivel.

Outras vezes, um doce sorrizo despontava nos seus labios e desfazia-se logo, como se o pensamento que viera pouzar ali voltasse a esconder-se no fundo do coração, donde se tinha escapado.

Por fim ergueu a fronte com o meneio de rainha, que ás vezes tomava a sua cabecinha loura, á qual só faltava o diadema; a fizionomia mostrou uma expressão de enerjia, que lembrava o carater de D. Antonio de Mariz.

Tinha tomado um rezolução; uma rezolução firme, inabalavel, que ia cumprir com a mesma força de vontade e corajem que herdára de seu pai, e dormia no fundo de sua alma, para só revelar-se nas ocaziões extremas.

Levantou os olhos ao céu, e pediu a Deus um perdão para uma falta, e ao mesmo tempo uma esperança para uma boa ação que ia praticar; sua oração foi breve, mas ardente e cheia de fervor.

Emquanto isso se passava, Pery, vendo que as sombras da terra já se deitavam sobre o leito do Parahyba, conheceu que era tempo de partir, e preparou-se para continuar a viajem.

No momento em que levantava-se, Cecilia

correu para elle, e colocou-se em face, de modo a lhe ocultar a vista do rio.

— Tu sabes? disse ella sorrindo; tenho uma couza a pedir-te.

Esta só palavra bastava para que Pery não visse mais nada senão os olhos e os labios de sua senhora, que iam dizer-lhe o que ella dezejava.

— Quero que apanhes muito algodão para mim e me tragas uma pele bonita. Sim?

— Para que? perguntou o indio admirado.

— Do algodão fiarei um vestido; da pele tu cobrirás os meus pés.

Pery, cada vez mais admirado, ouvia sua senhora sem compreende-la:

— Assim, disse a menina sorrindo, tu me deixarás acompanhar-te, os espinhos não me farão mal.

O espanto do indio tinha-o tornado imovel; mas de repente soltou um grito, e quiz precipitar-se para o rio.

A mãozinha de Cecilia apoiando-se no seu peito, reteve-o.

— Espera!

— Olha! respondeu o indio inquieto apontando o rio.

A canôa desprendida do tronco a que estava amarrada resvalava á discrição das aguas, e, girando sobre si, dezaparecia levada pela correnteza.

Cecilia depois de olhar se voltou sorrindo:

— Fui eu que soltei!

— Tu, senhora! Porque?

— Porque não precizamos mais della.

Fitando então no seu amigo os lindos olhos azuis, disse com o tom grave e lento que revela um pensamento profundamente refletido e uma rezolução inabalavel:

— Pery não póde viver junto de sua irmã na cidade dos brancos; sua irmã fica com elle no dezerto, no meio das florestas.

Era essa a idéa que ella ha pouco acariciava no seu espirito, e para a qual tinha invocado a graça divina.

Não foi sem algum esforço que ella conseguiu dominar os primeiros temores que a assaltaram, quando encarou em face essa existencia lonje da sociedade, na solidão, no izolamento.

Mas qual era o laço que a prendia ao mundo civilizado? Não era ella quazi uma filha desses campos, criada com o seu ar puro e livre, com as suas aguas cristalinas?

A cidade lhe aparecia apenas como uma recordação da primeira infancia, como um sonho do berço; deixára o Rio de Janeiro aos cinco anos, e nunca mais ali voltára.

O campo, esse tinha para ella outras recordações ainda vivas e palpitantes; a flor da sua mocidade tinha sido bafejada por essas auras; o botão dezatára aos raios desse sol esplendido.

Toda a sua vida, todos os seus belos dias,

todos os seus prazeres infantis viviam ali, falavam naquelles écos da solidão, naquelles murmurios confuzos, naquelle silencio mesmo.

Ella pertencia, pois, mais ao dezerto do que á cidade; era mais uma virjem brazileira do que uma menina corteză; seus habitos e seus gostos prendiam-se mais ás pompas sinjelas da natureza, do que ás festas e ás galas da arte e da civilização.

Decidiu ficar.

A unica felicidade que ainda podia gozar neste mundo, depois da perda de sua familia, era viver com os dois entes que a amavam; essa felicidade não era possivel; devia escolher entre um delles.

Aí o seu coração foi impelido pela força invencivel que o arrastava; mas depois, envergonhando-se de ter cedido tão depressa, procurou desculpar-se a si mesma.

Disse então que entre seus dois irmãos era justo que acompanhasse antes aquelle que só vivia para ella, que não tinha um pensamento, um cuidado, um dezejo que não fosse inspirado por ella.

D. Diogo era um fidalgo, herdeiro do nome de seu pai; tinha um futuro diante de si, tinha uma missão a cumprir no mundo; elle escolheria uma companheira para suavizar-lhe a existencia.

Pery tinha abandonado tudo por ella; seu passado, seu prezente, seu futuro, sua ambição, sua

vida, sua relijião mesmo; tudo era ella, e unicamente ella; não havia pois que hezitar.

Depois Cecilia tinha ainda um pensamento que lhe sorria: queria abrir ao seu amigo o céu que ella entrevia na sua fé cristã; queria dar-lhe um lugar perto della na mansão dos justos, aos pés do trono celeste do Creador.

É impossivel descrever o que se passou no espirito do selvajem ouvindo as palavras de Cecilia; sua intelijencia inculta, mas brilhante, capaz de elevar-se aos mais altos pensamentos, não podia compreender aquella idéa; duvidou do que escutava.

— Cecilia fica no dezerto!... balbuciou elle.

— Sim! respondeu a menina tomando-lhe as mãos; Cecilia fica comtigo e não te deixará. Tu és rei destas florestas, destes campos, destas montanhas; tua irmã te acompanhará!

— Sempre?...

— Sempre!... Viveremos juntos como hontem, como hoje, como amanhã. Tu cuidas?... Eu tambem sou filha desta terra; tambem me criei no seio desta natureza. Amo este belo paiz!...

— Mas, senhora, tu não vês que tuas mãos foram feitas para as flores e não para os espinhos; teus pés para brincar e não para andar; teu corpo para a sombra e não para o sol e a chuva?

— Oh! Eu sou forte! exclamou a menina erguendo a cabeça com altivez. Junto de ti não tenho medo. Quando eu estiver cansada, tu me

levarás nos teus braços. A rolinha não se apoia sobre a aza de seu companheiro?

Era precizo ver a gentileza e a garridice com que ella dizia todas essas frazes graciozas, que borbulhavam dos seus labios! A irradiação do seu olhar, a animação do seu rosto e a travessura de seu gesto fascinavam.

Pery ficou estatico diante da perspetiva dessa felicidade imensa, com a qual nunca sonhára; mas jurou de novo em sua alma que cumpriria a promessa feita a D. Antonio.

A tarde descaía; e era precizo tratar de prover aos meios de passar a noite em terra, o que seria muito mais perigozo; não para elle a quem bastava o galho de uma arvore; mas para Cecilia.

Seguindo pela marjem para escolher o lugar mais favoravel, Pery soltou uma palavra de sorpreza vendo a canôa que se tinha embaraçado n'uma dessas ilhas flutuantes feitas pelas parazitas do rio que boiam sobre as aguas.

Era o melhor leito que podia ter a menina no meio do dezerto; puxou a canôa, alcatifou o fundo com as folhas macias das palmeiras, e, tomando Cecilia nos braços, deitou-a no seu berço.

A menina não consentiu que Pery remasse; e a canôa deslizou docemente pelo leito do rio, apenas impelida pela correnteza.

Cecilia brincava; debruçava-se sobre as aguas para colher uma flor de passavem, para perse-

guir um peixe que beijava a face liza das ondas, para ter o prazer de molhar as mãos nessa agua cristalina, para rever a sua imajem nesse espelho vacilante.

Quando tinha brincado bastante, voltava-se para seu amigo e falava-lhe com o gazeio arjentino, mimozo chilrear dos labios travessos de uma linda menina, onde as couzas mais lijeiras e mais frivolas revestem encantos e graça suprema.

Pery estava distraído; seu olhar fitava-se no horizonte com uma atenção extraordinaria; a inquietação que se dezenhava no seu semblante era indicio de algum perigo, embora ainda remoto.

Sobre a linha azulada da cordilheira dos Orgams, que se destacava n'um fundo de purpura e rozicler, amontoavam-se grossas nuvens escuras e pezadas, que, feridas pelos raios do ocazo, lançavam reflexos acobreados.

Daí a pouco a serrania dezapareceu envolta nesse manto côr de bronze, que se elevava como as colunas e abobadas de stalactites que se encontram nas grutas das nossas montanhas. O azul puro e rizonho que cobria o resto do firmamento contrastava com a cinta escura, que ia enegrecendo gradualmente á medida que a noite caía.

Pery voltou-se.

— Tu queres ir para terra, senhora?

— Não; estou tão bem aqui! Não foste tu que me trouxeste?

— Sim; mas...

— O que?

— Nada; podes dormir sem receio!

Elle tinha-se lembrado que entre dois perigos o melhor era preferir o mais remoto; aquelle que ainda estava lonje e talvez não viesse.

Por isso rezolveu não dizer nada a Cecilia, e conservar-se atento e vijilante para salva-la, se o que elle temia se realizasse.

Pery havia lutado com o tigre, os homens, com uma tribu de selvajens, com o veneno; e tinha vencido. Era chegada a ocazião de lutar com os elementos; com a mesma confiança calma e impassivel, esperou pronto a aceitar o combate.

Anoiteceu.

O horizonte, sempre negro e fechado, se iluminava ás vezes com um lampejo fosforescente: um tremor surdo parecia correr pelas entranhas da terra e fazia ondular a superficie das aguas, como o seio de uma vela enfunada pelo vento.

Entretanto, ao redor tudo estava quieto; as estrelas recamavam o azul do céu; a viração aninhava-se nas folhas das arvores; os murmurios doces da solidão cantavam o hino da noite.

Cecilia adormeceu no seu berço, murmurando uma prece.

Era alta noite; sombras espessas cobriam as marjens do Parahyba.

De repente um rumor surdo e abafado, como de um tremor subterraneo, propagando-se por aquella solidão, quebrou o silencio profundo do ermo.

Pery estremeceu: ergueu a cabeça e estendeu os olhos pela larga esteira do rio, que, enroscando-se como uma serpente monstruoza de escamas prateadas, ia perder-se no fundo negro da floresta.

O espelho das aguas, lizo e polido como um cristal, refletia a claridade das estrelas, que já desmaiavam com a aproximação do dia; tudo estava imovel e quêdo.

O indio curvou-se sobre a borda da canôa, e de novo aplicou o ouvido; pela superficie do rio rolava um som estrepitozo, semelhante ao quebrar-se da catadupa precipitando-se do alto dos rochedos.

Cecilia dormia tranquilamente; sua respiração lijeira resoava com a harmonia doce e subtil

das folhas da cana quando estremecem ao sopro tenue da arajem.

Pery lançou um olhar de dezespero para as marjens que se destacavam a alguma distancia sobre a corrente placida do rio. Quebrou o laço que prendia a canôa, e impeliu-a para terra com toda a força do remo, que fendeu a agua rapidamente.

A' beira do rio elevava-se uma bela palmeira, cujo alto tronco era coroado pela grande cupola verde, formada com os leques de suas folhas lindas e graciozas. Os cipós e as parazitas, entrançando-se pelos ramos das arvores vizinhas, desciam até o chão, formando grinaldas e cortinas de folhajem, que se prendiam ás hastes da palmeira.

Tocando a marjem, Pery saltou em terra, tomou Cecilia meio adormecida nos seus braços, e ia entranhar-se pela mata virjem que se elevava diante delle.

Nesse momento, o rio arquejou como um gigante estorcendo-se em convulsões, e deitou-se de novo no seu leito, soltando um gemido profundo e cavernozo.

Ao lonje o cristal da corrente achamalotou-se; as aguas frizaram-se; e um lençol de espuma estendeu-se sobre essa face liza e polida, semelhante a uma vaga do mar dezenrolando-se pela areia da praia.

Logo todo o leito do rio cobriu-se com esse delgado sendal que se desdobrava com uma

velocidade espantoza, rumorejando como um manto de seda.

Então no fundo da floresta troou um estampido horrivel, que veiu reboando pelo espaço; dir-se-ía o trovão correndo nas quebradas da serrania.

Era tarde!

Não havia tempo para fujir; a agua tinha soltado o seu primeiro bramido, e, erguendo o colo, precipitava-se furioza, invencivel, devorando o espaço como algum monstro do dezerto.

Pery tomou a rezolução pronta que exijia a eminencia do perigo: em vez de ganhar a mata, suspendeu-se a um dos cipós, e galgando o cimo da palmeira, aí abrigou-se com Cecilia.

A menina, despertada violentamente e procurando conhecer o que se passava, interrogou seu amigo.

— A agua!... respondeu elle, apontando para o horizonte.

Com efeito, uma montanha branca, fosforescente, assomou entre as arcarias gigantescas formadas pela floresta, e atirou-se sobre o leito do rio, mujindo como o oceano quando açouta os rochedos com as suas vagas.

A torrente passou, rapida, veloz, vencendo na carreira o tapir das selvas ou a ema do dezerto; seu dorso enorme se estorcia e enrolava pelos troncos diluvianos das grandes arvores, que estremeciam com o embate herculeo.

Depois, outra montanha, e outra, e outra, se

elevaram no fundo da floresta; arremessando-se no turbilhão, lutaram corpo a corpo, esmagando com o pezo tudo que se opunha á sua passajem.

Dir-se-ía que algum monstro enorme, dessas giboias tremendas que vivem nas profundezas da agua, mordendo a raiz de uma rocha, fazia girar a cauda imensa, apertando nas suas mil voltas a mata que se estendia pelas marjens.

Ou que o Parahyba, levantando-se qual novo Briareu no meio do dezerto, estendia os cem braços titanicos, e apertava ao peito, estrangulando-a em uma convulsão horrivel, toda essa floresta secular que nascera com o mundo.

As arvores estalavam; arrancadas do seio da terra ou partidas pelo tronco, prostravam-se vencidas sobre o gigante, que, carregando-as ao hombro, precipitava-se para o oceano.

O estrondo dessas montanhas d'agua que se quebravam, o estampido da torrente, os trôos do embate desses rochedos movediços, que se pulverizavam enchendo o espaço de neblina espessa, formavam um concerto horrivel, digno do drama majestozo que se reprezentava no grande senario.

As trevas envolviam o quadro, e apenas deixavam ver os reflexos prateados da espuma e a muralha negra que cinjia esse vasto recinto, onde um dos elementos reinava como soberano.

Cecilia, apoiada ao hombro do seu amigo, assistia horrorizada a esse espetaculo pavorozo; Pery sentia o seu corpinho estremecer; mas os

labios da menina não soltaram uma só queixa, um só grito de susto.

Em face desses trances solenes, desses grandes cataclismos da natureza, a alma humana sente-se tão pequena, aniila-se tanto, que se esquece da existencia; o receio é substituido pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emudece e paraliza.

O sol, dissipando as trevas da noite, assomou no oriente; seu aspeto majestozo iluminou o dezerto; as ondas de sua luz brilhante derramaram-se em cascatas sobre um lago imenso, sem horizontes.

Tudo era agua e céu.

A inundação tinha coberto as marjens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'agua, que o temporal durante uma noite inteira vertera sobre as cabeceiras dos confluentes do Parahyba, desceram das serranias, e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sobre a varzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que aparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céu, azul e limpido, sorria mirando-se no espelho das aguas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as arvores pequenas dezapareciam; e a folhajem dos soberbos jacarandás sobrenadava já como grandes moitas de arbustos.

A cupola da palmeira, em que se achavam Pery e Cecilia, parecia uma ilha de verdura banhando-se nas aguas da corrente; as palmas que se abriam formavam no centro um berço mimozo, onde os dois amigos, estreitando-se, pediam ao céu para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

Cecilia esperava o seu ultimo momento com a sublime rezignação evanjelica, que só dá a relijião de Cristo; morria feliz; Pery tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirára dos seus labios.

— Podemos morrer, meu amigo! disse ella com uma expressão sublime.

Pery estremeceu; ainda nessa hora suprema seu espirito revoltava-se contra aquella idéa, e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

— Não! exclamou elle. Tu não pódes morrer.

A menina sorriu docemente.

— Olha? disse ella com a sua voz mavioza, a agua sobe, sobe...

— Que importa! Pery vencerá a agua, como venceu a todos os teus inimigos.

— Se fosse um inimigo, tu o vencerias, Pery. Mas é Deus... É o seu poder infinito!

— Tu não sabes? disse o indio como inspirado pelo seu amor ardente, o Senhor do céu manda ás vezes áquelles a quem ama um bom pensamento!

E o indio ergueu os olhos com uma expressão inefavel de reconhecimento.

Falou com um tom solene:

«Foi lonje, bem lonje dos tempos de agora. As aguas caíram, e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na varzea com sua espoza.

«Era Tamandaré; forte entre os fortes; sabia mais que todos. O Senhor falava-lhe de noite; e de dia elle ensinava aos filhos da tribu o que aprendia do céu.

«Quando todos subiram aos montes, elle disse: — Ficai comigo; fazei como eu, e deixai que venha a agua.

«Os outros não o escutaram; e foram para o alto; e deixaram elle só na varzea com sua companheira, que não o abandonou.

«Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subiu com ella ao olho da palmeira; aí esperou que a agua viesse e passasse: a palmeira dava frutos que os alimentavam.

«A agua veiu, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surjiu uma, duas e trez vezes. A terra dezapareceu; a arvore dezapareceu; a montanha dezapareceu.

«A agua tocou o céu; e o Senhor mandou então que parasse. O sol olhando só viu céu e agua, e entre a agua e o céu, a palmeira que boiava levando Tamandaré e sua companheira.

«A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira,

subiu com ella; subiu acima do vale, acima da arvore, acima da montanha.

«Todos morreram. A agua tocou o céu trez soes com trez noites; depois baixou: baixou até que descobriu a terra.

«Quando veiu o dia, Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da varzea; e ouviu a avezinha do céu, o guanumby, que batia as azas.

«Desceu com a sua companheira, e povoou a terra.»

Pery tinha falado com o tom inspirado que dão as crenças profundas; com o entuziasmo das almas ricas de poezia e sentimento.

Cecilia o ouvia sorrindo, e bebia uma a uma as suas palavras como se fossem as particulas do ar que respirava; parecia-lhe que a alma de seu amigo, essa alma nobre e bela, se desprendia do seu corpo em cada uma das frazes solenes, e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebe-la.

A agua subindo molhou as pontas das largas folhas da palmeira, e uma gota, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecilia.

A menina, por um movimento instintivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundação abria a sua fauce enorme para traga-los, murmurou docemente:

—Meu Deus!... Pery!...

Então passou-se sobre esse vasto dezerto d'agua e céu uma sena estupenda, heroica, sobrehumana; um espetaculo grandiozo, uma sublime loucura.

Pery alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das arvores já cobertas d'agua, e com esforço dezesperado cinjindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até ás raizes.

Trez vezes os seus musculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e trez vezes o seu corpo vergou, cedendo á retração violenta da arvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado.

Luta terrivel, espantoza, louca, esvairada, luta da vida contra a materia, luta do homem contra a terra; luta da força contra a imobilidade.

Houve um momento de repouzo em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a arvore; o impeto foi terrivel; e pareceu que o corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrivel.

Ambos, arvore e homem, embalançaram-se no seio das aguas: a haste oscilou; as raizes desprenderam-se da terra já minada profundamente pela torrente.

A cupola da palmeira, embalançando-se graciozamente, resvalou pela flor d'agua como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formada pelas vejetações aquaticas.

Pery estava de novo sentado junto de sua

senhora quazi inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema:

— Tu viverás!

Cecilia abriu os olhos, e vendo seu amigo junto della, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ella; viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daquelles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

— Sobre aquelle azul que tu vês, continuou ella, Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Pery! Tu viverás com tua irmã, sempre!...

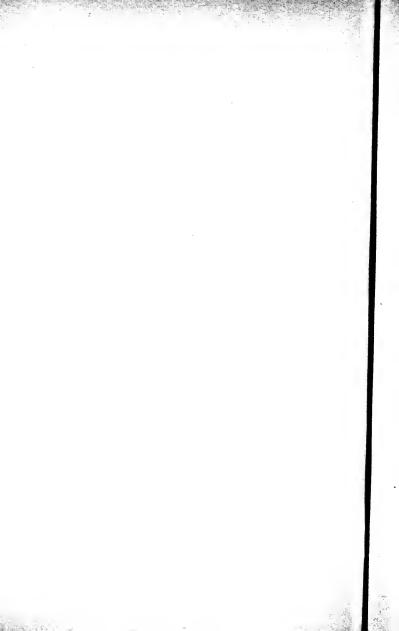
Ella embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e languida reclinou a loura fronte.

O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virjem um ninho de castos rubores e limpidos sorrizos: os labios abriram como as azas purpureas de um beijo soltando o vôo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuoza fujia.

E sumiu-se no horizonte.

FIM DA QUARTA E ULTIMA PARTE

NOTAS

DO TOMO SEGUNDO

PAG. 6. — **Crispim Tenreiro.**

Foi um dos fundadores do Rio de Janeiro; era cazado com D. Izabel Mariz, irmã de D. Antonio.

PAG. 125. — **Mussurana.**

«Os contrarios que os Tupinambás cativam na guerra ou de outra maneira, metem-nos em prisões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso têm muito louçãs, a que chamam mussuranas.» — G. S. DE SOUZA, *Roteiro do Brazil.*

PAG. 127. — **Espoza do tumulo.**

«Dão a cada um prizioneiro por mulher a mais formoza moça que ha na sua caza; a qual moça tem o cuidado de o servir e dar-lhe o necessario para comer e beber.» — G. SOARES DE SOUZA, *Roteiro do Brazil, cap.* 71.

PAG. 128. — **Cardo.**

Fruto da urumbeba e de outras palmas de espinhos de que ha diferentes especies; é vermelho na casca, de polpa branca e sementes pretas.

PAG. 130. — Corrixo.

Corrixo é um passarinho que tem o dom de arremedar a todos os outros.

«Temos o passaro que entôa
Por mil diferentes modos,
Porque elle remeda a todos,
Seu proprio nome é corrixo.»

J. J. LISBOA, *Desc. curioza.*

PAG. 131. — E's livre.

«Mas tambem ha algumas que tomaram tamanho amor aos cativos que as tomaram por mulher, que lhes deram muito geito para se acolherem e fujirem das prizões que elles cortam com alguma ferramenta que ellas ás escondidas lhes deram, etc.» — G. SOARES DE SOUZA, *Roteiro do Brazil, cap.* 171.

PAG. 141. — Sacrificio.

Os costumes dos Aymorés não eram inteiramente conhecidos, por cauza do afastamento em que sempre viveram dos colonos. Em algumas couzas porém assemelhavam-se á raça tupy; e é por isso que na descrição do sacrificio aproveitámos o que dizem Simão de Vasconcellos e Lamartinière a respeito dos Tupinambás e outras tribus mais ferozes.

PAG. 164. — Veneno.

Os indigenas fabricavam diversos venenos, e a sua perfeição foi objeto de admiração para os colonizadores. Humboldt, á vista dos seus conhecimentos toxicolojicos, concluiu que devia ter havido na America antigamente

uma grande civilização, e que della haviam os selvajens herdado esses uzos. Os principaes desses venenos eram o *bororé* e o *uirari*.

PAG. 165. — Curarê.

«Le bororé, dont le révérend père Gumilha a donné la description dans son *Orenoco ilustrado,* paraît être exactement le même dont l'abbé Gilly parle dans son *Histoire de l'Amérique*, et qu'on désigne aujourd'hui par le nom de *curarê*. Suivant M. Humboldt, c'est un strichnos, et il ne faut pas le confondre avec le tucunas, composé toxique dont parle M. de la Condamine dans la relation de son voyage aux Amazones.» — Dr Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil.*

PAG. 166. — Em algumas horas.

Sobre a violencia do *curarê* diz ainda o Dr Sigaud o seguinte:

«En 1830, le président C. J. de Nyemer apporta du Pará à Rio de Janeiro une petite portion de *curarê* qu'on fit prendre à petites doses à divers animaux, qui tous ont succombé en peu d'heures dans des convulsions violentes. Le docteur Lacerda, qui a longtemps pratiqué au Pará et au Maranhão, a fait, dit-on, d'importantes recherches sur les poisons indiens encore inédites; le *curarê* est, de son aveu, un poison violent, causant d'abord un état tétanique, ensuite une torpeur générale qui précède la mort.»

PAG. 188. — Contraveneno.

Segundo Humboldt, o assucar é um contraveneno do *curarê*. Os indios porém conheciam naturalmente outros muito mais eficazes, e que hoje se ignoram do mesmo modo que o da cascavel.

PAG. 188. — **Seta hervada.**

O curarê tambem servia aos indios para hervarem as setas, e nesse cazo tinha uma preparação especial. Vid. GUMILHA, *Orenoco ilustrado.*

PAG. 241. — Guanumby.

Segundo uma tradição dos indios, o colibri, que conheciam pelo nome de *guanumby,* levava e trazia as almas do outro mundo.

PAG. 245. — **Igara.**

Significa em guarany *canôa; atyaty* é o nome que davam á gaivota.

PAG. 264. — Tamandaré.

É o nome do Noé indijena. A tradição rezava que na ocasião do diluvio elle escapára no olho de uma palmeira, e depois povoára a terra. É a lenda que conta Pery.

FIM DAS NOTAS DO TOMO SEGUNDO

INDICE

TERCEIRA PARTE

OS AYMORÉS

QUARTA PARTE

A CATASTROFE